Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º / 19118 4$00

SEGUNDA-FEIRA 2 AGOSTO 1976

ESTA TARDE NA "AULA" DE S. BENTO

PROGRAMA VAI A EXAME

O programa do primeiro Governo Constitucional subiu esta tarde à Assembleia da República, que se encontra reunida desde as 15 horas.

Ultimado este fim-de-semana e discutido ontem à noite com o Presidente da República depois de novas consultas aos partidos políticos, o programa está a ser apresentado pelo Primeiro-Ministro, Mário Soares, exactamente no limite do prazo estipulado pela Constituição, ou seja dez dias após a sua nomeação.

Ainda nos termos da Constituição, «do programa de Governo constarão as principais medidas politicas e legislativas a adoptar ou propor ao Presidente da República ou à Assembleia da República para execução da Constituição» e a ele ficarão vinculados todos os membros do Governo.

Após o acto de hoje haverá um prazo de 48 horas para distribuição e apreciação do texto programático pelos deputados, findos o que se iniciará o seu debate, que não poderá exceder o limite de cinco dias. Durante este período qualquer grupo parlamentar poderá propor a rejeição do programa, sujeitando-o a uma votação que, para obter o efeito proposto, necessitará da maioria absoluta dos deputados em efectividade de funções.

Na sessão que decorre em S. Bento os representantes dos grupos parlamentares e dos partidos terão um período de 15 minutos, após a apresentação do programa de Governo, para solicitarem pedidos de esclarecimento, estabelecendo o regimento da Assembleia que as respostas a estas solicitações não se poderão prolongar por período superior a uma hora.

No decurso do debate a iniciar nas próximas 48 horas, cada grupo parlamentar disporá de um período total de três horas para intervenções, sendo de apenas uma hora o período concedido à U.D.P., único partido que não possui grupo parlamentar. Os debates serão encerrados com a intervenção de um representante de cada partido e do Primeiro-Ministro.

As moções de rejeição do programa poderão ser apresentadas por qualquer partido até ao encerramento dos debates e a sua eventual aprovação implicará a demissão do Governo. Conforme referimos na nossa edição de sábado, não é previsível que tal venha a suceder.

CONSELHO DE MINISTROS E PRIMEIROS DESPACHOS

O Conselho de Ministros voltou a reunir-se no sábado, prolongando os seus trabalhos até às primeiras horas da madrugada de domingo. O objectivo desta reunião centrou-se exclusivamente no programa de Governo.

O Presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes, esteve em S. Bento enquanto decorriam os trabalhos, trocando impressões com o Primeiro-Ministro sobre a ultimação do programa.

Entretanto foram publicados os primeiros despachos do chefe do Governo.

Ao ministro de Estado Henrique de Barros foi atribuída a competência de ministro do Equipamento Social e do Ambiente e ao ministro sem pasta Jorge Campinos competência para despachar assuntos relativos à Comissão e Subcomissão Interministerial de Saneamento e Reclassificação e à Comissão Interministerial Reintegração.

Outros despachos autorizam o ministro da Administração Interna, Costa Brás, a aprovar horários especiais, e o secretário de Estado adjunto, Cunha Rego, a despachar assuntos de administração relativamente a serviços na dependência da Presidência do Conselho. O ministro de Plano de Coordenação Económica, Sousa Gomes, fica com competência no que se refere ao Gabinete de Planeamento da Região do Algarve.

De Montreal para Lisboa: duas de prata

Amanhã às 10 horas chega de Montreal a delegação portuguesa às Olimpíadas de Montreal, trazendo na «bagagem» duas medalhas de prata correspondentes a dois segundos lugares: Carlos Lopes (10 mil metros) e Armando Marques (tiro-fosso olímpico). Foi a melhor soma de resultados obtida desde sempre pelo País na maior competição desportiva do Mundo. **Ler nas págs. 16 e 17.**

Seis milhões de pequinenses esperam na rua que passe o perigo dos sismos

(Telefoto especial para o «Diário de Lisboa)

Pequim na rua à espera do terramoto

PEQUIM, 2 (R e ANOP) — Quinze novos abalos sísmicos se registaram desde a passada sexta-feira na área de Tangshan, a Leste da capital chinesa. Em todos eles a intensidade ultrapassou os cinco pontos da escala de Richter. Enquanto os especialistas afirmavam que o epicentro das perturbações se deslocava na direcção de Pequim, foi dada ordem aos seis milhões de habitantes da cidade para que saíssem das suas casas e permanecessem ao ar livre. Funcionários chineses telefonaram a todas as Embaixadas, alertando para o novo sismo esperado e aconselhando vigilância. Assim, na Embaixada britânica começaram a queimar documentos, tarefa facilitada pelo forte vento que sopra; a Embaixada da R. D. A. evacuou as mulheres, as crianças e a maior parte do seu pessoal; apenas 18 pessoas permaneceram na Embaixada canadense e todas as mulheres e crianças japonesas partiram para Tóquio. Por sua vez, os soviéticos estão acampados nos jardins da sua Embaixada, mas ainda não iniciaram os preparativos para a evacuação. No Templo do Sul, perto do bairro das Embaixadas, o aspecto é o de um grande parque de campismo, o mesmo acontecendo nas imediações da Universidade de Pequim e do Instituto de Línguas Estrangeiras, onde centenas de estudantes permanecem ao ar livre. A maioria desses estudantes é proveniente de países do Terceiro Mundo.

De acordo com notícias divulgadas pelo «Diário do Povo», as operações de socorro às vítimas do grande sismo da passada quarta-feira, provocaram a morte de vários socorristas. O jornal diz ainda que alguns dos dirigentes da zona atingida pelo sismo passaram a fazer parte das brigadas de salvamento depois deles próprios terem sido socorridos. Anunciando a morte de elementos das equipas médicas e de alguns trabalhadores que participavam nos salvamentos, o «Diário do Povo» volta a não mencionar o número exacto das vítimas dos abalos. Um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros afirmou que os números divulgados no exterior eram «muito especula-

Continua na pág. 20

20 PÁGINAS

- **A emigração açoriana nos E.U.A. num texto-montagem de Fernando Calixto** **(Pág. 2)**
- **O "slogan": poesia e arma num grito de guerra** **(Centrais)**

Nacional

Açores: do que o sangue uniu e o mar separa

3. Grandezas da América

1. Em Porto Martim, aldeia com sua lavoura no mar e um céu de estrelas bordado, o filho do João Sebastião disse ao pai, sem mais aquelas: «O meu fim é o Candá e não saio disto».

«Meu pai dá-me agora a passagem e o passadio de uma semana e eu pago tudo depois e dá aos meus irmãos o meu quinhão na herança e isto fica tudo como em escritura. Não quero mais nada.»

E tudo se amanhou.

2. O José do Sebastião partiu para Toronto com passagem paga e dinheiro curto para um mesito a meia ração. E depois vieram as novas:

«Saiba, meu pai, que a cidade é muito bonita. Não se sente diferença entre a noite e o dia, tal a força das lâmpadas eléctricas.

Há trabalho e tudo se vende.

Gastei pouco do meu.

Enquanto não arranjo coisa de melhor tempero, ando à minhoca cada caixa $25; ainda faço três dólares sempre em moeda dai são 90$00..»

3. E mais cartas foram chegando:

«Saiba meu pai que o «mapara uma fábrica de caixotaria. Esta fábrica são três ou mais... tudo da companhia do mesmo 'boss'».

4. E outras mais:

«Saiba mau pai que o «manager» escolheu-me para um grupo de soldadores... Mas tenho de saber mais língua para ler umas coisas complicadas que meu pai não percebe; eu não tenho tempo de explicar e se explicasse meu pai ficava na mesma.

Vou agora para a escola, para aprender melhor o inglês, que é a língua que eles usam e depois para a «school» aprender soldagem. Eles pagam a escola e as horas de estudo.

Isto é que são terras!»

5. «Meu pai, vai pedir a Filomena aos pais dela, quando receber os papéis que lhe envio. Trata do casamento e tudo de um fôlego.

O meu banqueiro escreve ao dai, meu pai é avisado, levanta o que for preciso e diz ao «lawer» que telegrafe para a minha direcção, quando chega a Filomena, para tudo bater certo.»

6. E ainda e sempre cartas:

«Meu pai já é sabedor que tem um neto que é a minha cara pintada e escarrada em pequeno, acho eu!»

7. «Pois estou com 50 dólares diários, já comprei casa e tenho tudo de portas a dentro. Passei para a fábrica dos aviões que é do mesmo «boss». O «manager» pôs 30 homens à minha conta. Eu sou o primeiro soldador e com um espelho e uma «machin special» soldo 50 fios, um por um e só de uma vez. Não é qualquer um que sabe fazer isso...»

8. Resposta do pai à última carta, baralhado com tanta e inesperada grandeza:

«Meu filho: só agora é que percebi porque caem tantos aviões...»

9. E mais cartas: esta de João da Costa:

«Meu pai: tudo o que se diz das Américas, tanto seja do U. S. A. como do Canadá, é mentira, fique sabendo meu pai. As «towns» são maiores, mas a miséria é tamanha. O que há é facilidades.

Tendo meu pai — é um «supônhamos» — um cartão de emprego, compra num «stoer» tudo o que precisa, mas paga em «prestações». Uma para cada coisa... Se meu pai — é um supor — não paga uma das ditas, mesmo que seja a última, *levam-lhe tudo,* mas tudo...

Mas, um homem direito, compra tudo o que precisa, sem moléstia nenhuma, contanto que... pague. E pagando, pouco ou quase nada lhe resta da semana...»

10. E também escreveu:

«Meu pai: já comprei um automóvel, onde cabe toda a família e ainda cresce um lugar... Foi em 2.ª ou 3.ª mão. Está tudo nesta «town» regulado. Até há um cemitério para automóveis, veja meu pai!

O meu carro, que é agora meu, estava no cemitério. Meu pai não entende disto. Mas não foi um luxo. E que eu moro longe da usina. A cavalo num burro tinha de sair de casa no domingo para chegar à usina na 4.ª feira, sem contar com a volta. Não dá certo.

Mandei num «traveller's da prima 20 dollar's (twenty). Não é muito nem pouco... é o que pode ser. Se não fosse a vergonha, antes queria andar atrás das vacas: eram minhas e eu era meu patrão.

Não pense, meu pai, que estou «arrependido». Um homem morre, mas fique a fama e eu ainda hei-de comprar, ou arrebente, a terra que meu avó e meu pai faz há 70 anos! O que é preciso è ter sorte...»

11. Conversa do sr. Jacinto Brito na tenda de mestre Manuel Revira:

«Home esperto, meu sobrinho Raul. Trocou andar atrás das vacas para ser padre... serviço mais limpo. Ao depois, do fim do seminário, com tudo pago, armou um «ingriseu» que o sr. Bispo de Angra o pôs na rua! Concorreu às escolas «industriales» e disse que era igual aos outros em doutoria. Foi para a América, tornou-se religioso de uma religião que é tudo igual à nossa, com suas diferenças, bem entendido! E está bispo e casou com uma americana rica, por sinal, filha de uns florentinos das Flores.»

FERNANDO CALIXTO

UM DIA ANTES DA APRESENTAÇÃO

Mário Soares mostrou programa a Melo Antunes e aos partidos

O dr. Mário Soares avistou-se ontem com Melo Antunes, na sua qualidade de presidente da Comissão Constitucional, e com representantes dos partidos presentes na Assembleia da República, a quem apresentou as linhas programáticas do seu Governo.

O programa, que será apresentado, esta tarde, pelo Primeiro-Ministro à Assembleia, mereceu ao major Melo Antunes referências positivas, tendo este, no final do encontro com Mário Soares, afirmando: «por aquilo que eu observei, muito parcelarmente, pois não tive oportunidade de fazer nem uma leitura nem um estudo aprofundaddo de todo o programa, parece-me que, nas partes essenciais, é muito bem capaz de obter a aceitação do país de um modo geral».

Salientando, por outro lado, a «grande dificuldade do Governo em elaborar, em apenas 10 dias, um programa muito pormenorizado. Melo Antunes referiu que as grandes conquistas dos trabalhadores estão lá consignadas. Disse o conselheiro da Revolução.

«Aquilo que se considera a superação da crise económica, a reconstrução da economia e, portanto, a definição de um novo modelo de sociedade, assenta primordialmente (e essa foi uma das minhas preocupações fundamentais ao observar agora o programa), na manutenção dos sector público, na manutenção das conquistas sociais já feitas, nomeadamente as nacionalizações e a Reforma Agrária, e de se conseguir de facto um efectivo esquema de controlo de gestão por parte dos trabalhadores, e a partir dai, definir de uma forma coerente e lógica, um sistema real de superação da crise e de transformação da nossa sociedade e da nossa economia, no sentido que aponte para um modelo de socialismo».

P.P.D.-C.D.S.: CONHECER NA ÍNTEGRA

O partido recebido em primeiro lugar foi o P.P.D., representado por Barbosa de Melo Rui Machete e Cunha Leal. A saída da reunião, Barbosa de Melo diria: «ficamos a conhecer o esquema geral do programa do Governo, qual a sua estrutura, mas, naturalmente, não conhecemos o programa em pormenor, nem sequer o seu conteúdo». Acrescentou ainda que qualquer posição quanto ao mesmo, por parte do P.P.D. apenas terá lugar «no fim de o conhecer na íntegra», visto que, devido a sua minúncia, «obrigará a uma reflexão ainda maior».

Freitas do Amaral, que chefiou a delegação do C.D.S., «para troca de impressões sobre o programa de Governo», distinguiu, relativamente à posição do seu partido, entre «posição em relação ao voto do Programa do Governo» e a posição do C.D.S. «em relação ao Governo P.S.». Sobre o primeiro ponto disse depender fundamentalmente do programa e do debate que se seguirá. «Nós — disse Amaral — não podemos definir neste momento se votaremos de uma maneira ou de outra, sem conhecer o programa concretamente».

Sobre o «Governo P.S.», o líder «centrista» afirmou que o seu partido manterá uma «atitude de oposição democrática, mais ou menos colaborante, conforme a orientação que o Governo seguir, e até a forma como actuar em relação a nós».

P.C.P.: INTERESSES DOS TRABALHADORES

Álvaro Cunhal, que esteve presente na reunião acompanhado de Octávio Pato e Carlos Brito, afirmou à saída de S. Bento, que o P.C.P. não manterá «uma oposição contestatária sistemática» e que procurará «pelo diálogo mantido através dos órgãos do poder, colaborar na defesa dos interesses dos trabalhadores».

O secretário-geral do P.C.P. diria ainda que durante o encontro foram trocadas impressões de «bastante utilidade», tendo acrescentado que, apesar das reservas que o P.C.P. põe ao Governo do Partido Socialista, «pelo nosso lado faremos tudo quanto estiver ao nosso alcance para consolidar a democracia em Portugal, e isto apesar dos últimos tempos do VI Governo não terem sido de molde a tranquilizar-nos em relação ao futuro das conquistas dos trabalhadores».

Ainda a propósito do Programa do Governo, Álvaro Cunhal disse que a posição do seu partido na Assembleia da República apenas será tomada depois «dos pareceres de especialistas do P.C.P. sobre os diversos sectores que o programa abrange.»

U.D.P.

Por seu lado a delegação da U.D.P., constituída por Acácio Barreiros, Félix Ribeiro e José Manuel Esperto, afirmaria à saída da sua entrevista com o Primeiro-Ministro: «O dr. Mário Soares apresentou-nos o esqueleto do Programa do seu Governo. Trocámos impressões gerais, mas reservamos a nossa posição para a Assembleia da República, aquando da discussão do programa. No mais reafirmamos a nossa posição de independência em relação ao Governo Socialista e de compromisso com o povo português.

No final destes encontr Mário Soares dirigiu-se, ce das 23 e 30, ao Forte Catar te, onde apresentou ao Presidente da República, general Ramalho Eanes, o programa do seu Governo, revelando ao mesmo tempo a troca de impressões que teve com os partidos e com Melo Antunes.

M.S.D. denuncia manobras das forças reaccionárias

PORTO, 2 — «Vemos o general Kaúlza de Arriaga com o seu suprapartidário «Movimento Independente de Reconstrução Nacional» garantir que ele em nada prejudica os objectivos de partidos como o C. D. S. e o P. P. D., podendo mesmo haver «uma total harmonia entre as três organizações», o que visa perfidamente aliciar ou confundir militantes menos prevenidos. Vemos os «Comités de Defesa das Liberdades» difundirem documentos subversivos nos meios militares, com o objectivo nítido de criar uma nova espécie de «S. U. V.'s de oficiais». Vemos antigos ministros e dignitários salazaristas assistirem a uma missa na data da morte do ditador, onde se distribuem panfletos de um chamado «Movimento Pró-Pátria» do mais puro estilo colonialista e fascista. Vemos certa Imprensa despudorada, sem o mínimo respeito pela verdade nem pela dignidade, destilar calúnias contra os democratas vítimas do antigo regime, encobrindo os crimes e as corrupções deste. Vemos os atentados à bomba perpetrados cobardemente, criando um ambiente de instabilidade e insegurança, que dificulta a recuperação económica e a criação de um clima pacífico de trabalho e convivência social» — denuncia um comunicado da Federação Regional do Norte do Movimento Social-Democrata (M.S.D.).

Sublinhando que «é tempo de dizer não a estas manobras. É tempo de os poderes públicos e as entidades competentes pararem a engrenagem. É tempo de aplicar as leis democráticas contra os prevaricadores», o M.S.D. alerta no seu comunicado para «as forças mais reaccionárias da extrema-direita que, sentindo fugir-lhes o terreno debaixo dos pés, começam a tirar a máscara, depois de se terem acobertado sob a capa da «liberdade» e da «democracia», e afirma que o M.S.D. cumprindo o seu dever defenderá em todas as circunstâncias a liberdade, a democracia e o socialismo».

Duas posses no Ministério da Habitação

No Ministério da Habitação, Urbanismo e Construção, no decurso de um curto e simples acto a que presidiu o titular daquela pasta, eng. Eduardo Pereira, tomaram posse dos cargos de presidente da comissão coordenadora de projectistas e consultores, e da comissão coordenadora da construção civil, respectivamente, os eng.os Sérgio Pessoa e Manuel Vaz.

Como atribuições fundamentais das comissões acima mencionadas, salienta-se a coordenação de empresas incorporadas nos seus sectores de intervenção, não só no que se refere a normalização, disciplina, distribuição e salvaguarda dos postos de trabalho (através de um conhecimento aprofundado e actual das empresas), como também uma pesquisa sistemática visando um melhor aperfeiçoamento técnico das mesmas.

CONSELHO DE INFORMAÇÃO PARA A ANOP E IMPRENSA ESTATIZADA

Foi criado um Conselho de Informação para a Anop e para a imprensa estatizada, idêntico aos já criados para a RTP e radiodifusão, dando assim cumprimento ao disposto no art. 39. da Constituição, na parte relativa às publicações periódicas editadas por empresas pertencentes ao Estado ou a entidades directa ou indirectamente sujeitas ao seu controlo económico.

O Conselho de Informação é constituído por representantes indicados pelos partidos políticos com assento na Assembleia da República, que indicarão um por cada 15 deputados, com o mínimo de um por cada partido.

Os membros do Conselho são designados pelo tempo que durar o assento na A.R. do partido político que os tiver designado, com o limite do termo da respectiva legislatura.

O decreto-lei que cria o Conselho de Informação para a Anop e para a imprensa estatizada veio publicado no «Diário da República» de hoje.

Em estudo uma Federação de Cooperativas de Consumo

Está a ser desencadeado um processo de organização duma estrutura federativa para as cooperativas de consumo, cujo objectivo central, segundo os seus responsáveis, é de dar representatividade a este movimento cooperativo.

Para debater o tema, reuniram-se anteriormente representantes da Cooperativa do Pessoal da TAP, e das Cooperativas «Novos Pioneiros» de Braga, e «União» e «Boa Vontade» de Viana do Castelo.

Os promotores convidaram já um conjunto de cooperativas para desencadear as acções necessárias à congregação de todas as cooperativas de consumo.

Apelo argentino a favor de dois sindicalistas

José Páez e Ajtur Apaza, dois dirigentes sindicais de Buenos Aires recentemente presos, «correm o risco de ser assassinados pela Junta Militar de Videla», segundo um comunicado do PRT, que denuncia a «intensificação sangrenta da repressão da JM argentina sobre os trabalhadores. No texto em questão o PRT assinala que ambos os dirigentes sindicais participaram nas lutas insurreccionais de 1969 e 1973.

Apelando para a solidariedade dos trabalhadores portugueses, das organizações políticas e sindicais, para todos os antifascistas e anti-imperialistas, o comunicado daquele partido argentino refere que na prisão de Córdova, onde se encontra Páez, foram mortos nas últimas semanas (ou dados como «desaparecidos») 17 presos políticos «sem qualquer julgamento».

post-scriptum

Ainda sobre «Infantários onde a exploração continua»

O «D.L.» publicou há dias, nesta secção, uma carta da autoria da sr.ª D. Susana da Silva, em resposta à minha, intitulada «Infantários onde a exploração continua», também publicada semanas atrás, no «Post-scriptum». Sobre o texto da referida senhora, tenho a dizer o seguinte:

1.º — Ainda bem que reconheceu o colégio, pois isso é uma boa prova de que tudo quanto eu disse é verdade (há outros colégios com os mesmos preços e condições).

2.º — Também me dá razão ao chamar-lhe «negócio» e, nessa ordem de ideias, quando pago popelina, exijo popelina e não chita, o que quer dizer uma boa mercadoria, ou, neste caso, um bom serviço.

3.º — O caso particular deste colégio foi apenas um exemplo, para demonstrar quanto ainda há a fazer neste país.

Mas a sr.ª D. Susana, alienada por anos de obscurantismo não se deu sequer conta de que o exemplo é um elemento parcial que se insere numa visão global do mundo capitalista.

De facto, numa sociedade como a nossa, onde tudo tem um preço e onde o dinheiro é o elemento fundamental, as pessoas estarão sempre condicionadas pela estrutura económica.

Não se admire pois, se os operários recorreram à «agitação para extorquir regalias imerecidas ao patronato»! Eles também têm filhos que, como os seus, deveriam ter os mesmos direitos à nascença, porque, D. Susana, as crianças são todas iguais. Ora será a todos nós e ao Governo que compete resolver estes problemas: direito à educação, à saúde e ao trabalho.

Ao dizer que os seus filhos, saindo desse colégio estarão preparados a «preencher dignamente um lugar na vida por meio de trabalho competente», mais uma vez está a fazer a demarcação entre aquele que pode ter acesso à educação e aquele que não tem e que, por isso mesmo constitui, talvez para si, a escória da sociedade que só sabe «extorquir».

Minha senhora, para finalizar, devo dizer-lhe: a educação não é, não deve ser, um «negócio». E talvez consiga compreender isto se ler um artido de Vladimir Lomeiko, «Instruir não chega», publicado no «D.L.» de 22 de Maio último.

Eugénia Pinto — LISBOA

Os baldios devem ser restituídos ao povo

Sou de uma aldeia encravada no sopé da serra, da freguesia de Alvoco da Serra, concelho de Seia. Tenho bem presente que, na altura em que o regime florestal foi imposto nesta região, a população ficou reduzida à miséria!

O regime florestal cuja sede é em Gouveia, açambarcou até o que estava longe de lhe pertencer, como terras, águas — tal é o caso de uma mina que tem uma grande história e que foi anexada ao meu avô cuja água não é aproveitada e se desperdiça totalmente, enquanto os cereais e as árvores de fruto morrem de sede, tanto do meu avô como dos meus tios. Não houve indemnizações; os guardas, em alguns casos, perseguem tudo e todos. Não se podia ir cortar mato, lenha, não se podia ir apascentar o gado, pois toda a gende o vendeu, ficando sem nada!

Hoje, apenas há algumas vacas porque são animais que se mantêm nas lojas e não saem. Mas até para estes serem vacinados é preciso andar quilómetros e esperar o tempo que certas pessoas querem. Médico pode dizer-se que não há. Houve pessoas que emigraram devido às condições que lhe foram impostas por estes factos.

Com toda esta sonegação as pessoas não podem viver satisfeitas e talvez um ou outro tentem vingar-se! E há gente capaz de tudo. Ainda me lembro ouvir dizer a muita gente que havia de ser tudo queimado. Na Teixeira, o povo ofereceu tamanha resistência à introdução da floresta que a G.N.R. teve de pedir reforços havendo mesmo confrontos após o toque dos sinos a rebate!

Eu cheguei a escrever ao snr. gen. Spínola, no 1.º GP que não deu resposta, pois denunciava a situação criada a toda aquela gente; escrevi ao Secretário de Estado da Agricultura do 5.º Governo e o caso esteve quase resolvido, mas tudo se frustrou com saídas e entradas como era costume dos Governos.

Andavam a fazer a estrada municipal n.º 5, que iria beneficiar toda a agricultura da margem direita dum afluente do Alva cuja nascente parte de Alvoco da Serra mas como veio o 25 de Abril as obras não mais prosseguiram. Mais uma arrelia para os agricultores que vêem gastar dinheiro público onde menos falta faz.

Tenho a sensação de que tudo se está a encaminhar positivamente. Se assim for, se houver justiça acredito que as florestas passem a crescer nos terrenos onde devam ser implantadas. Mas se não se repararem os males que se fizeram, não acredito. É preciso falar com a gente serrana mais abandonada, ouvi-la e ver as suas necessidades, os seus anseios, isto é, que o Governo passe a ter deveres para com eles e não exclusivamente direitos e imposições inadequadas que apenas servem um reduzido número de privilegiados.

Na serra da Estrela os baldios eram do povo e ao povo terão de ser restituídos.

Abílio C. da Silva
LISBOA

DO NOROESTE AO NORDESTE

UMA UNIVERSIDADE NOVA NUMA REGIÃO PERIFÉRICA (III)

SANTOS SIMÕES

A situação conjuntural portuguesa obriga a profunda reflexão e a decisões rápidas no que concerne ao lançamento de infra-estruturas que respondam às exigências de um país atrasado e geograficamente situado na Europa.

Existem contradições entre a profunda reflexão e as decisões rápidas e por isso torna-se indispensável que as segundas não venham bloquear os resultados da primeira.

Vivemos num país empobrecido pela ganância despudorada de minorias que o exploraram durante séculos.

As últimas décadas (principalmente as vividas no pós-guerra) causaram-nos danos profundos, já que os enormes avanços da ciência e da técnica cavaram um fosso ainda mais profundo entre nós e a Europa, que sempre nos considerou um país-colónia de tipologia africana.

Sem capacidade de resposta à natural ansiedade do nosso explorado povo em conseguir melhoria de nível de vida, lançados nas desastrosas aventuras de guerras coloniais e induzindo milhares de portugueses a fixarem-se nas colónias em guerra — quando a África estava decididamente lançada nos caminhos da libertação —, com a juventude a «conquistar» de salto a Europa da aventura desesperada ou a morrer ou ficar estropiada em África, o fascismo lega-nos a Pátria carregada de grilhetas de atraso, de miséria e de opressão secular de parasitas nacionais e estrangeiros.

Mas neste país, e particularmente nesta região Norte, com carências e dificuldades de toda a ordem, em universidade poderá responder a um pesado somatório de exigências científicas e culturais que dela julgamos depender?

Uma universidade que no distrito de Braga responda:

— a uma população dispersa mas cuja densidade é cerca de duas vezes e meia a densidade média do País;

— a uma população que maioritariamente viaja todos os dias para os seus postos de trabalho;

— a uma situação económica de ruptura exigindo rápidos e seguros apoios quanto à racionalização, reconversão e diversificação industrial;

— a um processo de dinamização científica e cultural que abranja toda a região Norte compreendendo o Minho e Trás-os-Montes, indispensável à viabilização das atribuições conferidas pela Constituição às regiões administrativas.

O prof. Miller Guerra (a) fez a crítica das universidades de faculdades, universidades de estilo coimbrão-napoleónico-latino, que são as nossas, dizendo: «Dentro da universidade, as diferentes faculdades são isoladas umas das outras, e, dentro de cada faculdade as cadeiras são também isoladas umas das outras.»

Trata-se, portanto, de um tipo de universidade compartimentada e sem capacidade de resposta (ou de capacidade reduzida) a projectos que exijam um suficiente grau de interdisciplinaridade.

Por outro lado o modelo da «universidade de departamentos» cuja «estrutura visa estimular a produção científica e alcançar um melhor aproveitamento dos recursos pedagógicos», «na prática mostrou que a sua estrutura acarreta certas consequências contrárias ao fim em vista:

a) conflito entre a função de ensino e de investigação, ficando um deles prejudicado;

b) desintegração dos cursos;

c) dificuldade para a investigação interdisciplinar;

d) tendência ao crescimento dos departamentos e sua transformação em faculdades.» (b)

Neste contexto parece, pois, ser importante referir a que deve responder hoje a estrutura de uma universidade.

A Comissão Instaladora da Universidade do Minho (C. I. U. M.) manifestou sempre a preocupação de a universidade ter de possuir uma estrutura de forma a permitir-lhe:

a) a realização em pé de igualdade de actividades de ensino e investigação;

b) o estabelecimento de planos de estudo de conteúdo científico diversificado e de organização interdisciplinar significativa;

c) larga margem de opção curricular em cada curso, de modo a que os alunos possam satisfazer as suas tendências e aspirações;

d) amplo leque de cursos;

e) a efectivação de projectos de investigação interdisciplinar;

f) a facilidade de expansão e de mudança de programação das actividades de ensino e de investigação;

g) o melhor aproveitamento possível dos recursos humanos e materiais;

h) institucionalização de amplo intercâmbio de informações e pessoas com a comunidade.

Um tal modelo é designado como Universidade de Grupos de Projecto e a sua estrutura e operacionalidade apresenta substanciais vantagens em relação aos modelos referidos.

Daí que a C. I. U. M. tenha sempre defendido uma universidade concentrada e apresentado como uma solução instalações definitivas de tipo **campo universitário**.

O estudo que apontou a área das Taipas como localização do referido **campo** mereceu dos técnicos de urbanização os maiores reparos e em especial o do desenraizamento da universidade em relação aos centros urbanos. Todos quanto passaram pelas três universidades (ou quatro) portuguesas ou viveram (vivem) nas cidades onde elas se situam, sabem que desde sempre o que tem havido de comum entre a universidade e o meio envolvente são as pedras dos edifícios universitários. O que de há muito se tem verificado é que a localização das universidades em centros urbanos tem contribuído para reforçar as assimetrias existentes no nosso país e, neste caso, para a concentração dos quadros superiores em áreas muito restritas.

Um campo universitário não residencial obriga os alunos, na sua maioria esmagadora e de acordo com as características desta região, a viajarem diariamente de e para as suas casas e para junto dos

Continua na pág. 4

NÃO-ALINHADOS LUTAM PELA DESCOLONIZAÇÃO DA NOTÍCIA

BELGRADO — (IPS-TANJUG) — A mútua colaboração dos países não-alinhados no amplo campo da informação recíproca e da informação para o resto do mundo sobre eles próprios, bem como sobre as suas acções conjuntas, e a colocação na ordem do dia dessa problemática pela quinta conferência dos chefes do Estado e do Governo dos não-alinhaos em Colombo» — segundo Jovan Miric, redactor da Tanjug — «amplia o processo de luta pela emancipação. Desde que o não-alinhamento apareceu na cena política mundial nunca se registou este tipo de actividades públicas. Os representantes oficiais de muitos países não-alinhados, incluindo da Jugoslávia, consideram que a abertura da frente de colaboração informativa entre os países não-alinhados, não é menos significativa que aqueles que já estavam abertas, nomeadamente a luta dos países não-alinhados, e outros países em vias de desenvolvimento, por uma nova ordem nas relações internacionais sobretudo políticas e económicas.

Trata-se, como muitos afirmam, do «processo de descolonização da notícia» — ou seja, da emancipação dos poderosos sistemas informativos das grandes potências ou das ex-metrópoles coloniais. A descolonização política já foi praticamente concluída, mas os resquícios do colonialismo continuam a existir, não só com o poder dos bancos, das companhias estrangeiras, nacionais e multinacionais, na economia destes países, como também nas páginas da sua imprensa, na rádio e na TV e, em grande medida, também no sector da educação pública, do cinema e do livro.

No campo da informação directa, concreta e mútua, apareceu no mercado mundial da informação o «pool» de agências noticiosas dos países não-alinhados — menos de dezoito meses depois de formulada a recomendação nesse sentido, pela cimeira dos não-alinhados e em Argel. Esse «pool», como se sabe, foi criado pela iniciativa da agência jugoslava Tanjug.

Este tipo de colaboração entre as agências não-alinhadas pode ser considerada, hoje em dia, como uma nova dimensão na colaboração dos não-alinhados. Dela resulta que já se prevêem novos tipos de colaboração noutrós campos: televisão, rádio, cinema, livro e ajuda técnica e profissional mútua.

A recente conferência de ministros da Informação e de directores de agências de Impresa em Nova Dlhi, bem como o simpósio que se desenrolou em Tunis, no mês de Março, sobre as questões de informação entre os não-alinhados, abriram significamente a porta para a actuação de um complexo de grande significado na actividade dos países nao-alinhados. O modo como interviu, de forma importante, na esfera das relações internacionais é provado pelo facto de que os grandes meios de informação, tanto do Ocidente como do Leste, dedicaram considerável atenção a esta tendência para a colaboração, sem pretensão de lhe diminuir o significado

De momento, o que mais atrai a atenção é o «pool» das agências noticiosas dos países não-alinhados. Em menos de 20 meses de funcionamento, o número de agências que nele participam, ou virão a participar, mal tenham a capacidade técnica e os quadros necessários, aumentou quatro vezes.

Actualmente conta com a colaboração de 40 agências de imprensa, e em comparação com as 12 que o fundaram, a 20 de Janeiro do ano passado. Estão também em curso os preparativos para a formação de um «pool» de estações de televisão dos países não-alinhados. O núcleo desse «pool» começará a funcionar dentro de dias, precisamente a partir de Colombo, nas vésperas da cimeira dos não-alinhados. Isto é, de qualquer maneira, um novo domínio da coloboração multilateral entre os não-alinhados, paralelamente com aqueles em que essa colaboração já se desenvolve, mormente no domínio das matérias-primas e de certas associações produtivas

Nacional

Uma Universidade nova numa região periférica

Continuação da pág. 3

seus amigos que naturalmente, não serão todos os estudantes universitários...

E assim, para além das acções específicas que a universidade pode e deve organizar em relação ao meio, ela estará diariamente em contacto com esse meio através dos alunos, penetrando nele profundamente e recebendo desse mesmo meio o húmus da sua própria revitalização.

Por outro lado, só uma universidade concentrada, de forte estrutura interdisciplinar pode responder às exigências cada vez maiores de cursos de sólida formação básica polivalente que satisfaçam imediatamente avanços detíficos e tecnológicos imprevisíveis no limitado período em que se desenrola um curso universitário.

Quer dizer, uma universidade nova numa região periférica se é uma instituição científica criadora de saber e transmissora de saber é também um elemento integrante da sociedade a que pertence e, no nosso caso, de uma sociedade atrasada mas que pretende vencer as graves dificuldades que travam o seu progresso.

Para responder com eficiência e rapidez aos programas, por exemplo, de desenvolvimento económico a estabelecer a curto ou médio prazo para a região, a universidade não pode ter a estrutura ancilosada das tradicionais universidades de faculdades (autênticos **ghetos** da ciência), terá de possuir uma estrutura flexível servida por quadros científicos de alta valia, diversificados e reunidos numa universidade de tipo concentrado.

Por outro lado, uma instituição universitária digna deste nome é que poderá ser o núcleo científico em relação ao qual se estabeleçam os cursos paralelos que os institutos politécnicos podem ministrar. E se na Região Norte já existe um desses institutos, isso significa que Viana ou Bragança, quando as exigências objectivas do seu desenvolvimento o impuserem, terão também os seus institutos politécnicos com cursos cujos currículos terão de estar apontados para aquilo que as potencialidades das referidas regiões irão ajudar a definir a médio ou longo prazo.

E também a universidade aberta não terá significado para a generalidade dos trabalhadores da região se não houver efectivo apoio científico à diversidade de cursos que inevitavelmente esta universidade irá oferecer.

Face a esta realidade que não contemporiza com soluções improvisadas e defraudadoras dos reais interesses, legítimos interesses do povo de toda a região, haverá alguém que não esteja de acordo com a opção universitária aqui apresentada?

Mas certamente. São as forças da reacção e do obscurantismo porque o progresso científico e cultural é seu inimigo declarado; é também a média e alta burguesia que vê no possível acesso dos filhos das massas trabalhadoras à universidade uma ameaça aos seus privilégios; umas e outras — até porque têm grandes pontos de contacto — são aliadas naturais que combatem a universidade, como tal, porque não lhes interessa a sua instalação ou desejam que seja uma instituição de segunda categoria, já que podem mandar os seus filhos — como sempre o fizeram — para as outras universidades, portuguesas ou estrangeiras.

Se ao Governo compete a responsabilidade de decidir — e até já decidiu , aos partidos políticos e aos sindicatos cabe a total responsabilidade pela decisão tomada já que nunca interferiram no processo.

Às massas trabalhadoras e aos estudantes — estes como imediatos interessados na questão — compete também exigir a justificação dos actos do Governo, seja qual for a sua decisão final.

Os filhos dos trabalhadores, tal como os filhos da burguesia, têm o direito de fazerem a sua opção profissional e é indispensável que haja uma universidade que possa responder cientificamente aos seus anseios. Não pode haver cursos especificamente destinados aos filhos da burguesia e cursos para os jovens provenientes do proletariado.

Mais. Se é legítimo a nível local exigir infra-estruturas que respondam, por exemplo, às necessidades em creches, escolas primárias ou secundárias e, em certos casos, institutos politécnicos, a mesma legitimidade não pode ser invocada em relação a uma universidade porque esta nunca pode ser instalada para servir limitados interesses locais, mas sim, toda uma região. **Legítimo, sim, é discutir onde deve ser localizada**, e ao Governo decidir da sua localização.

A o povo da região cabe o direito de lutar por uma universidade «que seja uma verdadeira universidade e não um mero vínculo burocrático entre escolas superiores dispersas, sem dimensão científica universitária.» (a)

Respeitando a vontade do povo da região — que necessita de ser informado —, e senhor de dados importantes que estarão na base do seu programa político para o **país inteiro**, e especificamente para esta região Norte, ao Governo cabe a responsabilidade de uma decisão, que terá de assumir por completo e com rapidez e que terá inevitável e quiçá decisiva importância, no progresso social, económico e cultural de toda a Região Norte.

(a) Colóquio Internacional sobre a Reforma do Ensino Superior — Actas — Fundação Calouste Gulbenkian — Lisboa, 1973.

(b) Universidade do Minho: Que Universidade? — C. I. U. M. — Braga, 1976.

PUB

SINDICATO LIVRE DOS TRABALHADORES DOS LANIFÍCIOS DE COIMBRA E LEIRIA

SECÇÃO DE MIRA D'AIRE

TINTURARIA DEL (MIRA D'AIRE) É PRECISO PÔR FIM ÀS PROVOCAÇÕES DO EX-PATRÃO DELFIM

Desde Agosto de 1975 que os trabalhadores da Tinturaria Del têm vindo a enfrentar grandes problemas devido ao ex-patrão (Manuel Delfim do Rosário) tentar por todos os meios pôr os trabalhadores no desemprego.

O referido patrão antes do 25 de Abril reprimia os trabalhadores (quase todos mulheres), de tal modo que não podiam ir ao Sindicato. Trabalhavam noite te e dia não havendo percentagens para as horas extraordinárias.

Surgiu o 25 de Abril e os trabalhadores de Mira d'Aire, ao serviço das outras firmas, pensaram ir libertar aqueles 25 trabalhadores, tendo feito uma manifestação junto à firma.

Quando o referido senhor começou a ver que os seus operários estavam mais politizados e que já se reuniam com outros trabalhadores, começou a ver que já não era tão fácil a sua exploração e então pensou ir dar uns passeios alegando que a esposa andava doente e tinha necessidade de tratar-se. Para o efeito tinha que sair do País. E além do mais a esposa nunca tinha ido passar férias portanto tinha de sair com ela.

E usando de mais uma das suas manobras, deixou uma procuração a uma das empregadas de escritório, para o substituir. Mas como as férias desse tal senhor eram mais uma manobra, ao deixar a fábrica levou do cofre novecentos contos, portanto todo o dinheiro que lá existia. Deixou ainda dívidas no montante de vinte e dois mil contos.

Pensava aquele senhor, que a sua ausência ia despistar os trabalhadores levando-os a fechar a firma, o que não aconteceu. Os trabalhadores vendo que estavam a ser alvo de mais um atentado organizaram-se, continuando a laboração da firma impedindo a entrada do patrão.

Entretanto, o senhor Delfim pensou regressar do estrangeiro para continuar a gerir a empresa, pediu aos trabalhadores que o deixassem entrar pois nunca teve a intenção de os abandonar.

Dizia que a sua ida ao Brasil tinha sido para levar os filhos porque tinha medo da guerra civil que se previa. Desde então as suas tentativas para entrar na firma são contínuas, os trabalhadores têm tentado todos os meios, para que tal não aconteça, mantendo constante vigia de dia e de noite.

O último episódio deu-se no dia 30 de Julho.

O ex-patrão Delfim entrou na fábrica, atirou-se ao actual tintureiro, elemento técnico imprescindível na empresa, que está a substituir o anterior que a abandonou, supõe-se que seduzido pelo patrão.

Troca de sopapos, camisas resgadas, etc., são o menos.

O mais grave é que o Delfim não descansa de tentar a todo o custo recuperar o que abandonou. Já tem vários processos em tribunal por diversos motivos mas anda à solta.

Isto não pode continuar.

Exigimos o fim das actividades terroristas do ex-patrão Delfim, que está à tentar criar nova vaga reaccionária como a do ano passado.

Abaixo a reacção !
Unidos e Organizados, Venenceremos !

30/7/76

MÓVEIS

NÓRDICOS
MODERNOS
SÉCULO XVII
D. MARIA
LUIZ XV e XVI
IMPÉRIO
D. JOÃO V

Grande variedade em exposição
TROCAMOS MÓVEIS USADOS
Facilidades de pagamento

ARTIS
Rua Maria Andrade, 64
(Perto igreja dos Anjos)

SOLUÇÃO PARA A TELESCOLA

Colocados novos professores, nomeado novo director

A partir desta semana a Telescola vai ter um novo corpo docente esperando-se para breve a nomeação de novo director — decidiu o secretário de Estado da Orientação Pedagógica, Romero de Magalhães, após se ter reunido com elementos da Telescola no Porto. Fica deste modo resolvido um problema que há longos meses se arrastava. Como solução mais eficaz, Romero de Magalhães determinou que todos os professores a cumprirem uma comissão de serviço na Telescola regressem aos seus estabelecimentos de ensino, o mesmo acontecendo ao director, dr. Fernando Rocha, que será colocado nos Serviços Centrais do Instituto de Tecnologia.

ESTUDANTES DOS AÇORES COM JOAQUIM DE SOUSA

O secretário de Estado dos Deportos, Joaquim de Sousa, recebeu no sábado passado os finalistas do Liceu de Angra de Heroísmo que pela primeira vez visitaram o Continente, numa iniciativa promovida pela Turicoop (cooperativa para o fomento de turismo de jovens) e apoiada pelo Governo e pela Força Aérea Portuguesa, que para o efeito puseram um avião à disposição dos estudantes finalistas. O secretário de Estado, que se fazia acompanhar pelo seu subsecretário, Vasco Resende, anunciou como o seu primeiro acto público uma conferência de Imprensa mal o programa do Governo seja aprovado.

ASSOCIAÇÕES DE APIS EM VILA REAL

Reunidas no Porto, 19 associações de pais e encarregados de educação decidiram realizar no dia 18 do próximo mês de Setembro um plenário nacional dessas mesmas associações em Vila Real. Temas «obrigatórios» do plenário: decreto sobre a gestão das escolas (que as associações têm contestado), programas escolares (cuja revisão as associações têm defendido), colocação dos professores e início do funcionamento efectivo das aulas no ano lectivo de 1976-1977.

Na referida reunião a Associação de Pais de Vila Real apresentaria um documento em que ressaltam como problemas a debater e exigir «medidas drásticas e imediatas» contra «a pornografia em revistas, cinema e TV, a droga e a prostituição».

"O Comércio do Porto" tem novo director

O jornalista Silva Tavares ocupa desde ontem, o cardo de director de «O Comércio do Porto», enquanto José Miguel Seabra Cardoso, que preenchia até agora essas funções, passou por proposta e vontade expressa dos trabalhadores, a presidir à comissão administrativa da empresa.

Entrando para a revisão daquele jornal, em Janeiro de 1967, Silva Tavares ingressou poucos meses depois na redacção, onde foi, sucessivamente, estagiário, repórter, redactor, chefe de Redacção, e recentemente director-adjunto. Silva Tavares foi eleito pela maioria dos trabalhadores, após parecer favorável do Conselho de Redacção.

JORNALISTAS SOCIALISTAS

Mário Mesquita, director interino do «Diário de Notícias», Dinis de Abreu, chefe da secção de política nacional do mesmo matutino, Mário Bettencourt, subchefe de Redacção da revista «Opção», e João Gomes, chefe de Redacção da «Luta», estiveram no sábado à noite na Figueira da Foz para falar de Imprensa.

O colóquio efectuou-se na Associação Comercial da Figueira da Foz. Foram focados os vários problemas com que se debate a Imprensa, tendo João Gomes afirmado: «É necessário que os órgãos de Informação se empenhem em três batalhas: desenvolvimento, civismo e tolerância».

«O DIÁRIO» NA SIDERURGIA

Por outro lado, trabalhadores de «O Diário» deslocaram-se no sábado à Siderurgia Nacional. De manhã efectuaram-se encontros de futebol, seguido de almoço de confraternização e visita às instalações. Presente, o director daquele matutino, Miguel Urbano Rodrigues.

EDIÇÃO HISTÓRICA

Um exemplar do «Diário da República» da I série, n.º 171, datado de 23 de Julho findo, mas só distribuído juntamente com a edição n.º 178, de 31 do mês findo, ficará certamente como documento histórico na colecção do jornal oficial.

Com efeito, insere o Decreto-Lei n.º 603-A-76 que nomeia o dr. Mário Soares, Primeiro-Ministro e é o primeiro diploma legal com a assinatura do Presidente da República, general Ramalho Eanes.

QUADROS A ÓLEO

Assim como mobiliário de estilo, estatuetas bibelots e vários artigos decorativos, encontrará enorme variedade se visitar a GALERIA ACTUAL.

Av.ª da República, 12 (junto estação metro Saldanha).

Nacional

Assembleia popular reuniu-se em Gondomar

PORTO, 2 — A Assembleia Popular de Gondomar esteve reunida no passado fim-de-semana na Escola Comercial e Industrial desta vila. «Problemas locais e de Administração Local», «Lei do Arrendamento Rural» e «Problemas dos Trabalhadores» foram alguns dos assuntos ali discutidos.

«Para o movimento popular é necessário contar com o apoio do aparelho de Estado. É portanto, necessário e urgente que as estruturas governamentais estejam, inequivocamente, ao serviço do povo», foi um dos pontos abordados.

Os trabalhos encerraram com a recondução do Secretariado da Assembleia Popular de Gondomar e com a leitura de uma proclamação na qual se apela «aos trabalhadores, aos jovens e às mulheres, a toda a população laboriosa do concelho que lutam por uma vida melhor».

«A FORÇA DO POVO»

«A Força do Povo» é uma cooperativa de consumidores do Sul do Tejo. No sábado, foram eleitos os novos corpos directivos. A cooperativa tem a sua sede na Torre da Marinha e delegações em Sesimbra e Trafaria. Conta já com mil associados: 450 na Torre da Marinha, 300 em Sesimbra e 250 na Trafaria.

Depois da compra de uma viatura que custou mais de 280 contos, a «Força do Povo» pensa adquirir agora uma câmara frigorífica de grande capacidade, que custará aproximadamente 400 contos.

Subsídios a patrões para "acabar com desemprego"

«Paga-se, com o dinheiro público, um subsídio aos patrões quando eles contratam mais trabalhadores» — é a receita milagre para acabar com o desemprego, recentemente apresentada num relatório às instâncias superiores do Mercado Comum.

Este processo já está a ser praticado na Grã-Bretanha, onde as firmas recebem uma quantia considerável de dinheiro no caso de aceitarem contratar mais pessoas.

Para os adeptos e teóricos deste método, não há perigo de desenvolver através deste processo uma subida de preços, sendo no entanto este sistema posto em causa pelos peritos do Mercado Comum, que consideram impossível verificar os efeitos de subisidiar os novos empregos.

Operação no Atlântico para eliminar resíduos radioactivos

Uma operação de eliminação dos resíduos radioactivos sólidos está a decorrer até ao final deste mês, no Oceano Atlântico, de acordo com as disposições da Convenção de Londres sobre a prevenção da poluição dos mares. A operação é organizada pela Agência para a Energia Nuclear (A. E. N.) da O. C. D. E. sob controlo internacional. Um dos técnicos da Junta de Energia Nuclear em Portugal tomará parte numa das viagens previstas.

Serão eliminados resíduos de baixa actividade, provenientes de instalações nucleares situadas na Bélgica, Holanda, Inglaterra e Suiça, solidificados em betão ou betume e embalados em contentores aprovados internacionalmente. O peso total imerso será de 6700 toneladas, sendo a radioactividade muito inferior aos limites estabelecidos pela Agência Internacional de Energia Atómica.

A zona de evacuação é representada por um circuto com um raio de 35 milhas marítimas centrado no ponto de coordenadas 46 0/0 15 N e 17 0/0 25 0, e situa-se numa fossa profunda da região do Oceano Atlântico, a cerca de 900 quilómetros de Lands-End (Inglaterra) e 450 quilómetros para lá do limite da plataforma continental. A mesma zona já foi utilizada para outras operações semelhantes sob o controlo da A. E. N.

Entretanto uma missão de técnicos da Junta de Energia Nuclear deslocou-se a Espanha a fim de visitar a Central Nuclear de Almaraz, localizada nas margens do Tejo, na província de Cáceres. Esta central é a quarta a ser ligada à rede eléctrica espanhola. Actualmente existem três centrais nucleares em funcionamento em Espanha: Zorita (Guadalajara), Vandellos (Tarragona) e Santa Maria de Garona (Burgos). A nova central de Almaraz pode fornecer cerca de 12 mil milhões de KWH por ano, valor total de energia eléctrica actualmente produzida em Portugal.

"Sex-shops" — distância assegurada

Um diploma publicado no «Diário da República» determina que as chamadas lojas de sexo não poderão funcionar, em Portugal, a menos de 300 metros dos locais onde se pratique o culto de qualquer religião, de estabelecimentos de ensino, parques ou jardins infantis.

O mesmo diploma, dimanado dos Ministérios do Comércio Interno e da Comunicação Social legisla ainda que aqueles estabelecimentos não poderão exibir nas montras ou em locais visíveis da via pública objectos e meios de conteúdo pornográfico ou obsceno, nem poderão usar, nos nomes ou insígnias, expressões ou figuras ultrajantes do pudor público. Por outro lado ficarão sujeitos, quanto ao seu funcionamento, incluindo horas de abertura e de encerramento, às normas regulamentadoras dos estabelecimentos de venda a retalho.

A venda de objectos considerados obscenos ou pornográficos fica, entretanto, vedada a menores de 18 anos.

As infracções ao disposto no regulamento são puníveis com multa até 100 contos, e nunca inferior a 20, no caso de reincidência, se não lhe couber pena mais grave pela lei geral.

Morais e Silva na Madeira

FUNCHAL, 2 — Encontra-se na Madeira a passar férias o general Morais e Silva, Chefe do Estado-Maior da Força Aérea.

O general está instalado no hotel «Sheraton» e só deverá regressar a Lisboa na próxima sexta-feira.

Até ao momento, Morais e Silva recusou-se a prestar quaisquer declarações à Imprensa madeirense.

Entretanto no sábado e domingo realizou-se no hotel «Atlantis» o I Congresso Distrital da Juventude Social-Democrata.

O congresso reuniu 46 jovens afectos ao PPD.

C.D.S. e P.P.D. EM QUESTÃO

Crises internas ou "travesti" político?

Freitas do Amaral e Sá Carneiro: contestados nos respectivos partidos ou simples adaptação táctica a uma nova realidade?

A direita, «oficializada» e «parlamentarizada», atravessa (diz-se) convulsões nos respectivos aparelhos partidários, cuja tónica pretendem uns colocar no dinamismo de uma corrente de «jovens turcos» contestando a política das respectivas direcções e, outros, numa radicalização das bases. Na origem, porém, do que se passa no interior do P. P. D. e do C. D. S., e que os respectivos líderes tentam resguardar do exterior, parece antes situar-se num outro plano muito mais importante, passando pela necessidade daqueles partidos se adaptarem, mais uma vez, a uma situação inesperada.

Na verdade, a figura central de uma situação que alguns classificam como de «crise interna» no P.P.D. e no C.D. S., não é Sá Carneiro ou Marcelo Rebelo de Sousa, Freitas do Amaral ou Amaro da Costa. É Ramalho Eanes, o novo Presidente da República.

Algumas poucas menções ao socialismo, a reafirmação de defesa intransigente da Constituição, recomendações visando as classes trabalhadoras e a demarcação da direita militar na ofensiva contra o Conselho da Revolução, embora até agora alvo apenas de menções ou de significativos silêncios, tanto bastaram para que os «pêpêdês» e «cêdêsses» iniciassem uma daquelas muitas reviravoltas a que os principais acontecimentos políticos desde Abril último nos vêm habituando. Tanto bastaram também para que uma extrema-direita kaulziana ou elpista desencadeasse uma série de ataques-advertências ao novo Presidente, indo de artigos em semanários de tendências fascizante até a panfletos clandestinos.

Deixando de parte estes últimos, que poderão (e deverão ser) eliminados na medida em que se efective um decidido e já anunciado combate ao terrorismo e à sua «quinta coluna» — a Imprensa fascista — restam-nos os partidos da direita parlamentar.

Para estes, Eanes não parece ter satisfeito as espectativas. Dispostos, porém, a não se isolarem de tal «maioria presidencial» de que fizeram «cavalo de batalha», preferem adaptar-se, numa «operação plástica» que lhes forneça um perfil de «esquerda» coadunado com a nova «atmosfera». CERESD ou MIRN — «esquerda» para o P.P.D., direita para o C. D. S. — são apenas acessórios de uma «maquillage» facilitando o cerco a Belém e mantendo aberta uma frecha nas portas de S. Bento. E ainda que algumas bases de um e de outro partido possam ter dificuldade em compreender os meandros desta «alta política», as perdas que daí poderão advir nada são comparadas com os eventuais ganhos que um futuro, mais imediato do que o desejável, poderá trazer.

Deste «embroglio» político não se poderão alhear as permanentes ingerências estrangeiras, de Washington a Bona. E que se a tão «querida» aliança P. S./P. P. D., que americanos e alemães ocidentais alimentavam, pôde ser evitada (ou adiada) com base nas conotações direitistas do partido de Sá Carneiro, uma adaptação deste a uma (inóqua) tendência esquerdizante desenharia todo um outro cenário, onde os pontos de encontro seriam mais fáceis de encontrar.

Para o C. D. S. uma «reconversão» deste tipo é substancialmente mais difícil, porque escandalosa. Assim, à sua «Alternativa 76» terá de suceder uma «Alternativa 77», em que as suas conotações com a extrema-direita («um jovem partido com cinquenta anos de experiência») sejam transplantadas para outra formação política. Ao rejeitar Kaulza e o seu MIRN, o C. D. S. empurra, sem o esconder, o general derrotado em Moçambique e o seu movimento para a constituição em partido, o que retiraria a Freitas do Amaral a delicada posição de se manter como o líder do partido mais à direita.

Mais do que simples convulsões intestinas em que alguns, inocentemente, até depositam esperanças, o que se passa no seio do P. P. D. e do C. D. S. são movimentos de adaptação, que se manterão até que a sua ineficácia se comprove ou os seus objectivos sejam atingidos. Em breve, aliás, são de esperar os efeitos que tais alterações produzirão na vida nacional.

O alerta terá que ser dado especialmente aos trabalhadores e às suas organizações sindicais, onde uma série de provocações visando o desrespeito da ordem democrática e o aliciamento para a aventura não se farão esperar. Aliciamentos para reivindicações irrealistas como embrião de possíveis greves estão a ser detectados, tentando-se confundi-los com lutas justas e legais que uma situação cada vez mais grave dos trabalhadores impõe. Há que estar atento e não embarcar em confusões.

O alerta, também, terá de soar nos quartéis e nos organismos militares, onde sob a capa de interpretações abusivas do texto constitucional, se pretende pôr em causa o Conselho da Revolução, enquanto se procedem a novos saneamentos à esquerda, visando agora figuras de militares democratas.

E. R.

DIAS LOURENÇO NA F.I.L.

A unidade é possível

A importância que as decisões a tomar nos próximos dias poderão ter para o processo político português foram realçadas no sábado à noite por Dias Lourenço, membro do C. C. do P. C. P., no decurso de um comício-festa realizado na FIL enquadrado nas iniciativas que antecedem a festa do «Avante», marcada para os dias 24, 25 e 26 de Setembro.

Dias Lourenço, que aludia à constituição do Governo socialista minoritário e às suas primeiras acções, destacaria que a unidade entre socialistas e comunistas é a única fórmula que aponta para uma correcta resolução dos problemas políticos nacionais, criticando, assim, mais uma vez, o projecto do P. S. de governar sozinho.

Aquele membro do C. C. do P. C. P. focaria ainda que, a despeito de tudo, a unidade de esquerda continua a ser possível e frisou aos presentes que existem boas perspectivas de ela se concretizar entre comunistas e socialistas.

A festa-comício que foi animada por Adriano Correia de Oliveira, José Manuel Osório e Luís Cília e pelos actores Dora Leal e José Viana, registou a presença de várias centenas de pessoas.

Conselho Nacional de Rendimentos e Preços

Foi criado, por decreto publicado no «Diário da República», um Conselho Nacional de Rendimentos e Preços, que funcionará na dependência do Primeiro-Ministro. Ao Conselho caberá contribuir para a definição de uma política global de rendimentos e preços, tendente à correcção das desigualdades na distribuição da riqueza e do rendimento, e à justa repartição individual e regional do produto nacional.

Deste organismo farão parte peritos, representantes dos trabalhadores, da actividade económica provada, dos departamentos governamentais competentes, do I.N.E. e do Instituto de Apoio às P.M.E..

Geral

OBSTETRA DE FÉRIAS

Falta de respeito pela mulher e pela criança

A Maternidade de Viana de Castelo está encerrada até ao próximo dia 4 de Setembro. O médico obstetra (o único ali existente) foi para férias.

As mulheres grávidas de Viana do Castelo estão, pois, à mercê da sorte. Ou têm a criança em casa, com a ajuda das vizinhas ou de uma enfermeira, ou vão para outra cidade, onde o médico não esteja de (justas e merecidas) férias.

Desnecessário será repetir a gravidade da situação. Uma cidade, como Viana do Castelo, só com um médico obstetra merece o nosso mais vivo protesto. Será possível que não exista neste País nenhum médico interessado no lugar?

As condições em que as mulheres, durante este mês, vão ter o seu filho é fácil de imaginar. Depois, aparecem as estatísticas, que nós aqui já divulgámos, de mortes à nascença, de partos mal realizados e que irão afectar a saúde da parturiente. Mas não bastava não ter médico. O próprio serviço da maternidade daquele hospital encerrou. Alternativa para os casos de urgência: ou têm os filhos na rua, ou nos carros a caminho de outros hospitais.

Quando tanto se fala nos direitos da mulher, na sua emancipação; quando a Constituição assegura o Direito à Maternidade (blá, blá, blá), Viana do Castelo fecha o serviço de obstetricia.

No Ano Internacional da Mulher, no Dia Mundial da Criança fazem-se festinhas, promessas de intenção. Camuflar por algumas horas a realidade que se vive no nosso país. Como agora em Viana do Castelo. O que ali se está a passar é uma falta de respeito pela mulher, pela criança.

FERNANDA MESTRINHO

Crónicas parisienses (2)

ALCIDES DE CAMPOS

«Prix Renaudot» 1961 com **Les Blés**, Roger Bordier tem mostrado, e demonstrado, com inteligência e lucidez, a sua perfeita assimilação de Bertold Brecht, que encontrara a melhor explicação possível às interferências da literatura na política e vice-versa através de uma frase sobejamente conhecida de uns e de outros: «Dizer aos homens políticos: Não se metam com a literatura, é ridículo, mas exigir da literatura que esta não se meta em política, é inconcebível».

Toda a sua obra, vasta e reconhecida, testemunha deste conhecimento e, por consequência, desta interferência profunda entre a política e a literatura, dois universos que, no seu mundo romanesco, se cruzam e entrechocam como na via quotidiana.

Meeting (1), título do seu recente romance, integra-se nesta definição, que é uma conduta estética e um comportamento político do escritor conscientemente «engagé», narrador e testemunha do seu tempo, observador atento de uma vivência contemporânea em plena transformação. Aqui, como nos seus precedentes livros, a paisagem social é descrita com rigor, e a percepção psicológica do autor em relação às suas personagens e às situações por elas vividas confirma a sua capacidade analítica em perfeita e frontal oposição com as virtuosas lamentações da crítica pequno-burguesa imobilizada numa psicologia intimista de objectivos puramente políticos: desviar a atenção do leitor para situações irreais com receio de que ele se aperceba da realidade social ambiente do seu quotidiano.

Em **Meeting** (como na **Cinquième saison**, no **Océan** ou no **Un âge d'or**), o heroi é o fenómeno social e as transformações sociopolíticas que provoca e o provocam. O herói-chave de Roger Bordier é, aqui como em toda a sua obra original, as aberrações duma sociedade contestada pelas suas opções contrárias ao interesse colectivo. A contestação permanente, face a um dado acontecimento, pela maioria sacrificada e quantas vezes humilhada no seu legítimo orgulho de «maioria produtora das riquezas nacionais». E a contestação, neste caso concreto, tem nome de mulher: Flora; inteligência de mulher: viva; corpo de mulher: seios duros e pernas longas, fuseladas. A heroína em carne e osso do romance (político) de Roger Bordier é uma bela mulher, jovem e decidida, à cabeça de um movimento reivindicativo concreto que, em termos de sociologia do trabalho, constitui, transplantada ao campo da literatura francesa dos nossos dias, uma «epopeia da revolta». Nas linhas de orientação do Movimento de Maio-68 e dos grandes movimentos sociais e económicos que, dos anos sessenta para cá, têm posto em causa os princípios fundamentais da sociedade burguesa. «Blonde, noire, rouge et bottée», Flora é o símbolo da insubordinação colectiva contra os abusos do Capital: trabalhadores sem carta, cristãos dissidentes ou sem Igreja, sindicalistas, marginais, desesperados; camponeses, operários e classes médias vítimas de um sistema financeiro exclusivamente orientado pelo lucro; pintores sem galeria onde expor, comediantes sem teatro; músicos sem orquestra, escritores revoltados contra os «10 por cento» que o império da coisa-imprensa-e-ebcadernada lhes outorga como uma esmola imerecida. «Dans une société socialiste, nous n'aurions pas plus à signer nos oeuvres que les boulangers ne signent leus plain» diz um deles insurgindo-se contra a «plataforma de lançamento» de um livro imposta pelo capital-editor.

Uns e outros solidários das lutas de Flora e do seu punhado de camponeses mobilizados em defesa da cooperativa e do «Kiosque», velharia de vidro e de ferrugem condenada pelos projectos de uma sociedade de urbanização, cujos tentáculos, sabem, acabariam por pôr em perigo a sobrevivência da cooperativa agrícola e toda a vida rural.

Romance de múltiplas personagens que se cruzam sem jamais se confundirem na acção (permanente), o «painel social» que Roger Bordier esboça com sensibilidade e talento é, sobretudo, o romance da extraordinária capacidade de recuperação ideológica dos movimentos contestatários pela sociedade burguesa, da enorme força de pressão, e de dissuasão, do aparelho audio-visual e dos mass media controlados pelo capital. O qual, através das «reportagens em directo», das «entrevistas montadas» pelos serviços técnicos e da interpretação voluntariamente deformada das imagens e dos factos, das palavras e das intenções acaba por transformar uma realidade social evidente num mito abstracto, ridicularizado e lançado no comércio, neste caso preciso, em «homenagem à decisão» e ao «mistério» do «eterno feminino». Numa desenfreada profusão de calções, botas, camisolas, cintos, perfumes e «soutien-gorges» abusivamente baptizados com o nome de «Flora» que constitui, nas linhas do romance, uma inteligente e perfeita desmistificação dos mecanismos da recuperação capitalista, dos métodos ilegais e da impunidade com que o capital manipula uma opinião pública desprevenida e vulnerável (porque indefesa) — através de campanhas publicitárias que são o espelho e a consequência da decomposição moral e mental de uma sociedade alienada.

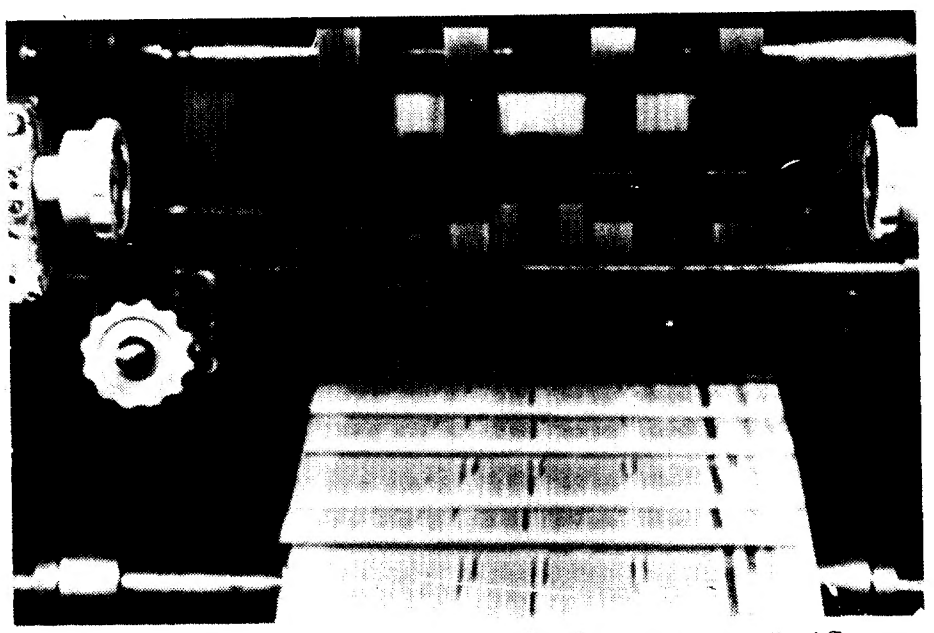
No seu aspecto formal, **Meeting** surpreende pelo seu imenso fôlego. Como uma torrente que nos arrasta no seu turbilhão de poesia e de entusiasmo em que se revelam, e quase tacteiam, a cada passo, as preocupações estéticas de Roger Bordier, cuja percepção dos homens e das situações empresta ao seu estilo desenvolto uma dimensão de voz que só a sua profunda psicologia das massas iguala.

Meeting, em resumo: a história da tomada de consciência revolucionária da História, e, ao mesmo tempo, inventário da falência de um tipo preciso de sociedade — provavelmente devorada pela sua própria voracidade.

Talvez porque a liberdade, a justiça social e «la paix des hommes n'est faite que d'une absence d'hommes».

1) — **Editions albin Michel**, Paris-1976

MILHARES DE LEITORES POR MINUTO



Técnicamente, as oficinas da Renascença Gráfica são das mais actualizadas da Europa.
Das suas rotativas saem diáriamente milhares de exemplares de publicações e cartazes,
a um novo ritmo de produção e de acabamento.
Economia, quer isto dizer.
E novas possibilidades de criar Imaginação e Leitores.
Serviços Comerciais da Renascença Gráfica, SARL
R. Luz Soriano 44 Lisboa Telef. 321154/5-320271/2/3

Câmara Municipal de Lisboa

EDITAL N.º 60

Faz-se saber que no dia 11 de Agosto de 1976, pelas 15 horas, terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171-C, o concurso público para o «FORNECIMENTO E MANUFACTURA DE FARDAMENTOS E CALÇADO PARA O PESSOAL DO BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS», com a base de licitação de 1 000 000$. (Processo n.º 26 / 76 / CP / / DSTE).

O depósito provisório é de 25 000$00 e o definitivo de 5 % da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 21 de Julho de 1976.

O Presidente
da Comissão Administrativa
Lino José Góis Ferreira
(Coronel)

A propósito de um artigo no "D.L."

Licenciaturas em História da Arte

Escreveu no «D.L.», no passado dia 13 de Julho, o nosso colaborador, dr. José-Augusto França, um texto intitulado «Licenciaturas em História da Arte». Aí se afirma que devem «começar em Outubro próximo os primeiros cursos de licenciatura em História da Arte que a Universidade Portuguesa oferece ao País». Esta afirmação viria no entanto a ser contestada pelo dr. José António Ferreira de Almeida, professor da Faculdade de Letras do Porto.

Segundo nos informa o dr. Ferreira de Almeida já funciona desde 1974 naquela faculdade um curso de licenciaturas «com cadeiras de História da Arte cronologicamente definidas e outras, convergentes, que tratam de sociologia, da psicologia, das teorias estéticas e da metodologia da disciplina». O curso define-se «idealmente ao nível de uma pós-graduação de bacharelato em História».

Para demonstrar o afirmado, o dr. Ferreira de Almeida enumera as disciplinas versadas, os trabalhos de seminário e as dissertações de licenciatura (História, opção História de Arte). Assim, nas disciplinas, inscrevem-se na lista : Teorias da Arte, Crítica da Arte, História da Arte Portuguesa Medieval, História do Renascimento e do Maneirismo em Portugal, História da Arte Barroca em Portugal, História da Arte Moderna e Contemporânea em Portugal, Sociologia da Arte, Psicologia da Arte, Iconografia e Iconologia, História do Urbanismo.

A rectificação do dr. Ferreira de Almeida, frisa, em síntese, a prioridade da Faculdade de Letras do Porto que lhe cabe em relação à licenciatura em História da Arte anunciada pela Universidade Nova e de cuja informação o «Diário de Lisboa» se fez veículo através do seu colaborador dr. José-Augusto França.

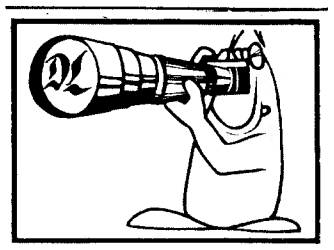
Apurámos, contudo, que na Divisão Pedagógica do MEIC não consta qualquer homologação do referido curso, enquanto a licenciatura específica em História da Arte da U.N.L. se encontra devidamente aprovada por despachos do secretário de Estado do Ensino Superior datados de 31 de Julho de 1975 e de 3 de Junho de 1976.

Ensino Particular

As actividades de uma Escola e o modo como são aproveitadas e estimuladas as potencialidades das crianças por competentes Educadoras, Professoras, assistência psicopedagógica, etc., podem ser avaliados através dos trabalhos escolares realizados durante o ano lectivo.

Visita a exposição do Colégio Sa de Miranda, até 15 de Setembro.

R. Alexandre Braga, 17
Telefs 45310 e 537532



Geral

Agostinho Neto promete ajuda de Angola aos povos ainda colonizados

LUANDA, 2 — (FP) — O presidente Agostinho Neto reafirmou o «Dever Internacionalista» que incumbe a Angola de ajudar política e materialmente os povos ainda sob domínio colonial, designadamente os da Namíbia, do Zimbabwe (Rodésia) e da África do Sul.

Falando na cerimónia comemorativa do 2.º aniversário das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA), o chefe do Estado indicou que a contribuição do seu país será «modesta» mas oferecida «generosamente» para que «a África seja livre».

Agostinho Neto declarou-se, por outro lado consciente dos «problemas» que se deparam ainda ao país, referindo-se designadamente às «violações da fronteira no Norte e no Sul» e aos «actos de banditismo» e denunciando a «agressão política» de que Angola está a ser alvo.

A concluir, o chefe do Estado angolano, que envergava pela primeira vez o uniforme de comandante-chefe das Forças Armadas, lembrou que a disciplina continua a ser um dos principais imperativos, tanto nas Forças Armadas como nos sectores de produção ou nos órgãos do partido.

Mais de um milhar de soldados das FAPLA, armados de espingardas «AK 47», desfilaram perante o presidente Neto. Seguiu-se a apresentação do material pesado, essencialmente de origem soviética: camiões com canhões de 75 m/m e morteiros acoplados, veículos portadores dos famosos «órgãos de Estaline» e carros de combate «T-34» e «T-54».

Duas esquadrilhas de «Mig-17» e «Mig-21», sulcando o céu de Luanda, encerraram este desfile militar comemorativo do 2.º aniversário da formação das FAPLA.

SOLDADOS CUBANOS REGRESSAM A HAVANA

HAVANA, 2 — (FP) — Um importante contingente de militares cubanos, que operavam em Angola, desembarcaram no sábado em Havana, soube-se na capital de Cuba. Nenhuma informação oficial foi prestada sobre este regresso, que parece ter sido de barco, devido ao grande número de soldados chegados a Havana.

É a segunda vez desde o princípio do ano, julgam os observadores, que um número importante de cubanos foi repatriado. Nos últimos meses outros contingentes mais pequenos teriam regressado a Cuba de avião.

As autoridades de Havana nunca esconderam que muitos soldados cubanos «continuam e continuarão» em Angola «até que Angola organize, equipe e sustente as suas próprias forças», conforme o acordo firmado pelos dois Governos.

NETO VISITA O PANAMÁ

O presidente angolano, Agostinho Neto, aceitou o convite para visitar o Panamá formulado pelo chefe do Governo deste país, general Omar Torrijos.

Num comunicado dirigido ao Governo panamiano, Neto precisa que será impossível a realização da visita a partir de amanhã, como estava previsto, devido a assuntos de Estado que o aguardam em Luanda — informa a «Radio Libertad».

A nova data da visita não está ainda marcada — acrescentou a emissora panamiana.

SAUDAÇÕES ÀS FAPLA

O marechal Ustinov, ministro da Defesa da URSS, dirigiu uma mensagem «calorosa» ao seu homólogo angolano, Iko Carreira, por ocasião do segundo aniversário das FAPLA, indica no domingo a agência «TASS».

Nesta mensagem, o ministro soviético sublinha que as Forças Armadas da República Popular de Angola «percorreram um caminho glorioso marcado pela vitória na luta encarniçada pela liberdade e a independência do seu país contra a reacção local e contra o imperialismo mundial».

O marechal Ustinov exprimiu, ainda, a sua convicção de ver «os lacos de amizade e de cooperação que se formaram entre as forças armadas da URSS e de Angola, desenvolverem-se e reforçarem-se no futuro».

DENUNCIADA A IMPRENSA CAPITALISTA

LUANDA, 2 — (ANOP, PL) — O Ministério da Informação denunciou que a República Popular de Angola é objecto de uma campanha difamatória por órgãos da Imprensa ocidental.

O director-geral da Informação, Luís de Almeida, declarou em conferência de Imprensa que a violência da campanha se assemelha à que precedeu a agressão estrangeira, verificada em vésperas da independência.

Luís de Almeida observou que meios de comunicação norte-americanos, franceses, ingleses e da Alemaha Federal se fazem eco da propaganda da UNITA e da FNLA e que, segundo eles, Angola estaria de novo «a sangue e fogo».

Entre os meios de comunicação mencionados pelo director-geral da Informação contam-se a «Voz da América», a «BBC», o «Times», a rádio «France International», a «France Press», «Le Figaro», o «Frank Futer Allgemeine Zeitung» e o «Christian Science Monitor».

Ao falar da política externa de Angola, Luís de Almeida observou que as preferências vão para os países que têm o mesmo ideal político e compartilham as mesmas opções, nomeadamente Cuba, União Soviética, o Congo e a Jugoslávia, «para citar só os que sempre estiveram ao nosso lado».

No entanto, acrescentou que Angola pretende manter relações com todos os países.

Familiares de emigrantes podem ir para França

O Governo francês autorizou a ida das famílias de emigrantes para França, embora a emigração continue suspensa desde 3 de Julho de 1974. A informação foi dada ao «Le Monde» pelo secretário de Estado dos Trabalhadores Emigrantes, Paul Dijoud.

Os familiares em questão devem satisfazer os seguintes requisitos: residirem os emigrantes há um ano em situação regular, naquele país, disporem de recursos estáveis e de um alojamento satisfatório. A decisão final cabe aos prefeitos dos Municípios.

Há em França cerca de 80 mil estrangeiros sem emprego, estando o Governo disposto a diligenciar para que sejam criados postos de trabalho e para que os estrangeiros se integrem na vida francesa.

APÓS REUNIÃO COM NYERERE E BARRE

Samora Machel visita Cabo Delgado

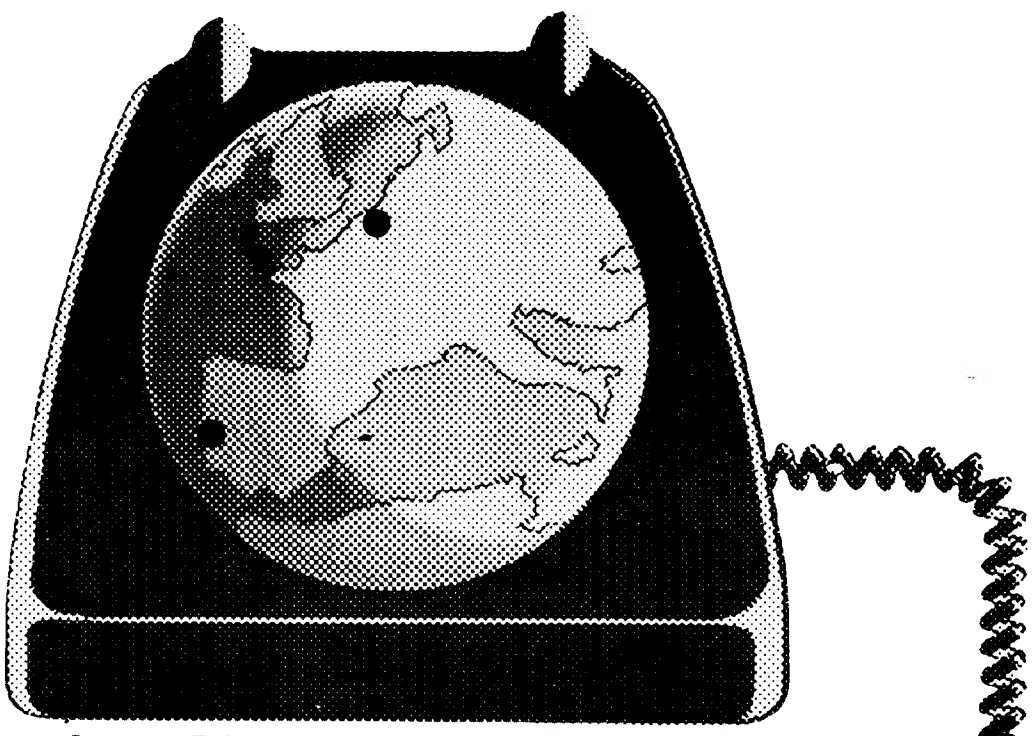
MAPUTO, 2 (pelo correspondente do «DL») — O presidente Samora Machel encontra-se, desde ontem, em Cabo Delgado para uma visita de contactos com a população e as realidades sociais da província. O presidente chegou ao Norte do País após se haver encontrado em Dares-Salam com Julyus Nierere, da Tanzânia, e Siad Barre, da Somália. Segundo o jornal «Notícias», desta manhã, Samora e os presidentes da Tanzânia e da Somália discutiram na capital tanzaniana a actual conjuntura política na África Austral.

Samora Machel é acompanhado nesta visita a Cabo Delgado pelos ministros da Defesa, Alberto Chipande, Indústria e Comércio, Mário Graça, Obras Públicas e Habitação, Júlio Carrilho, e ainda por destacados elementos da estrutura do Partido e do Governo.

Entretanto, Joaquim Chissano, ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular de Moçambique, declarou em Dares-Salam que «um ataque da África do Sul contra qualquer dos quatro Estados que fazem fronteira com a Rodésia poderá provocar uma represália militar combinada».

Estas declarações recolhidas e transmitidas pela Reuter foram proferidas por Chissano na Rádio Tanzânia, no seu regresso de Nova Iorque, onde partitipou num debate do Conselho de Segurança que terminou com a condenação da África do Sul por ataques a uma aldeia zambiana.

Chissano afirmou que os quatro países «Tanzânia, Zâmbia, Moçambique e Botsnana) estavam a preparar-se para futuros ataques quer da África do Sul, quer da Rodésia.



Serviço Telefónico Automático Internacional

LISBOA
já pode ligar directamente para a
BÉLGICA

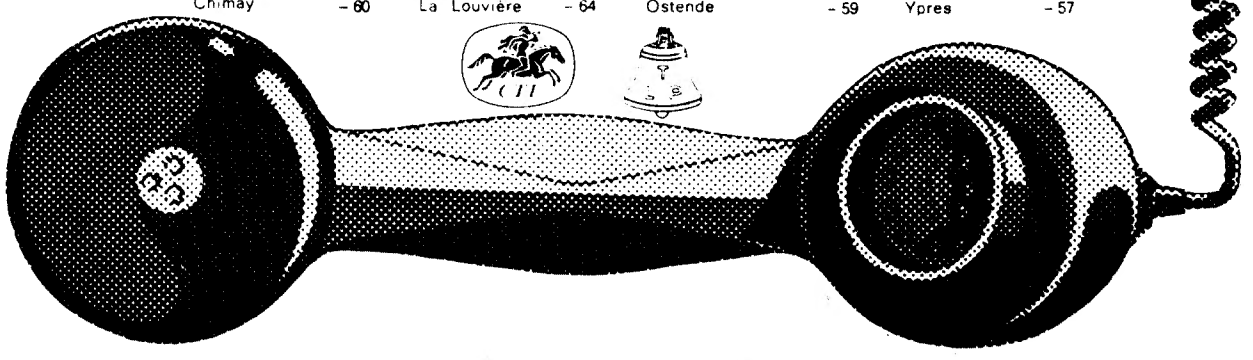
Os assinantes de Lisboa (TLP) cujos números telefónicos começam por 211, 2.9, 248, 251, 253, 276, 3 (excepto 31,33 e 38), 4, 5, 6, 7 excepto 70 e 749) e 8, a partir das 0 horas do dia 1/8, já podem falar **directamente** com a BÉLGICA
Basta marcar respeitando a ordem seguinte

07 — Central Internacional
32 — Indicativo da Bélgica
✱ — Indicativo da zona
— Número do assinante pretendido.

Exemplo: para falar para o n.º 123456 de Bruxelas, cujo indicativo de zona é o 2, marcar seguidamente: 07.32.2.123456.
Em caso de dificuldade, marque 17. Custo das conversações: 1$50 cada 3,5 segundos.

✱ ZONAS:

Alost	– 53	Ciney	– 83	Libramont	– 61	Renaix	– 55
Anvers	– 31	Courtrai	– 56	Liege	– 41	Roulers	– 51
Arlon	– 63	Diest	– 13	Louvain	– 16	Stavelot	– 80
Ath	– 68	Dinant	– 82	Marche-en-Famenne	– 84	Termonde	– 52
Barvaux	– 86	Furnes	– 58	Mons	– 65	Tongres	– 12
Bastogne	– 62	Gand	– 91	Malines	– 15	Tournai	– 69
Bruges	– 50	Hasselt	– 11	Namur	– 81	Verviers	– 87
Bruxelles	– 2	Herentals	– 14	Ninove	– 54	Waremme	– 19
Charleroi	– 71	Huy	– 85	Nivelles	– 67	Wavre	– 10
Chimay	– 60	La Louvière	– 64	Ostende	– 59	Ypres	– 57



Nacional

O NATAL DO "CANTINFLAS"

Um adolescente de 15 anos, conhecido por «Cantinflas», confessou à PSP que só na quadra do Natal tinha roubado 200 contos, a transeuntes imprevidentes, na esquina da Rua Augusta com a Rua do Ouro.

O jovem carteirista, detido agora pela PSP, tem continuado a dedicar-se ao roubo de malas e carteiras. Há três dias, só de um porta-moedas retirou seis contos. No acto da captura foram-lhe apenas apreendidos 500 escudos.

Povo de Gondomar abre estrada pedida há 48 anos

PORTO, 2 — Com pás, picaretas e sacholas, e por entre o ribombar de alguns foguetes, o povo da freguesia de Covelo, Gondomar (Porto), começou a desbravar, festivamente, a estrada Covelo-Lixa, velha aspiração da região nunca cumprida pelo poder fascista. A primeira terra revolvida constituiu uma forte explosão de alegria, o espezinhar do medo.

«Fomos sempre esmagados, toda a vida estivemos metidos dentro de um saco, e agora que se começa a levantar a cabeça tem de se fazer festa» — dizia um velho da terra, que não continha a sua satisfação. «Até parece mentira», exclamaria outro habitante, que parecia aliviado de um enorme peso que o oprimira durante anos e anos. O poder do ricaço-cacique da terra estava vencido.

«Estamos a 13 quilómetros do Porto, mas é como se estivessemos a mais de 130» — afirmou-nos um elemento da comissão de moradores, aludindo ao ruralismo e atraso da freguesia, apesar da sua proximidade da capital do Norte.

Com cerca de 1400 habitantes, Covelo é a segunda freguesia, em área, do concelho de Gondomar, com lugares onde os doentes têm de ser transportados em padiolas por não haver carro que lá chegue, nem médico que lá aceite ir. É o caso dos lugares de Lajes e Ribeira, que a nova estrada vai beneficiar e que, no Inverno, quando o rio Sousa sobe, ficam praticamente bloqueados, sendo a população sujeita a passar os atalhos com água pelos joelhos. Isto, a poucos quilómetros da segunda cidade do País.

Os homens, na sua grande maioria, trabalham no Porto, onde se deslocam todos os dias gastando duas horas no transporte que lhes leva do salário 22$00. As mulheres, que durante muitos anos foram duramente exploradas na manufactura das filigranas e no corte do mato que vendiam às padarias, cuidam do bocadito de terra que quase todas as famílias têm como meio de subsistência.

48 ANOS DE ESPERA

Desbravando terrenos do grande opositor da obra (a pessoa mais rica da freguesia, o sr. Joaquim Martins Castro Rocha) o povo do Covelo vencia a descrença, o poder do «homem que mete medo», a burocracia e o código administrativo fascista, vencia o passado.

Com efeito, embora pedida em 1928, a estrada que virá a reduzir de 10 para 3 quilómetros aproximadamente a distância entre o centro da freguesia e o lugar da Lixa, na marginal do rio Douro, foi desde sempre uma esperança adiada. E, nos últimos anos do fascismo, apesar das muitas promessas, só um troço de 700 metros foi construído (em 1973) embora o projecto estivesse concluído em 1962.

Depois de ter sido vereador e vice-presidente da Câmara de Gondomar, o regente agrícola Joaquim Castro Rocha, que exige que o tratem por «sr. engenheiro», e que se encontrava na presidência do Município no «25 de Abril», foi o grande obstáculo a vencer. Como a estrada teria de passar por terrenos seus (qualquer que fosse o traçado, a estrada teria de passar pelas suas terras, já que a freguesia é quase toda dele), impôs-se sempre contra a vontade popular. Bastará, aliás, referir que dos trinta proprietários de terrenos por onde a estrada vai passar só o «sr. engenhriro» e dois primos exigiram a expropriação. Os restantes cederam as terras. Houve mesmo um habitante que dispondo apenas de um quintal o cedeu sem rebuço. «Os 1300 metros quadrados do Castro Rocha foram o grande problema» — referiu ao «DL» um membro da comissão de moradores, que salientou o facto de aquele senhor continuar como avaliador das finanças, apesar das inúmeras contestações feitas pela população a nível superior.

A arrancada para a obra iniciada, sábado, a expensas da população, com o apoio técnico do município, foi em Fevereiro do ano passado, quando um grupo de pessoas resolveu meter mãos à obra. Pedido o apoio à população, conseguiram reunir 400 contos, e é com esse dinheiro que as obras se iniciaram. Os animadores (o padre Amadeu Ferreira da Silva, Sidónio Matias, Dário Santos Castro, David Matias, Leonardo Cunha, Henrique Duarte e António Cândido Sousa Rocha) iniciaram as diligências. Foi uma guerra contra a burocracia, as influências e as artimanhas do cacique.

«Destruiu-se o feudo do sr. Castro Rocha», afirmaram-nos, sublinhando que, conforme fora denunciado numa sessão pública da Câmara, o ex-presidente havia sido informador da P. I. D. E. tendo usado e abusado do cargo administrativo. As obras da estrada que irá «unir toda a freguesia» estão orçadas em 7 mil contos.

Feriu dez pessoas e afogou-se

PINHEL, 2 O agricultor José Simão, que, na passada semana, havia ferido a tiros de caçadeira dez pessoas, pertencentes à comissão de moradores da freguesia de Freixedas, deste concelho, devido à abertura de uma estrada através de uma propriedade que lhe pertencia, apareceu afogado no interior de um poço entre os lugares de Roque e Vendadas.

«Acto desesperado, certamente por arrependimento», assim classificou, esta manhã, ao nosso jornal, um porta-voz da G.N.R. local, a morte do agricultor, que após o incidente desaparecera da região, pensando-se que fugira para Espanha ou procurara refúgio no mato.

PUB

TIMEX... ATÉ QUANDO?

CONSUMAR-SE-Á O MAIOR DESPEDIMENTO COLECTIVO EM PORTUGAL?

O Acordo estabelecido entre o Ministério do Trabalho e a Administração da TIMEX em 24/6/76, pode ser analisado segundo duas ópticas fundamentais: uma perspectiva política e uma perspectiva jurídica.

Do ponto de vista político o processo insere-se na estratégia seguida pelas multinacionais em Portugal. Tanto assim que após o Acordo relativo à TIMEX, o M. T. outorgou um outro Acordo relativo à GRUNDIG que, nos seus aspectos fundamentais revela a mesma tomada de posição.

No fundo, as multinacionais à custa dos mais variados processos de que os Acordos em referência são exemplo, pretendem obter cobertura para a paralisação da sua actividade em Portugal, com profundo desprezo pelos direitos dos trabalhadores ao seu serviço, a fim de se implantar noutros países que lhes ofereçam condições mais favoráveis.

Sob a aparência de uma cobertura de legalidade, as multinacionais têm-se esforçado, aproveitando a cumplicidade das autoridades portuguesas e não obstante toda a legislação entretanto publicada de protecção aos trabalhadores, para criar as condições que lhe permitam suspender a sua actividade no País em virtude de se terem alterado profundamente as condições que determinaram a escolha de Portugal como local onde era fácil obter lucros elevados à custa da exploração da mão-de-obra nacional.

Quanto ao aspecto jurídico, convém em primeiro lugar salientar que o mesmo Acordo deixou de observar princípios de ordem geral que irremediavelmente comprometem a sua validade. Na verdade, nas negociações que o precederam bem como na sua elaboração e assinaturas, apenas intervieram duas das três partes interessadas: o M. T. e a Administração da TIMEX.

Os trabalhadores aos quais ninguém poderá negar a qualidade de interessados directos na resolução dos problemas da empresa foram pura e simplesmente ignorados. No entanto, pretende-se ingenuamente que os trabalhadores aceitem as condições acordadas o que constitui pura utopia, pois que para tanto, teria sido necessário o seu assentimento. Causa estranheza que o M. T. se tenha arrogado o poder representar os trabalhadores substituindo-se **aos órgãos representativos da classe,** o que só pode ser compreendido como delírio ou usurpação do poder.

Também e para além do focado aspecto que só por si implicaria total nulidade do Acordo em causa, pelo menos, pelo que respeita à sujeição dos trabalhadores aos seus termos, outras ilegalidades foram cometidas, entre as quais se salientam as seguintes:

— No fundo procurou-se resolver a situação representada pela Administração da TIMEX à custa da redução da massa salarial que a empresa suporta.

Essa redução é obtida pelos dois meios clássicos: Redução de salários e despedimentos.

A redução de salários é proibida, fora de hipóteses excepcionais que no caso não se verificam, pelo Dec.-Lei 49 408 conhecido pela Lei do Contrato de Trabalho.

Os despedimentos são proibidos pelos Dec.-Lei N.º 372-A/75 de 16/6 e 84/76 de 28/1.

Finalmente, a Constituição Política no seu Título III, Capítulo II, consagra princípios que o Acordo directamente ofende, motivo pelo qual o mesmo nem sequer é válido em relação às partes outorgantes: M. T. e Administração da TIMEX.

Pelas razões expostas, os SINDICATOS e DELEGADOS SINDICAIS representativos dos Trabalhadores afectados, tornam público o seu propósito de não tomar em consideração o texto do Acordo na resolução dos problemas com reflexos laborais, criados pela Administração da TIMEX.

ONDE ESTÁ O INTERESSE NACIONAL?

No fomento de situações de desemprego ou na protecção da produção nacional?

Almada, 29 de Julho de 1976.

Os Sindicatos:
ENFERMEIROS DA ZONA SUL
OURIVESARIA E RELOJOARIA DO SUL
METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL
RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE SETÚBAL
TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE SETÚBAL
ELECTRICISTAS DO SUL
EMPREGADOS DE GARAGENS

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Fornecimento de todo o material e mão-de-obra necessários à instalação à vista da rede de vácuo — na Utic Piso 6

Conc .Público 9/76 — IE

Fornecimento de todo o material e mão-de-obra necessários à instalação à vista da rede de oxigénio na Utic piso 6

Conc. Público 10/76 — IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos Sábados das 9 às 12.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aprovisionamento.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados no Caderno de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 29 de Julho de 1976.

Pel'A Comissão Instaladora

Jorge Sereno d'Almeida Ribeiro

DE FÉRIAS COM O Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4$00 por exemplar

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

Trabalho

CONSERVAS PRETENDEM NACIONALIZAÇÃO

A luta no sector das conservas continua. De facto, enquanto os operários conserveiros se mantêm em piquetes de vigilância para impedir a saída das conservas das fábricas, no sentido de levar de novo, as associações industriais à mesa das negociações, novas propostas de luta são adiantadas.

Assim, «se o patronato continuar a boicotar as negociações, o sindicato vai mobilizar os trabalhadores para o pedido de nacionalização do sector», segundo nos afirmou, esta manhã, um dirigente do Sindicato dos Trabalhadores das Conservas do Norte, a propósito da constante ausência da Associação dos Industriais das Conservas do Norte, às reuniões para a negociação do CCT.

Para já, no Norte, mais concretamente em Matosinhos, o maior centro produtor de conservas do País, está prevista, para esta semana, uma manifestação de operários conserveiros junto da Câmara Municipal de Matosinhos, com o objectivo de fazer chegar ao Governo o repúdio pela forma como o patronato se tem oposto às negociações.

CINTURA INDUSTRIAL REUNIU

Recuperação da economia só com acordo dos trabalhadores

Os secretariados da Cintura Industrial de Lisboa e da União dos Sindicatos, mandatados por 84 Comissões de Trabalhadores e Sindicais, oito secretariados de Comissões de Trabalhadores e três Uniões Sindicais, reunidas na Mague, no sábado passado, deverão exigir aos órgãos de Poder a imediata revogação de toda a legislação inconstitucional, antioperária e antipopular, já aprovada e (ou) promulgada.

No encontro, convocado expressamente para o efeito, foi analisada e discutida toda aquela legislação onde estão incluidos os seguintes diplomas: Decreto-Lei 471/76, sobre reintegração de fascistas; 530/76, sobre redução do período de laboração das empresas; 294/76, sobre quadros de adidos: do despacho antigreve para a função pública; Projecto de Decreto sobre controlo operário; e Decreto-Lei 164-A/76, sobre contratação colectiva.

Nas discussões geradas em torno dos problemas e no documento final deste encontro ficou expresso «que tivemos força durante o fascismo e após o 25 de Abril para combater os despedimentos e não é agora que vamos consentir que quaisquer camaradas nossos sejam despedidos para que o capital possa fazer à vontade a sua recuperação da economia contra a classe trabalhadora. Neste ponto salienta-se que estes princípios se desenham ao mesmo tempo que se preparam para indemnizar os capitalistas em mais de 30 milhões de contos pelos prejuízos que causaram ao nosso Povo, reprimindo-o e explorando-o».

Ainda no tempo destinado às considerações, foi salientado que a recuperação e estabilização da economia têm de ser feitas de acordo com as perspectivas e propostas dos trabalhadores, como é provado pelas dezenas de lutas que desde o 25 de Abril levamos a cabo para defender a economia e os nossos postos de trabalho».

MAIS CONCLUSÕES

Neste encontro da Cintura Industrial de Lisboa, à qual estiveram presentes representantes da União dos Sindicatos do Porto, de Comissões de Trabalhadores do Norte do País e do distrito de Setúbal (embora com o estatuto de observadores), foi ainda decidido aproveitar a «ocasião da apresentação do programa do próximo Governo» para pôr «publicamente as questões que neste momento mais preocupam os trabalhadores» e exigir «uma resposta clara do Governo, nomeadamente em relação à proibição dos despedimentos e no direito do trabalho que estão na Constituição».

Com a recomendação de que todas as C.T.' s e Sindicatos divulguem e distribuam os decretos, em causa e as análises e críticas feitas no encontro, ficou estabelecido que os secretariados da CIL e da USL elaborem o projecto de decreto-Lei sobre controlo operário e após ampla consulta às organizações de trabalhadores desenvolvam toda a actividade necessária para que a Assembleia da República venha a aprovar a lei elaborada pelos próprios trabalhadores, como consigna a Constituição».

Para a hipótese de não ser considerada pelos órgãos do Poder a actuação desenvolvida pelos secretariados da CIL e da USL, «desrespeitando de novo a Constituição», deverão os organismos dos trabalhadores, principalmente os dois secretariados, mobilizar os trabalhadores.

Um apelo: « para todos os trabalhadores se unirem, para combaterem as tentativas divisionistas, para reforçarem as nossas organizações de classe, únicas e poderosas garantias de vencermos a recuperação capitalista e construirmos em Portugal um regime democrático a caminho do socialismo».

OUTRAS MOÇÕES

Quatro moções foram aprovadas neste encontro das organizações de trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa: a propósito do julgamento do caso do vidreiro assassinado no Porto (protesto contra a exiguidade da pena e pela liberdade até ao julgamento em recurso); sobre a libertação de mais «pides» (surpresa e repúdio, pedindo e aplicação imediata da «justiça sobre estes criminosos»); tendo em consideração os mandatários do povo na A.R. mais os seus vencimentos («entendem que se dignificam quanto maior for o seu salário, esquecendo que muitos homens e mulheres dignos vencem salários de fome como é o caso do salário mínimo nacional e as pensões de reforma»); com um alerta a «todos os trabalhadores para a necessidade de dar combate às tentativas de divisão directamente feitas ou fomentadas pelas forças mais reaccionárias e interessadas na recuperação capitalista no sentido de os dividirem».

Reestruturação do Inatel vai ser discutida

Ainda esta semana, trabalhadores portugueses e seus sindicatos começam a discutir propostas de reestruturação do Inatel (Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores). A deliberação foi tomada no decurso duma reunião efectuada no sábado, nas instalações do Instituto Superior Técnico, em que participaram cerca de duas centenas de representantes de organizações de trabalhadores, entre elas de 45 sindicatos, dez uniões sindicais, uma federação, oito comissões de trabalhadores e nove delegados do Inatel.

Os problemas inerentes à gestão do Inatel e medidas para colocar plenamente a organização ao serviço dos trabalhadores constituiram o tema central da reunião. As propostas apresentadas e discutidas nas organizações sindicais serão enviadas ao Conselho de Ministros, com vista à reestruturação do Instituto.

O financiamento do Inatel foi outra questão discutida, tendo-se salientado o desaparecimento de algumas receitas provenientes de grémios e organismos de coordenação económica extintos com a queda do regime, bem como o grande aumento de despesas de assistência incrementada pelo Inatel. Foram apresentadas propostas com vista a solucionar este problema, entre elas uma que integra o Inatel nas receitas do Totobola e outras que preconizam como receitas juros de depósitos a prazo, donativos e quotizações de sócios.

Entre as moções aprovadas conta-se a de repúdio pelo afastamento do delegado do Ministério do Trabalho, dr. Guedes Lebre, da Comissão Administrativa do Inatel, ainda decidida pelo capitão Tomás Rosa.

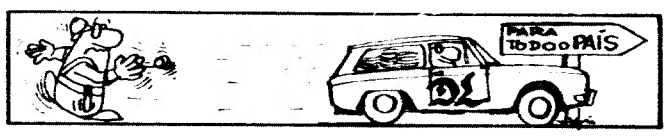
Despachante do Porto "despacha" estudante

Não aceitando que um seu empregado continuasse a estudar, o despachante oficial Manuel Morais Antas, do Porto, despediu-o na semana passada.

Posto perante a alternativa dada pelo patrão — ou estuda ou trabalha — Domingos Calado, estudante do 1.º ano de Medicina, escolheu continuar a trabalhar e a estudar, como lhe permite, aliás, o contrato. O patrão é que não gostou da escolha e sentenciou: «está despedido».

Frise-se que o trabalhador-estudante necessitou de alguns dias para fazer os testes finais na Faculdade de Medicina e foi exactamente no recomeço do trabalho que foi posto na rua.

Foram apresentadas queixas ao Sindicato e à delegação do M.T.



Timex rescindiu contratos de trabalho

Os trabalhadores da multinacional Timex receberam no passado dia 23 uma declaração da administração da empresa em que aquela rescindia os contratos de trabalho, como informa um comunicado do sindicato das Indústrias de Ourivesaria, Relojoaria e Correlativos do Sul.

Esta rescisão dos contratos ao abrigo do acordo firmado entre o MT e a administração da Timex, significa que a fábrica irá encerrar em 31 de Dezembro do ano corrente, afirma-se no comunicado. «O sindicato denuncia com todo o vigor e veemência o objecto e inqualificável acordo que foi firmado e que, pura e simplesmente significa a sujeição da estrutura económica portuguesa às torpezas dos agentes imperialistas».

Por seu turno, um comunicado conjunto dos sindicatos de Enfermeiros da zona sul, Ourivesaria e Relojoaria do Sul, Metalúrgicos do Distrito de Setúbal, Trabalhadores de Escritório do Distrito de Setúbal, Electricistas do Sul e dos Empregados de Garagens chama a atenção para as perspectivas política e jurídica por que se pode analisar do acordo entre o MT e a Timex Portugal. Do ponto de vista político o caso situa-se na estratégia que as multinacionais seguem com a conivência das autoridades: encerrar a sua actividade nos países em que as condições deixam de lhes ser favoráveis, com total desrespeito pelos trabalhadores ao seu serviço, indo instalar-se noutros locais onde as condições são melhores.

Do ponto de vista jurídico, o comunicado salienta que o acordo desobedece aos princípios de ordem geral, já que foi firmado com a participação de duas das três partes interessadas, uma vez que os trabalhadores foram ignorados. Além disso, a resolução para o caso, sublinha-se no comunicado, foi encontrada na redução de salários e despedimentos, o que é legalmente proibido. «Finalmente, a Constituição Política, no seu Título III, Capítulo II, consagra princípios que o Acordo directamente ofende, motivo pelo qual o mesmo nem sequer é válido em relação às partes outorgantes: MT e Administração da Timex».

Em consequência, os sindicatos signatários do comunicado e delegados sindicais representativos dos trabalhadores afectados não tomarão em consideração «o texto do Acordo na resolução dos problemas com reflexos laborais, criados pela Administração da Timex».

na forja

PROBLEMAS DOS REFORMADOS SÃO URGENTES

A União dos Pensionistas da Previdência e Segurança Social (UPPSS) vai exprimir ao Governo a urgência que tem em ver resolvidos os problemas respeitantes aos reformados, muito especialmente os casos a que se refere o «Relatório» aprovado há tempos no plenário de Alverca e entregue ao secretário de Estado da Segurança Social em princípios de Junho.

Solicitava-se prioritariamente, neste documento: actualização das pensões de reforma, aposentação e sobrevivência; revisão do esquema de assistência clínica e medicamentosa, facultando-a gratuitamente a todos os pensionistas e beneficiários; restituição aos reformados idosos das regalias concedidas antes do 25 de Abril, em matéria de transportes ferroviários; instauração de uma verdadeira política de terceira idade; etc.

As circunstâncias decorrentes da actual conjuntura político-económica, na parte em que afecta a situação dos reformados e pensionistas foram mais uma vez analisados pela UPPS, na sua última reunião, comemorativa do segundo aniversário da sua fundação (26 de Julho).

HOTELEIROS: SOLUÇÃO PARA BREVE

«O problema da indústria hoteleira deverá estar resolvido mais ou menos dentro de um mês», declarou o ministro do Trabalho, a respeito da regulamentação colectiva de trabalho para o sector hoteleiro. Marcelo Curto anunciou que se reunirá oportunamente com as associações patronais, diligência que considera útil para poder depois coordenar a resolução dos problemas do sector com os ministérios económicos.

AJUDANTES DE FARMÁCIA DO NORTE GREVE PARA A SEMANA, SE...

Os ajudantes de Farmácia do Norte ameaçam entrar em greve total e permanente na próxima semana se, entretanto, não for resolvido o impasse contratual que se prolonga há bastante tempo.

Durante uma reunião de delegados sindicais realizada ontem no Porto foi fixada em oito dias o prazo para o Ministério do Trabalho decidir, por portaria, as cláusulas em litígio. Foi, também, decidido efectuar reuniões de esclarecimento sobre o impasse das negociações e para preparação da greve a ser desencadeada.

Embora o patronado e o sindicato tenham já chegado a acordo no tocante a várias cláusulas, nomeadamente a das tabelas salariais, ficaram por acordar a remuneração do trabalho extraordinário, a tabela de densidades e escalas, o que terá de ser decidido pelo M. T. uma vez que terminou na passada semana a fase de conciliação.

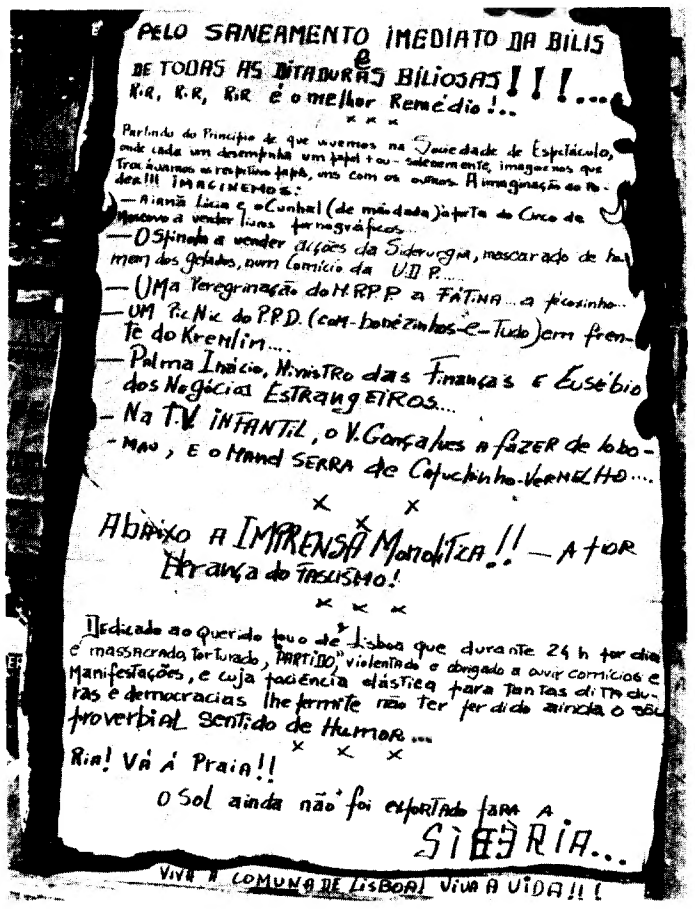
OURIVES DO NORTE: VIA ADMINISTRATIVA

Uma vez que o patronato se manteve renitente em não aceitar os vencimentos propostos pelo Sindicato para algumas categorias, o processo do novo contrato dos ourives do Norte desceu ao Ministério do Trabalho para ser decidido por via administrativa.

HOTELEIROS DO NORTE ELEGEM LISTA «A»

Com 354 votos (contra 298 da lista «B») a lista «A» — «Por um sindicato livre e democrático ao serviço de todos os trabalhadores» — venceu, no sábado, as eleições para a nova direcção do Sindicato dos Profissionais da Indústria Hoteleira dos Distritos do Porto, Vila Real e Bragança.

Nacional



O "slogan": poes num grito de gue

Necessidade de insistir num metralhar constante, a palavra é uma arma quantas vezes marginal, quantas vezes criada/improvisada no próprio terreno de luta onde classes, pessoas e ideias se combatem.

A palavra nasce e cria. A palavra faz-se socialmente estruturada numa comunicação permanente, codifica(da)-se no espaço próprio na luta contra o tempo im/próprio.

A palavra faz-se e o «slogan» nasce: — síntese de vontades e ideias, fórmula guerreira, agressiva, incisiva e breve como tudo o que é urgente.

Escrito é a rigidez do muro; a agressão visual; o sinal de uma guerra onde todas as armas se disparam em todas as direcções, contra tudo e contra todos. Mas o «slogan» é acima de tudo som. O «slogan» continua a ser o GRITO DE GUERRA, o termo que de origem gaélica (sluagh-gairm) perdura ainda hoje como argumento/bala, como voz das multidões.

O «slogan» é o quê e o porquê; a(s) ideia(s) codificada(s) em palavras a manifestação quantas vezes instintiva da vontade colectivizada; a expressão da ideia onde a função apelativa afirma e confirma a sua própria razão de ser.

O «slogan» (quem duvida?!...) é a própria poesia; a palavra com estética e força próprias: a estética e a força das multidões.

UMA RESENHA HISTÓRICA

O fenómeno «slogan» apresenta-se na realidade contemporânea como possuidor de uma carga social fortemente activa. Termo suficientemente ambíguo para ser (literariamente e não só...) marginalizado, transporta-nos por um lado para o consumo da sociedade (de consumo) que através da mais bárbara sofisticação e dos mais sofisticados malabarismos técnicos, nos remete fatalmente para o comercialismo concorrencial e publicitário.

Por outro lado, e é aqui que reside o valor de que nos vamos ocupar, o termo «slogan» coloca-nos numa sociedade em movimento, numa sociedade em que o choque de ideias e o choque de classes ou de interesses criam uma linguagem dialecticamente paralela ao processo social em desenvolvimento. Estamos então perante a beleza e a criatividade do «slogan» ideológico; perante aquilo que numa fórmula de expressão toda ela simples e complexa, codificada e emotivamente (des)ordenada se mantém ainda hoje de grito de guerra (medieval?).

Mas também o «slogan» comercial transporta características bélicas. Reconhecer que a televisão nos bombardeia com anúncios ou que os seus programas nos intoxicam, é ou não, e muito embora a sofisticação das armas contemporâneas, o ressentimento de uma guerra de que estamos a ser vítimas indefesas?

. Mas voltemos ao «slogan» ideológico.

Fernão Lopes refere-o inequivocamente nas suas crónicas. Refere com a mesma viva intensidade o grito da «arraia-miúda» aclamando o mestre e o grito de guerra «Avante» contra os castelhanos.

«Soldados sempre (sempre) ao lado do povo» é um grito do proletariado da Comuna de Paris hoje tantas vezes repetido nas nossas praças.

Tal como todas as épocas de conturbação social, em que as ruas são campos de batalha, também (e ainda) Paris, em Maio de 68, criou e reproduziu «slogans» «Les murs ont des oreilles, vos oreilles ont des murs» podia ler-se numa das ruas da cidade. Que melhor argumento/bala, que mais certeira ironia poderia atingir e reflectir o absurdo das contradições sociais que aquela palavra arma escrita num muro, justificando-se a si própria?

. Mas que melhor exemplo de grito cheio de revolta e sentido que aquele pregão/«slogan» de um ardina anónimo, que já em 73 berrava em plena baixa portuense: «Lisboa... Capital... República... Popular!...»

. A venda de jornais (o produto); uma ânsia de experimentar a liberdade (ideológia); um modo sofisticado de se afirmar, impor-se, guerrear, camuflando-se num «slogan» e este num pregão, na certeza de que camuflar é também uma táctica bélica.

«Fim à guerra colonial»! o «slogan» escape/instinto, um grito de resistência e cansaço que apesar de fortemente reprimido se repetia, saía quase explosivo pelas gargantas e se escrevia nos muros pela calada da noite. Quem não se lembra? quem nunca o gritou ou sentiu vontade de o gritar?...

Mas o regime também tinha os seus «slogans»: «Angola é nossa» e/ou «Rádio Moscovo não fala verdade» são dois exemplos, não de gritos populares, mas de repressão ideológica habilmente perpetrada por «mass media» e governantes.

PORTUGAL ABRIL DE 74

Por seu lado o povo cultivava os seus próprios «slogans». Escrevia-os de noite nas paredes gritava-os nos comícios im/possíveis; sentia-os na sua revolta interna e diária. Portugal, Abril de 1974. A palavra era pólvora armazenada, comprimida/reprimida e por isso mesmo potencialmente ainda mais forte e agressiva. A liberdade de expressão foi o rastilho. A explosão era inevitável.

O «slogan» (ideológico) é geralmente o ritmo de um processo social feito/falado. E quando o processo atinge a sua máxima dimensão, ou seja, uma dinâmica revolucionária, o «slogan» instinto liberta-se ruidosamente. Portugal é um exemplo. No Portugal de Abril, da direita à extrema esquerda, de norte a sul do País, nasceram tantos «slogans» como cravos, reproduziram-se, multiplicaram-se, transformaram-se, guerrearam-se, venceram ou morreram tal como a ideia que os alimenta(va). Gritado pela multidão anónima, o «slogan» uniu e uniu-se, provou a sua força, apontando, denunciando, disparando, atingindo, condenando, «matando». O «slogan» foi a arma do povo desarmado, o engenho disparado em tempo necessário, tanto mais oportuno quanto as verdadeiras armas quase nem chegaram a ser disparadas.

«Marcelo... Fascista... Assassino...!» «Morte à P. I. D. E...» «Abaixo a Guerra Colonial...» três gritos mais que espontâneos, três exemplos de vontade popular afirmada em plena rua. Era o queimar do passado e o apontar imediato do Futuro: — «O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO!».

Mas recordemos (é sempre bom recordar...) um pouco do ambiente desses dias cada vez mais distantes, transcrevendo passagens e factos cronologicamente extraídos do «Diário de Lisboa»: «... a multidão voltou a aproximar-se do local onde fora repelida a tiro, clamando aos soldados que interviessem rapidamente... gritos de ódio contra aquela instituição: «Morte à P. I. D. E. Assassinos». ...A P. S. P. tem feito muitas mortes gritava-se da Rua eos Duques de Bragança» ... Gritos de assassinos caíram então sobre o largo do Picadeiro...quando os bombeiros se aproximaram para retirar o corpo a multidão formou uma barreira à sua passagem, gritando «os 'pides' morrem na rua...»
in «D.L.» de 26 de Abril de 74

«Torno a ouvir as rajadas de metralhadora, vejo a aurora e a fúria no rosto da juventude afluindo ao Camões, acompanho os soldados de Estremoz, nervosos mas destemidos, escuto o rumor imenso do Largo do Carmo, a grande exigência colectiva de liberdade e democracia, de paz e justiça, os gritos de 'abaixo a guerra colonial'.»

Urbano Tavares Rodrigues
in «D.L.» 27-4-74

«As janelas da delegação do nosso jornal começam a dar-nos um aspecto novo da Praça da Liberdade. São as vozes que se ouvem lá fora, são os vivas a Portugal e à Liberdade, é o Hino Nacional que se entoa, são os 'claxons' de automóveis tocando em sinal de alegria, são todos os novos sons de algo que se vive de um modo diferente.»

. Convocada pelo Movimento Democrático do Porto (M. D. P.) a manifestação reuniu cerca de 10 mil pessoas, sobretudo jovens, vendo-se inúmeros cartazes por entre a multidão com «slogans» alusivos à guerra colonial, ao regresso dos soldados, à liberdade dos partidos políticos.

... As palavras daquele ofício foram vivamente aplaudidas por todos os manifestantes que gritavam em coro: — «O povo está com as Forças Armadas».

... Os manifestantes percorreram depois as ruas da Baixa, gritando «slogans» alusivos ao momento vivido. ... Ao mesmo tempo ouvia-se o grito de «socialismo», «o povo unido jamais será vencido» ou as estrofes do Hino Nacional de repente abafados por um grito que pedia a «morte aos assassinos da P. I. D. E.» e encontrava imediatamente eco».

...A voz do orador perdia-se. Apenas era possível distinguir algumas palavras de ordem como «libertação imediata de todos os presos políticos» ou «liberdade, democracia, socialismo». Os que se apinhavam na rua lançaram o grito de «unidade».

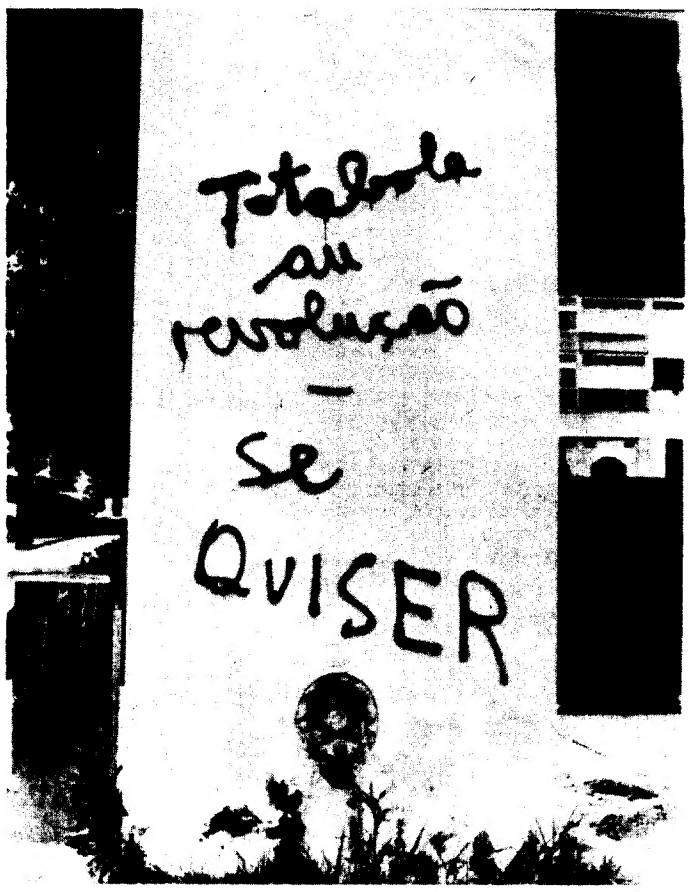
in «D.L.» de 27-4-74

«... A palavra de ordem vinha da C. D. E. através de panfletos e inscrições nas paredes... e dali arranca um grupo de aderentes cedeistas empunhando cartazes e gritando «slogans» em direcção à Avenida da Liberdade. ...Adelino Gomes tentava registar no gravador toda aquela explosão de alegria, de convívio espontaneista entre soldados e civis. ...Uma manifestação do M. R. P. P., grupúsculo maoista conhecido pela sua actividade combativa gritava o seu «slogan» favorito — Guerra do povo à guerra colonial. ... A manifestação sobe a Avenida da Liberdade sempre gritando «slogans».

«Viva a liberdade, vivam as Forças Armadas, viva o socialismo, amnistia, foram algumas palavras de ordem gritadas pelo povo em autêntica festa. Também morte à P. I. D. E./D. G. S. aos assassinos fascistas...

Entretanto o povo gritava vitória, vitória e cantava o «companheiros» e repetia «slogans» como «o povo unido jamais será vencido».

in «D.L.» 28-4-74



«... Da base da tribuna improvisada, a população respondeu «as casas são do povo! o povo ocupa as casas! ... ao som de um apito entoava-se o «slogan» «o povo unido jamais será vencido...

in «D.L.» 30-4-74

... «O povo unido jamais será vencido» eis a tónica desses milhares de gargantas... a tónica voltava sempre «o povo unido jamais será vencido! ritmada por esse «slogan» a manifestação cumpriu todo o trajecto.

in «D.L.» 2-5-74

... «o povo unido jamais será vencido7 eis a tónica desses milhares de garagantas... a tónica voltava sempre 'o povo unido jamais será vencido!' ritmada por esse 'slogan' a manifestaçao cumpriu todo o trajecto.

in «D.L.» 2-5-74

... Perto da rua onde morava surgiu há pouco, açoitada por um vento novo, a manifestação dos padeiros, aprendendo a soletrar «o povo unido jamais será vencido!»
Urbano Tavares Rodrigues in «D.L.» 30-4-74

Da leitura destes fragmentos podemos desde já tirar algumas conclusões. Assim: — A presença do povo é notória descrito geralmente como sujeito colectivo e activo, em movimento contínuo, ocupando a rua e presente em todas as situações:
a multidão voltou a aproximar-se...
a multidão formou uma barreira...
o rumor de cerca de 10 mil pessoas...
todos os manifestantes...
— Em todo este ambiente surgem palavras que remetem para a esfera semântica da violência gritos de ódio...
morte... bombeiros
assassinos... fúria no rosto...
— Há um enorme número de termos belicos(os): repelida a tiro... rajadas de metralhadora
Soldados... guerra colonial... explosão... actividade combativa.. etc.
— Ao mesmo tempo que se nota a rapidez e a urgência da acção (... interviessem rapidamente...) nota-se também a frequência dos elementos «novo» juventude.

Mas voltemos ao «slogan» «O povo unido jamais será vencido» fórmula futurante que Reinaldo Saraiva (1) diz provir uma mensagem intemporal herdada da experiência chilena e ouvido segundo parece pela primeira vez entre nós, no Porto em 31 de Janeiro de 74.

Se este «slogan» foi um dos primeiros a dominar as ruas após a manhã libertadora, o D. L. só no-lo refere a partir da edição de 28 de Abril e a partir daí de uma forma progressivamente intensiva. Senão vejamos: «ao mesmo tempo e a uma voz gritavam, o povo unido jamais será vencido... o povo gritava... e repetia «slogans» como «o povo unido jamais será vencido...» Urbano Tavares Rodrigues fala mesmo em aprender a soletrar este «slogan» quase como se ele fosse uma necessidade para se aprender a ser livre e depois um repórter do D. L. que no-lo refere como sendo a «Tónica de milhares de gargantas... que voltava sempre para terminar sugestivamente «ritmada por esse «slogan» a manifestação cumpriu todo o seu trajecto.

O povo unido jamais será vencido é ainda a título a tónica a largura da 1.ª página do «D.L.» de 28 de Abril de 74 edição em que O Canal Crítica de M. Castrim aprese

sia e arma

èrra

CARLOS MAGNO

também o mesmo título. Mostrando a chegada de Mário Soares a Lisboa, o Telejornal de 28 de Abril terminava a notícia com um curto comentário: O povo unido jamais será vencido.

Este foi, sem dúvida, o «slogan» de Abril; a fórmula guerreira com que se preparavam as batalhas que o próprio «slogan» desde logo deixa(va) antever: se o povo estiver (se mantiver) unido jamais (nunca no futuro) será vencido! Esta era de facto a grande convicção de um povo; a convicção que viriam dias difíceis (de luta) em que a sua força (unidade a união faz a força) iria ser posta à prova (combatida); mas também a certeza de que a unidade serviria um futuro melhor.

A partir dos principais elementos estruturais do «slogan». (Povo, unidade e vencer) podemos traçar linhas diacrónicas pelas quais se orienta uma série de outros «slogans», encerrando ideias mais ou menos afins ou mesmo completivas. Senão vejamos:

POVO	UNIDADE	VENCER
	unidos	venceremos
o povo		vencerá
o povo	unir	
o povo	está (unido) com o MFA	
	operários, camponeses	
Povo	unidos	venceremos
	soldados e marinheiros	
unir unir	socialismo construir (vencer)	

A partir deste quadro talvez possamos afirmar que o «slogan» de Abril, herdado de uma sociedade que construia o socialismo (o Chile), aponta efectivamente para o socialismo, ou seja, para um sistema social em que o povo unido (operários, camponeses, soldados e marinheiros) vencerá; governará. Construirá a sua sociedade — **O SOCIALISMO.**

Com o agudizar da luta de classes, mas principalmente pelas rivalidades (tribais) entre os diversos grupos políticos, o «slogan» re/produziu(-se) extraordinariamente demarcando campos, distinguindo ideologias, apontando objectivos.

Mais uma vez o «slogan» cumpre aqui a sua função bélica: é o argumento/arma que os militantes empunham na luta diária que os envolve, seja ela uma campanha eleitoral/ista ou (principalmente) a mais encarniçada luta entre explorados e exploradores.

No aceso da luta, o «slogan» é o reflexo das divergências, dos objectivos porque cada um luta e as razões porque luta.

A divergência ideológica é patente: «Socialismo sim, ditadura não» argumenta, um grupo. «Socialismo sim, vigarice não» responde outro. «Só há uma via — social-democracia», propõe a direita. «Social democracia só interessa à burguesia», esclarece a esquerda.

«O voto é a arma do povo» dizem uns: «a arma é o voto do povo» clarificam outros.

Mas muitas vezes esta luta trava-se em torno (em defesa e/ou contra) uma personalidade (um símbolo): «Força, força companheiro Vasco!»

«Vasco só há um, o Lourenço e mais nenhum» (dizia-se «in illo tempore»)

«Em frente sem medo Pinheiro de Azevedo!»

«Pinheiro de Azevedo, o povo não tem medo!»

Mas a luta de classes na sua forma mais directa também se nota: «Fora com a canalha, o poder a quem trabalha», dizia uma manifestação de operários; «Isto não é canalha é o povo que trabalha!» respondia demagogicamente uma manifestação de direita.

A importância do «slogan» ao longo dos meses de revolução está bem marcada por tudo quanto se disse e fez em «dias quentes» neste país. Há no entanto (e talvez por isso mesmo) quem reconhecendo a força da palavra/arma o ataque abertamente, tentando desprestigiá-lo, diminuí-lo pretendendo com isso atingir os seus enunciadores e criadores — a massa anónima do povo na rua; há por isso quem pretenda estagnar (vencer) uma guerra que as palavras denunciam e orientam. Fala-se então na «demagogia dos slogans» em «slogans gastos» em «slogans batidos» em «slogans a mais» em «slogans monolíticos» e como não podia deixar de ser, pois o internacionalismo proletário passa também pela fala, em «slogans importados»!

Mas apesar de tudo o «slogan» mantém-se belicoso nas palavras: «...Oferecidas às leituras possíveis dos passantes, são a marca de um tempo compreendido e restituído, são a vontade de dar a palavra ao tempo onde o combate se trava com armas denunciantes, denunciadoras. Com palavras.

...Gestas princípios manifestos, movimentos de expressão com a arma real, comum e quotidiana que é esta língua que falamos. Narrativa em episódios não fechada nas leis secretas da narração, antes desdobrada na permissão do fascínio do presente, espaço-novo-muro, na permissão da comodidade incómoda duma liberdade de contar a história do povo que somos.»
Maria da Glória Padrão in «Diário de Notícias»
(texto agora reunido no volume uma Experiência de Liberdade Diabril — Lisboa 76)

Acompanhado quase sempre de um movimento de corpo (s), o «slogan» gritado nas manifestações obedece a um ritual quase exteriorização de uma força anónima, intensa e contínua. Cada um apresenta no entanto a sua cinética e simbologia própria: «Avançar, avançar poder popular!»... o punho cerrado e o rosto seguro erguido em frente têm por detrás uma força horizontal que parece empurrar os manifestantes para a frente.

«Ninguém arreda pé!» é o som da resistência petrificada, o (res) sentimento de uma força vertical que prende o corpo aos pés e estes ao chão.

As potencialidades poéticas do «slogan» estão à vista. A sua rima fónica e/ou semântica tornam-no fluente e melódico, permitindo a simbiose slogan/canção-marcha guerreira. «A vitória é difícil mas é nossa» é o exemplo do «slogan» transformado em canção.

Particularmente interessante, porque grave e negativo, é o aproveitamento que a direita faz do «slogan» que as massas populares criam nas ruas. Habilmente transformados esses «slogans» viram-se contra o povo que deveriam servir: «Lutar, vencer, operários ao poder» é um grito popular que já alguém se atreveu a transformar em: «lutar vencer social-democracia ao poder!»

O texto/slogan exige para uma completa interpretação (assimilação) o conhecimento do contexto em que é enunciado. Se a afinidade de ideias ou de sentimentos é fulcral para a aceitação do «slogan» não podemos esquecer que é por vezes através do próprio «slogan» que a unificação (captação) se faz: «Deixa o passeio e vem, a luta é tua também!» gritava-se num convite à luta, ao grito, à aderência de uma causa comum.

Embora a maioria dos «slogans» tenha um carácter intemporal, há no entanto alguns cujo caracter circunstancial os limita ou os torna imcompreensiveis se o receptor não conhecer o contexto em que a mensagem é transmitida. Assim, quem compreenderia o rigor e a pertinência lógica do «slogan» «Queremos dormir com as nossas mulheres» se nao soubesse que foi gritado numa manifestação de padeiros exigindo novo horário de trabalho?!...

A IRONIA DO «SLOGAN» OU O (modo de) SER REALISTA PEDINDO O IM/POSSÍVEL

«Não há eleições; D. Sebastião volta prá semana» anuncia o muro em letras apressadas como se de mensagem urgente se tratasse. O cidadão passa e ri, mais ou menos alheio à desmistificação eleitoral. Muita gente quase nem repara mas alguém atento e rigoroso faz questão de acrescentar: «Se estiver nevoeiro».

Entretanto a campanha eleitoral prossegue: « Todos ao Comício do PPM, o Rei vai nu! É o regresso ao passado em tempos retrógrados de mentalidade do presente no futuro dos muros da cidade há muito conquistada e hoje finalmente envolta no frenético antecipar de uma sociedade diferente em que até se torna pertinente indagar: «Se Deus existe porque é que não se recenseou???»

«O voto é a arma do Povo. Povo, se votas ficas desarmado!» a consciência nova que de súbito alastra em planos préviamente desmistificados: «O Socialismo está em construção, visita o andar modelo!»

Mas as movimentações sucedem-se num linguarejar cada vez mais precipitado: «Deixemo-nos de Barreirinhas, vamos ao salto em altura!» O avançar atlético, o arrancar de uma revolução a que nem os mortos escapam: «Mortos da vala comum, ocupem os jazigos de família, já!» É o vento novo de um sentido exacto de equilíbrio social em que a Reforma Agrária invade (desmitifica) os próprios cemitérios: «Fora com os mortos, a terra a quem a trabalha!» Mas a libertação de espaços e ideias tem de ir mais longe; passa também pela fauna morta ou viva mas igualmente encurralada: «Sardinhas enlatadas pedem latas separadas» «Libertaçao imediata dos presos políticos do ZOO» ou ainda o não menos justo e a não menos in/desejada «promoção imediata do leitão a porco!»

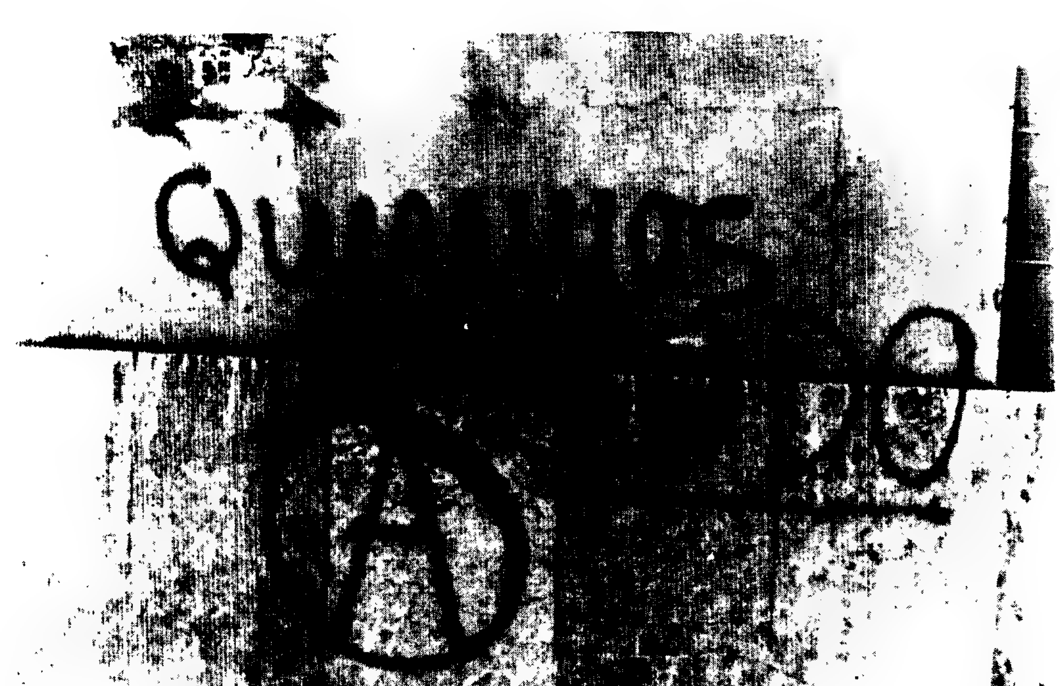
E também a luta contra o inimigo ausente mas sempre presente: «Abaixo a reacçao, viva o motor a hélice!»

«Todo o apoio a tudo o que for provisório!» é a marca da renovação dialética e o indagar necessário do porquê que intriga e paralisa: «O governo é uma merda; de quem é a culpa: da merda ou do governo?» É o desabafo e a ironia do muro que falando ordena: «As putas ao poder que os filhos já lá estao!»

Mas o «slogan» atinge a própria meteorologia: «Nem mais um anticiclone para os Açores» «A chuva é do povo, abaixo os telhados!» atinge governantes e personalidades carismáticas num desafio permanente ao formalismo de regras e palavras: «Viva o [illegible] Pasta, ministro sem Mota!»

O «slogan» não olha a raças ou tipo, esclarece «Carneiro só há um, o assado e mais nenhum!» reivindica [illegible] «Abaixo os ovos estrelados, os pintainhos têm direito a nascer!» informa «A C[illegible] vai de MAO a PIAO» e [illegible] critica(-se): Anarquia sim mas nem tanta.

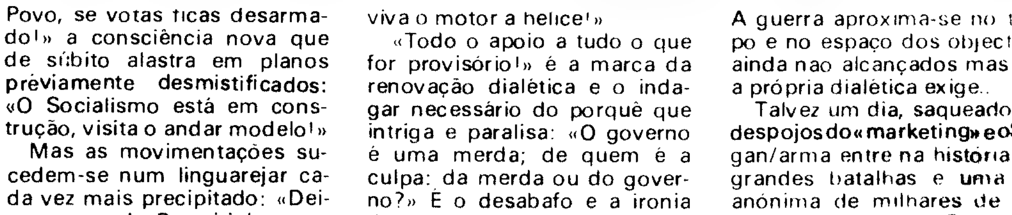
O Mundo marginal dos «slogans» é enorme, fantastico e aliciante. Esquecid[illegible] isso cada vez mais pro[illegible] os



A guerra aproxima-se no tempo e no espaço dos objectivos ainda nao alcançados mas que a própria dialética exige.

Talvez um dia, saqueados os despojos do «marketing» e o Slogan/arma entre na história das grandes batalhas e uma voz anónima de milhares de gargantas nos diga «Slogan só ha um, o do povo e mais nenhum!»

(1) Ensaio publicado pela [illegible] Jornal de Notícias em 9 de [illegible] 74 e posteriormente recolhido n[illegible] me «Literatura Marginalizada»



Em S. MARTINHO DO PORTO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ ROSA

Estrangeiro

Há vinte anos Nasser decretava a nacionalização do canal de Suez

GIOVANNI SPINELLI

CAIRO (IPS) — Fez agora vinte anos no dia 26 de Julho de 1956 — curiosa coincidência, exactamente 24 meses após o assalto ao quartel Moncada, em Cuba, pelos guerrilheiros de Fidel Castro —, que o líder do renascimento árabe, Gamal Abdel Nasser, o número um do Egipto revolucionário desde 1952, anunciou em Alexandria que tinha decretado a nacionalização do Canal do Suez, até então propriedade britânica.

Foi uma reviravolta radical nas relações entre esses dois Estados, uma reviravolta representativa do curso político eleito pelo regime nasserista, baseado no «socialismo militar», com fortes raízes nacionalistas.

O decreto nasserista significou o maior desafio que os «Estados emergentes» fizeram à histórica hegemonia ocidental, a «declaração de guerra» à persistente e nociva realidade da supremacia europeia, ao «eurocentrismo».

O ensaísta marxista argelino Abdel-Razak Abdel-Kader sublinhou que a nacionalização do Canal foi «a linha divisória que demarcou as duas fases da vida do nacionalismo árabe».

O Decreto de 26 de Julho assentou as bases da aspiração nasserista para jogar um papel proeminente no mundo árabe, para se converter no eixo da unificação dos Estados árabes sob a égide do «socialismo egípcio».

Foi então que Anthony Eden, nessa época Primeiro-Ministro conservador da Grã-Bretanha, disse que «não se pode permitir que um homem como Nasser nos esteja a apertar o pescoço».

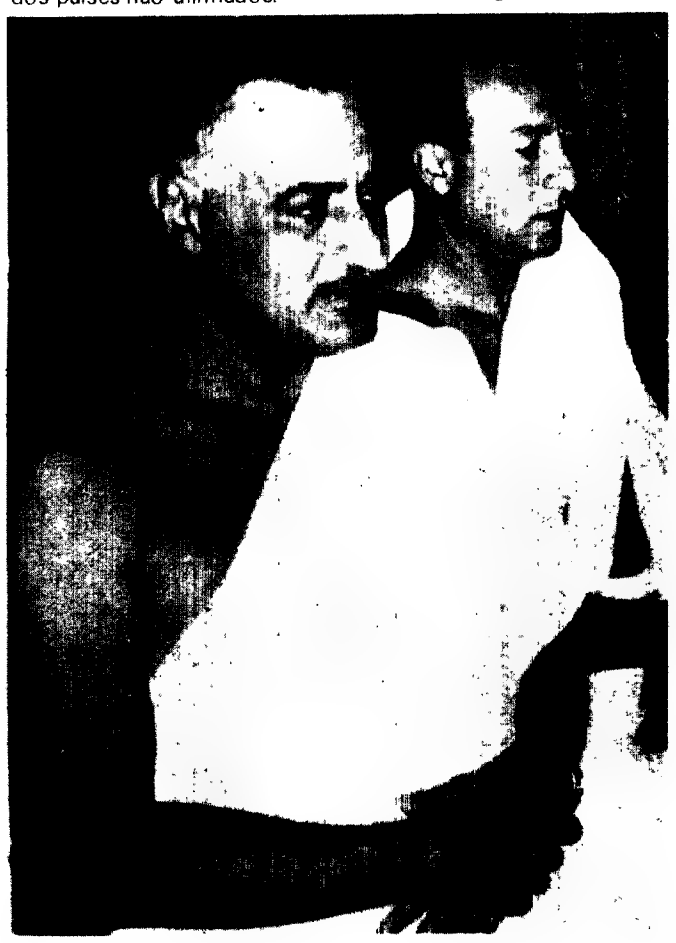
Mas o extinto Nasser não era só o homem que tinha dirigido a revolução contra a monarquia egípcia e posteriormente liquidado a ala conservadora do movimento dos oficiais reformistas, em 1955 participou também na transcendental conferência afro-asiática de Bandung, que deu origem ao conceito de Terceiro Mundo na política internacional.

Em Bandung, os Chefes de Estado dos países recém nascidos propuseram-se criar uma certa harmonia entre as suas respectivas políticas internas e externas.

Nasser não só participou na Conferência Afro-asiática, como entre 12 e 19 de Julho de esse mesmo ano definiu, juntamente com o presidente da Jugoslávia, Marchal Tito, e o então primeiro-ministro hindu, Jawarhalal Nerhu, o programa dos países não-alinhados.

Aswan, sobre o Nilo, um gigantesco dique que seria financiado com os lucros provenientes da exploração do Canal do Suez.

A barragem hidroeléctrica de Aswan deveria permitir a irrigação de mais de um milhão de hectares, nessa altura áridos, graças aos quais seria possível auto-abastecer-se e em cereais, assim como obter uma percentagem só para exportação, o que forneceria as divisas necessárias para dar início a um programa de industrialização.



Gamal Abdel Nasser, o falecido «Rais» do Egipto, em peregrinação a Meca.

O Decreto de 26 de Julho foi a concessão mais significativa, o melhor modelo de iniciativa emancipadora, resultante das decisões políticas adoptadas em Bandung e na conferência Tito-Nasser-Nerhu.

A nível interno, o plano mais ambiciosos acariciado pelo nasserismo da época de Nasser era o projecto de construir em Aswan uma barragem hidroeléctrica de um milhão de hectares, nessa altura áridos, graças aos quais seria possível auto-abastecer-se e em cereais, assim como obter uma percentagem só para exportação, o que forneceria as divisas necessárias para dar início a um programa de industrialização.

Mas em 19 de Julho de 1956 o então secretário de Estado norte-americano, John Foster Dulles, irmão do director «histórico» da CIA Allen Dulles, ambos a mais perfeita encarnação da guerra fria, comunicou a Nasser que os Estados Unidos renunciavam a concretizar a ajuda técnica e financeira que já tinham concedido.

Washington não daria um único dos seus dólares assim como também não faria nada para que o Egipto recebesse ajuda por parte do Banco Mundial de Inversão e Desenvolvimento.

O jornalista norte-americano Stewart Alsop disse recentemente que essa negativa «foi um dos mais estranhos jogos diplomáticos realizados por Dulles».

Não nos parecerá, na verdade, tão «estranho», se às razões evidentes de política interna e externa que moveram Dulles, lhes agregarmos o elemento miopia prepotente, que caracteriza a maior parte dos dirigentes norte-americanos.

Em Julho de 1956 os Estados Unidos encontravam-se em plena campanha eleitoral — o general Dwight Eisenhower estava a terminar o seu primeiro período (52/56), tendo em seguida ganho as eleições para o período de 56/60 —, de modo que Foster Dulles pretendeu aplacar as críticas que provinham dos Senadores republicanos de estrema direita.

Por outro lado, Dulles queria também dar uma «lição» aos não alinhados e ao comportamento de neutralidade frente às grandes potências — o então secretário de Estado sempre considerou a neutralidade como uma «imoralidade» —, os quais tinham em Nasser um eminente defensor.

Mas a miopia prepotente do homem da guerra fria impediu-o de ver que o nacionalismo nasserista estava disposto a aceitar a ajuda económica, técnica e militar dos países de Este, a fim de «vingar — como afirmou o próprio Nasser — a derrota sofrida às mãos dos israelitas em 1948».

Essa mesma miopia não lhe permitiu aperceber-se de que as armas soviéticas e checoslovacas que desfilaram no Cairo em 20 de Junho de 1955 eram algo mais do que um punhado de material bélico, eram um sintoma que se vinha juntar a outro: o Cairo acabava de repudiar o Pacto de Bagdade, instituído em 1954, sob a égide dos Estados Unidos e que tinha como objectivo bloquear as enventuais ambições soviéticas em relação à Turquia e ao Irão.

Dulles conformou-se com a ideia de que o Egipto não estaria em condições para «concentrar os seus recursos económicos num programa tão vasto», cujo custo foi estimado em mil e trezentos milhões de dólares e cujos trabalhos iriam durar entre 12 e 16 anos.

No dia 26 de Julho, em Alexandria, Nasser não explicou como tinha feito para conseguir em apenas sete dias — desde 19 de Julho, dia em que os Estados Unidos comunicaram a sua negativa, até ao anúncio do Decreto — a vital ajuda soviética, limitou-se simplesmente a dizer á multidão que «o Canal é egípcio, entre outras razões porque dez mil egípcios lá morreram durante a sua construção» e que com «a actividade do Canal», que já não iria enriquecer os accionistas britânicos nem franceses, se pagariam os créditos obtidos para a construção da barragem de Aswan.

Em Londres e em Paris falou-se imediatamente de guerra, e em Outubro desse ano passou-se das palavras aos factos, quer dizer, ao ataque militar conjunto contra o Egipto, perpetrado pela França, pela Grã-Bretanha e por Israel.

Em 1967 Israel voltou a atacar o Egipto — guerra dos «seis dias» —, com o apoio dos Estados Unidos, e o Cairo voltou a utilizar o Canal como arma de pressão económica, bloqueando-o para demonstrar assim, mais uma vez, o seu formidável valor na determinação dos custos dos transportes marítimos.

O Canal foi reaberto a 5 de Junho de 1975, mas durante o período em que esteve encerrado as grandes companhias de navegação encomendaram a construção de superpetroleiros, que atingiam as 500 mil toneladas: bordear o Cabo da Boa Esperança alarga muito a viagem, o que encarece o transporte do petróleo embarcado no Golfo Pérsico, de modo que a única maneira de fazer frente à situação era carregar a maior quantidade possível de mercadoria em cada barco.

Actualmente, esses superpetroleiros não podem utilizar o Canal, pela simples razão de que é demasiado estreito e pouco profundo para eles, o que diminui o seu valor estratégico mas não invalida a riqueza histórico-política do Decreto de 26 de Julho de 1956...

Fretilin exige à O. N.U. cumprimento das resoluções sobre Timor-Leste

Em carta dirigida ao Secretário-Geral da ONU, o Comité Central da Fretilin (Frente de Libertação de Timor Leste) e o Governo da República Democrática de Timor— Leste apelam a todos os países da Organização para exigirem o cumprimento das resoluções da ONU sobre a antiga colónia portuguesa e exigirem a retirada das tropas da Indonésia que ocuparam e anexaram Timor.

É o seguinte texto da mensagem assindada pelo Comissário Político Nacional, Mari Alkatiri, e que nos chegou directamente da delegação da Fretilin no Maputo, Moçambique:

«O Comité Central da Fretilin e o Governo da República Democrática de Timor Leste reafirmam o seu desejo de ver cumpridas as resoluções 3485, de 1975, da XXX sessão da Assembleia Geral da ONU, e as resoluções números 384, de 1975, e 389, de 1976, do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas.

«O Comité Central da Fretilin e o Governo da República Democrática de Timor-Leste condenam a ousadia do Governo de Suharto de dar forma legal à agressão e ao massacre perpetrados contra o povo de Timor-Leste e consideram esse mesmo acto como o maior desrespeito e provocação à comunidade internacional, motivado pelo desespero provocado pelas retumbantes vitórias da Fretilin contra as forças agressoras em todas as frentes.

«Assim o Comité Central da Fretilin e o Governo da RDTL apelam para a ONU na pessoa do seu Secretário-Geral e em especial para o Conselho de Segurança da ONU e para todos os países membros da Organização e todos os governos do Mundo amantes da paz e do progresso, no sentido de condenarem a atitude do Governo de Suharto exigindo o cumprimento imediato das resoluções acima referidas».

Tóquio aumenta investimentos na América Latina

Apesar de ocupar o terceiro lugar entre sete grandes áreas, a América Latina recebeu 20 por cento dos investimentos directos que os japoneses efectuaram no estrangeiro até 1974.

O primeiro cliente do Japão nesta máia é a Ásia, com três mil 122 milhões de dólares (25 por cento). Seguido pelos EUA, que receberam três mil e 11 milhões (24 por cento), Europa, dois mil 186 (17 por cento), Oceânia e Médio Oriente (6 milhões cada um), e África (2 por cento).

Os capitais que a América Latina recebeu do Japão ascendem ao total de dois mil 510 milhões de dólares.

A percentagem mais elevada de investimento japonês no estrangeiro foi parar à indústria de transformação. A América Latina recebeu em 1974, 51 por cento, e a Ásia, 40 por cento.

Nos EUA, 46 por cento dos investimentos japoneses foram canalizados para os seguros, banca e comércio externo.

O México é o quarto país da América Latina com maior volume de investimento directo de capital japonês — revelou um estudo dos organismos do comércio externo desse país.

Os investimentos japoneses estão colocados fundamentalmente nas indústrias química, siderúrgia, equipamentos eléctricos e comércio.

A colocação de capitais japoneses no México cresceu nos últimos anos a um ritmo de 33 por cento anuais (7 milhões de dólares em 1976).

O capital japonês no México intervém actualmente em 91 projectos industriais de oito Estados, considerando-se que há 98 por cento de possibilidades de que ganhe as licitações para fornecer os dispendiosos equipamentos de que necessitará a segunda fase da gigantesca siderurgia Lázaro Cardenas, com vista a alcançar a produção de 3,6 milhões de toneladas de aço por ano.

Segundo o Banco do Japao, os investimentos directos do seu país na América Latina (em milhões de dólares) têm agora a seguinte distribuição por países: Brasil: investimentos, 691; valor, 1,253; percentagem, 49,9. Perú; 69, 445, 17,7. Bermudas: 31, 301, 12,0. México: 91, 111, 4,4. Chile: 26, 90, 3,6. Panamá: 130, 75, 3,0. Porto Rico: 15, 50, 2,0. Outros: 352, 185, 7,4. TOTAL: 1,405, 2,510 100,00.

Inglaterra

Trabalhistas aceitam novo "contrato social"

PHIL KELLY

LONDRES (IPS) — O Comité Executivo Nacional do Partido Trabalhista aprovou por uma esmagadora maioria a última versão do que é comummente chamado o «Contrato Social», ou seja, o acordo entre a direcção sindical e o Governo trabalhista.

Na sua forma original, o Contrato Social foi um acordo entre os sindicatos para apoiar o Partido Trabalhista nas eleições gerais de 1974, em troca de um compromisso do Governo trabalhista de aplicar uma legislação a favor do movimento sindical, em particular de eliminar as restrições legais impostas pelo anterior Governo conservador à acção sindical.

Desde então, o Contrato Social tem significado o consentimento da direcção sindical à restrição voluntária do aumento dos salários.

Os dirigentes sindicais tinham inclusivamente chegado a um acordo com o Governo para que os aumentos salariais nos próximos doze meses se limitassem a quatro e meio por cento. Isto foi decidido numa reunião especial do Congresso dos Sindicatos realizada no mês passado, mas nessa altura os sindicatos disseram que se oporiam a posteriores cortes nos gastos públicos. Estes cortes foram anunciados na semana passada pelo Governo, mas, apesar da pressão feita pela esquerda, os dirigentes sindicais mantiveram o contrato.

O Conselho Nacional Executivo do Partido Trabalhista é eleito pelos delegados à Conferência anual. Os grupos locais do Partido Trabalhista estão representados no Executivo principal pelos deputados vo principamente pelos deputados da esquerda e nos sindicatos pelos seus dirigentes.

O Executivo conta com representantes do Partido Trabalhista, assim como da esquerda do Governo. Ultimamente, por exemplo, aprovou várias resoluções contra os cortes dos gastos públicos. Mas os representantes dos sindicatos no Comité Executivo Nacional voltaram hoje com toda a sua força para apoiar o Contrato Social. Uma moção levemente crítica foi derrotada por 13 votos contra 11, e a moção da esquerda, apoiada principalmente pelos deputados Ian Mikardo e Erik Heffer, foi derrotada por 13 contra 7.

Nesta reunião, esteve ausente o ministro esquerdista da Energia, Tony Benn. Benn é conhecido pela sua oposição à política do Governo de limitação dos salários e de cortes nos gastos públicos. Mas o primeiro-ministro, James Callaghan, advertiu muitíssimas vezes que não será tolerada uma política de aberta oposição ao Governo por parte de um ministro, pelo que parece que Benn decidiu adoptar de momento uma política discreta e concentrar-se sobre a tentativa de criar uma viragem a largo prazo na política do Governo.

Dizem os observadores que o primeiro-ministro Callaghan estava muito contente ao abandonar a reunião. O apoio do Executivo Nacional significa que todos os organismos representativos do Movimento Trabalhista estarão agora de acordo com as restrições voluntárias aos aumentos salariais para o próximo ano. Esta decisão também debilita a ala esquerda do partido, ainda que muitos deputados continuem a falar contra a sua política.

Estrangeiro

P.C.E. vai abrir centros de trabalho em diversas cidades espanholas

ROMA, 2 — (ANOP, FP, R e «DL») — Em conferência de Imprensa proferida nesta capital, após o fim da reunião plenária do Comité Central do PCE, Santiago Carrilho, secretário-geral daquele Partido, anunciou que o PCE vai abrir centros de trabalho em Madrid e no resto do país, observando também que a Catalunha, o Euzkadi (País Basco) e a Galiza têm direito ao autogoverno adentro do Estado espanhol.

Anteriormente fora divulgado o comunicado final do plenário, do qual se destacam as seguintes posições: o PCE solicita uma «ruptura democrática com o regime político de Espanha» e a constituição de um «Governo provisório de reconciliação nacional que convoque, com plenas garantias, eleições constituintes»; o PCE decidiu aumentar para 300 mil o número dos seus militantes ainda antes de sair da clandestinidade; o partido vai criar amplos agrupamentos comunistas nos locais de trabalho, de estudo e bairros os quais promoverão assembleias públicas para debate de questões políticas; o CC do PCE será constituído por 57 militantes operários e camponeses, 22 empregados e 54 intelectuais, com uma média de idades de 45 anos e a presença de 17 mulheres; a propaganda do partido vai adaptar-se às novas condições; defende-se um socialismo pluripartidário, democrático, que amplie e prolongue todas as conquistas democráticas e os direitos individuais; finalmente aprova-se a posição dos delegados do PCE na Conferência de Berlim e confirmam-se as posições independentes do partido.

Em delcarações publicadas pelo diário madrileno «El País», Santiago Carrillo comentara anteriormente a amnistia concedida pelo rei Juan Carlos, considerando-a um «passo importante para a reconciliação dos espanhóis». Este ponto de vista é compartilhado por outros sectores da oposição, muito embora as reacções do primeiro dia não fossem de molde a pensar que as forças oposicionistas ficassem regozijadas com a medida.

Entretanto, Dolores Ibarruri («La Pasionaria») presidente do PCE — cujo regresso a Espanha foi anunciado para o próximo mês de Setembro — declarou numa entrevista publicada num jornal madrileno que «não acredita em eurocomunismo, mas sim no comunismo existente dentro de cada país», frisando que a posição do seu partido é de absoluta independência, sem prejuízo da cordial amizade para com os partidos irmãos.

Foi anunciada em Madrid a prisão de um dirigente sindical, detido no sábado quando participava numa reunião para debate de amnistia agora concedida. Em La Coruña cerca de três mil pessoas participaram ontem numa manifestação autorizada contra o desemprego. No país Basco, 150 manifestantes viraram vários automóveis e gritaram «slogans» favoráveis ao guerrilheiro da ETA desaparecido em França. A polícia não interveio.

Por outro lado, durou mais de sete horas um motim de presos de delito comum na prisão madrilena de Carabanchel, que protestavam pelo facto de a última amnistia os não ter abrangido.

Trezentas e vinte presos barricaram-se nos terraços de um dos edifícios da cadeia, arvorando bandeirolas com inscrições a reclamar a sua libertação. Os presos políticos não se envolveram nos incidentes nem ao que saiba, manifestaram qualquer solidariedade com os amotinados. Foi evitado o recurso á violência por parte das forças de ordem, tendo-se restabelecido a normalidade às primeiras horas da manhã de domingo.

Enquanto isto, um grupo de extrema-esquerda reivindicou a responsabilidade pela vaga de atentados bombistas, que em duas semans, assola, pela segunda vez, a Espanha. O «grupo de resistênkia antifascista» anunciou ainda que os dois mortos em Sevilha, vítimas da explosão de uma bomba, eram elementos seus.

Finalmente, o rei Juan Carlos e sua esposa Sofia regressaram no sábado a Madrid, após a sua visita oficial à Galiza. Foi uma cidade desta província «La Coruna» que se reuniu o Conselho de Ministros que decretou a amnistia.

Católicos de todo o mundo reunidos em Filadélfia

FILADÉLFIA, 2 (R.) Dirigentes dos 683 milhões de católicos do mundo começam hoje uma semana de conferências para discutir questões internacionais em Filadélfia, esperando conseguir um renascimento espiritual entre os norte-americanos.

Aguarda-se que mais de um milhão de pessoas assistam ao 41.º Congresso Eucarístico Internacional da Igreja Católica, que se inaugurou ontem em Filadélfia com missas solenes e procissões.

O Papa Paulo VI que não pode deslocar-se aos Estaeos Unidos para assistir ao Congresso e planeia, em vez disso, discursar, numa emissão via satélite, na sessão de encerramento, exprimiu preocupação por o Estado mais rico do mundo estar a sofrer de uma erosão de valores entre todas as fés cristãs.

O tema central do Congresso, a maior conferência eligiosa já efectuada nos Estados Unidos, é «A Fome da Família Humana».

Participam no congresso 52 cardeais, 450 bispos e centenas de padres e freiras de quase todos os continentes.

«Sabemos que a fome de pão poderá apenas ser parte do congresso», observou sm porta-voz. «Os esfomeados que temos neste país precisam de compreensão, amor e aceitação».

Além da unidade cristã, a conferência espera debater a fome, o papel das mulheres e o futuro da família. Na última sessão discursará a princesa Grace de Mónaco, a antiga estrela de Hollywood, Grace Kelly, que nasceu na Filadélfia.

Madre Teresa, uma freira jugoslava de nascimento que fundou os Missionários da Caridade para auxiliar os pobres de Calcutá, fez também observações acerca da fome espiritual dos norte-americanos.

«Na Índia, deparamos com a miséria material», declarou ontem numa conferência de Imprensa, «contudo, existem pessoas em Nova Iorque que sofrem de uma espécie diferente de pobreza. Depara-se com muita solidão e a sensação de não se ser desejado.

«Cheguei à conclusão de que estar só é uma grande pobreza muito grande», acrescentou.

Existência de vida pouco provável em Marte

PASADENA, 2 (R.) Cientistas, que esperam encontrar vida em Marte, ficaram desanimados em consequência das últimas informações pelo módulo de aterragem da Viking-1.

Registou-se excitação em Pasadena, no fim da semana, quando quantidades surpreendentemente grandes de oxigénio e de monóxido de carbono começaram a ser detectadas numa amostra do solo marciano. Contudo, desapareceram depois.

Cientistas afirmaram que as leituras de ontem sugeriam que os resultados iniciais foram devidos à formação química volátil do solo e não as formas microscópicas de vida. Contudo, isso não excluía a hipótese de existir vida no misterioso planeta, onde as experiências biológicas da sonda deverão continuar por várias semanas.

Hoje à noite, o braço receberá comandos da Terra situada a 342 milhões de quilómetros de distância, para recolher o solo necessário para uma experiência sobre matéria orgânica, que falhou na quarta-feira passada.

Cientistas notaram que uma leitura da composição orgânica do solo marciano se torna necessária para explicar por que indicou 15 vezes mais oxigénio do que se aguardava nas experiências biológicas.

Larry King informador das experiências com a Viking, declarou hoje não esperar que cientistas cheguem a uma conclusão sobre se existe vida no solo marciano até obterem resultados completos de três análises biológicas e da experiência sobre composição orgânica.

Os resultados de dois ensaios biológicos espantaram cientistas no Laboratório de Propulsão a Jacto de Pasadena, no sábado.

O primeiro foi a «experiência de troca de gás», revelando uma emissão inesperadamente elevada de oxigénio.

Ainda mais surpreendente foi a experiência «classificada de libertação», que considerou a quantidade de monóxido de carbono radioactiva detectada como igual a uma amostra de solo terrestre altamente activo biologicamente.

Contudo, embora a emissão de monóxido de carbono radioctivo continuasse a surgir nos resultados de ontem, cedo começou também a desaparecer.

Conferência do Mar recomeça hoje

NAÇÕES UNIDAS, 2 (R) . Mais de mil ministros, autoridades jurídicas oficiais e outros especialistas de 158 países retomam, hoje, em Nova Iorque, os seus esforços para a conclusão de uma lei internacional do mar, à escala do Globo.

Esta será a quinta sessão da Conferência das Nações Unidas sobre o Direito Marítimo e a segunda deste ano, devendo as suas reuniões efectuar-se, em grande parte, à porta fechada, até 17 de Setembro.

Estão em perspectiva mais duas, pelo menos, antes de ficar pronta a Convenção a ser aprovada em Caracas, capital da Venezuela, onde a conferência iniciou os seus trabalhos, em 1974.

Os delegados, sob a presidência do Embaixador do Sri Lanka, Shirley Amerasinghe, vão analisar um texto revisto de 397 artigos que cobrem quase todos os aspectos do Direito Marítimo.

Inundações nos E.U.A.: cem mortos

DENVER (COLORADO), 2 (R) Perderam a vida, pelo menos, 100 pessoas quando cheias, provocadas por fortes trovoadas, acompanhadas de chuva torrencial, se despenharam ontem através de um desfiladeiro nas Montanhas Rochosas, segundo revelaram hoje as autoridades.

A polícia disse que cerca de mais de 2.000 pessoas se achavam isoladas pelas inundações que atingiram principalmente o Big Thompson Canyon, um popular centro de turismo, antes do alvorecer.

Quarenta cadáveres foram recolhidos e, pelo menos, mais 15 ou 20 foram vistos presos em destroços boiando nas águas que inundaram o desfiladeiro e ao longo de um troço de 50 quilómetros do rio Big Thompson, informou a polícia.

Cerca de 800 pessoas, muitas delas campistas e veraneantes, foram evacuadas ontem, à noite, e levadas para hospitais próximos, pois quase metade achavam-se feridas ou sofrendo de exaustão e de estado de choque.

MINEIROS REGRESSAM AO TRABALHO

CHARLESTON (VIRGÍNIA ODICENTAL),2 (F.P.)Umterço dos 59.000 mineiros da Virginia Ocidental em greve desde há duas semanas votaram no domingo o recomeço do seu trabalho.

Contudo os trabalhadores afiliados no sindicato «United Mine Workers» que estão na origem da greve, decidiram prosseguir o seu movimento reivindicativo, apesar da decisão de um juiz federal de retirar as multas penalizando o sindicato por greve ilegal.

RECOMEÇO DAS SALT

NOVA IORQUE, 2 (R) A revista «Newsweek» anunciou que vão recomeçar as conversações sobre a limitação de armas estratégicas (SALT), bloqueadas desde que foram apresentadas em Janeiro passado as últimas propostas soviéticas.

A revista dizia que o presidente Ford deseja alcançar brevemente um novo acordo, receando tornar-se vulnerável as acusações de que estaria a brincar com a política externa se um progresso assinalável surgisse muito próximo das eleições.

Tito acusa embaixador norte-americano

BELGRADO, 2 (R e ANOP) Numa entrevista concedida à agência jugoslava Tanjug, o presidente Tito acusou o embaixador dos Estados Unidos, Lawrence H. Silberman, de intervir nos negócios jugoslavos e de encabeçar uma campanha que tem por objectivos comprometer a Jugoslávia antes da conferência dos países não alinhados que se realiza no próximo mês, em Colombo, capital do Sri Lanka. A acusação de Tito contra Siberman baseia-se em palavras proferidas pelo embaixador americano, nas quais afirmava que «dava resultado» exercer pressões sobre a Jugoslávia e na interferência que tenta exercer sobre os assuntos nacionais, nomeadamente na política interna e externa. Pode ser encarada também como uma resposta às declarações de Silberman no aeroporto de Belgrado, no passado dia 3 de Julho, quando falou aos correspondentes estrangeiros após a libertação de Laszlo Toth, negociante americano, que naquele dia acabava de cumprir uma pena de sete anos por espionagem industrial.

Caleidoscópio

■ JOANESBURGO, 2 (ANOP) Três mil pessoas, compareceram ao estádio Jabulani, quando dirigentes do Conselho Bantu Urbano e o presidente do município do Soweto (África do Sul) falaram num comício onde foi apresentada uma lista das reformas raciais exigidas ao governo de minoria branca. O ministro sul-africano da Justiça, aceitou manter a polícia afastada das escolas africanas de Soweto durante as horas de aulas, de acordo com o que lhe foi pedido pelos dirigentes africanos e pelos pais dos alunos da principal cidade-satélite negra de Joanesburgo.

■ SANTIAGO DO CHILE, 2 (ANOP) Pinochet confirmou a existência de negociações para um encontro com o general Bermudez, presidente do Peru. Falando aos jornalistas, disse que havia um convite da sua parte e uma «boa disposição» por parte de Bermudez. Referiu ainda que está a ser tratado um encontro com o seu colega argentino Jorge Rafael Videla.

■ WASHINGTON, 2 (ANOP) . O governo norte-americano vai vender à Arábia Saudita uma nova geração de mísseis terra-ar, mais de mil bombas guiadas por «laser» e 1.800 mísseis anti-tanque. Essa venda soma-se a outra de 2.000 mísseis de intercepção e 16 rampas de lançamento de último modelo de mísseis «Hawk».

■ TUCUMAN, 2 (ANOP) Vendem-se na Argentina bebes a 500 dólares (15 mil escudos). Os mais «baratos» são vendidos a 250 dólares.

■ SIDNEY, 2 (ANOP) O ministro da Defesa da Austrália investiga acusações segundo as quais soldados do seu país teriam morto 27 civis desarmados no antigo Vietname do Sul, em 1970. A acusação foi feita por um camponês, que afirmou saber que os civis foram postos na aldeia de Hua Lon.

■ VARSÓVIA, 2 (R) Oito mineiros morreram em consequência de uma explosão de gás, numa mina de carvão da esilésia. Entretanto, outros cinco foram salvos, também de uma explosão, na mina de Wawel, perto de Katowice.

■ VIENA, 2 (R) . «Fadiga do material» é a causa mais provável do grande desmoronamento, ao alvorecer de ontem, da principal ponte rodoviária de Viena sobre o Danúbio. Jornais vienenses dizem que a razão do colapso foi o desleixo. A ponte tinha 40 anos e foi a única a não ser destruída pelos nazis, quando fugiram dos soviéticos, em 1945.

■ BELFAST, 2 (FP) Um homem foi morto a tiro por três marcarados, à porta da sua residência. Entretanto, mais de 200 presos do Ulster beneficiarão de férias. Entre os contemplados, todos condenados a grandes penas, estão mais de 100 membros do IRA e 50 membros de organizações para-militares.

Geral

Bispo do Porto orienta seminário de Jornalismo

O bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, orientará um seminário de jornalismo de inspiração cristã», a realizar pela Universidade Católica, de 20 a 30 do corrente.

Os cursos contam ainda com a participação dos directores do «Expresso» e do «Diário Popular», Pinto Balsemão e Jacinto Baptista, respectivamente, e de vários outros jornalistas. Jesus Irribaren, especialista espanhol de ciências da comunicação, também estará presente.

expresso

BLOCO EDITORIAL DE DISTRIBUIÇÕES, S. A. R. L.

AO MERCADO LIVREIRO

A «EXPRESSO»-BLOCO EDITORIAL DE DISTRIBUIÇÕES, S.A.R.L. tem o prazer de informar todos os seus Clientes que MORAES EDITORES decidiu confiar-lhe a distribuição exclusiva de todas as suas edições, desde o dia 23/7/76.

Todas as requisições deverão a partir de agora ser enviadas para:

Av. Camilo Castelo Branco, 6-C
Buraca (Lisboa)

ou

Rua Júlio Dinis, 891-2.º, Dt.º
Porto

SINDICATO DOS VIDREIROS DO PORTO

COMUNICADO

O TRIBUNAL CONFIRMOU O ASSASSINO NO ENTANTO, ESTE SAIU EM LIBERDADE

Na 6.ª feira, foi lida a sentença do assassino do operário vidreiro abatido a tiro em 26-11-75 quando saía do seu Sindicato.

O Tribunal condenou o assassino em 4 anos e 3 meses de prisão e uma indemnização à viuva e filhos.

Não podemos deixar de denunciar e protestar por apenas se ter aplicado tão reduzida pena a um terrorista que mata um delegado sindical, fere gràvemente um dirigente sindical e ainda dispara sobre outro, não o atingindo por acaso.

Não podemos deixar de ficar indignados quando se condena um assasino e depois a troco de 100 contos se põe o assassino em liberdade.

Não é certamente assim que se põe fim ao terrorismo fascista. Não falta dinheiro à reacção para comprar assassinos e pô-los em liberdade.

Os Trabalhadores Portugueses e o Povo, estão fartos do terror e da violência fáscistas.

O Povo Português exige justiça e medidas severas contra os criminosos fascistas. Os Tribunais têm a obrigação de actuar de modo a pôr termo ao terror fascista.

Mas não é certamente assim que os tribunais contribuirão para acabar com a violência fascista.

Foi com indignação que o Povo do Porto tomou conhecimento que o assassino tinha sido solto.

OS TRABALHADORES EXIGEM JUSTIÇA.

O POVO EXIGE QUE O ASSASSINO VÁ PARA A PRISÃO.

A Direcção do Sindicato dos Vidreiros

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

O chauvinismo como atitude é, de facto, uma das coisas mais irritantes que existem. Gritar maravilhas só porque traz na ourela a marca da casa revela uma estreiteza inconfundível. Quando porém uma organização internacional de prestígio tem a «lata» de fazer a selecção desta Quinzena, onde a maioria dos participantes está a fazer passar a pura indigência por cinema e quando nessa selecção se inclui um filme como **Os demónios de Alcácer Kibir,** que, se mais não fora, pelo menos está vivo e resistente, a gente começa a pensar se não andaremos todos colados ao provincianismo francófono.

Se o cinema é uma questão de esconjuro, rito iniciático aos demónios de cada qual, duas questões se levantam: que demónios? de quem os demónios?

. Não é mero exercício de literário estilo, estas perguntas. Com efeito, e simplificadamente, são esses os dois pontos fulcrais de todo e qualquer cinema. Cada filme tem os seus fantasmas mas se eles não são, a um tempo, pessoalíssimos e colectivos, então nada feito.

Há os que não têm sequer demónios com quem se medir. É passar de largo. Nesta Quinzena são exemplo disso os filmes jugoslavos ou os de Queysanne. Há os que têm demónios interiores, obsessivos, introvertidos, umbilicais: **Le berceau de Cristal** de Garrel ou **Dyn amo** de Dwoskin. Esses monologam para a sua própria solidão e impotência. Há depois os que querem ter alguns demónios mas não nos convencem da seriedade do seu acto: os filmes brasileiros ou o **We have many names** de Zetterling. A esses se concederá uma atenção lúcida e expectante no futuro.

Há depois aqueles que, melhor ou pior, geralmente melhor (e não é sequer coincidência), guardam em si essa capacidade de ser unitário e colectivo, introspectivo e actuante; e foram poucos: **L'empire des sens** de Oshima, **Son nom de Venise dans Calcutta désert** de Duras, **Der starke Ferdinand** de Kluge, **Os demónios de Alcácer Kibir** de Fonseca e Costa (à data que escrevemos ainda não vimos o outro Kluge nem os filmes de Schroeter e Guzmán).

Claro que cada um tem os fantasmas que pode e que merece e alguns estão tão fascinados com o seu próprio **ego** que isso lhes basta. O que é importante referir é que não é secundária a questão dos demónios que povoam cada filme e que, pelo contrário, é na produtividade social, no quotidiano, que se mede o maior ou menor valor (sempre um valor de uso, precário e consumível) de um qualquer filme.

Do que são os demónios, da sua materialidade ou, provável, indefinição pode falar, falível embora, o filme português do Fonseca e Costa. Não importa aqui, para já, saber se a sua estética nasce de Hawks, de Antonioni, de Jancso ou de Glauber (discussão que, no entanto, já travámos, brevemente, no «DL»). Importa perceber que este filme realiza a fusão de muitas coisas que pairam no realizador e na sociedade portuguesa. E que, por isso, a sua forma se ajusta a esse acto ritual. E que, para tanto, se buscou uma estética tão inovadora quanto possível (e este «possível» engloba todas as limitações decorrentes de se ser cineasta em Portugal).

Importa dizer que, demónios por demónios, preferimos os de casa. Não pelo aconchego que (não) trazem mas por duas razões, até, contraditórias: o prazer que legam e a utilidade que produzem.

QUINZENA DOS REALIZADORES

Uma questão dos demónios

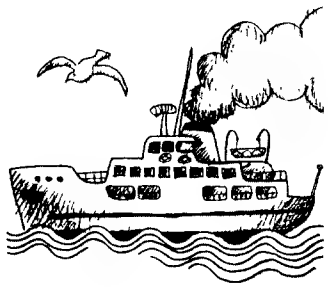
Demónios de casa fazem milagres!

Antero evocado numa revista polaca

«A mais recente contribuição para o estudo dos laços culturais entre Portugal e a Polónia é o trabalho de Adam Zielinsky «Repercussões Literárias Portuguesas das Lutas pela Independência da Polónia no século XIX» . escreve-se na revista placa «Tworczosc», em extenso artigo há dias publicado, onde as relações culturais luso-polacas constituem o tema principal do último número da revista.

«Cartas de Uma Viagem», do historiador Adolf Pawinsky, abre o artigo em questão, que continua com excertos de ensaios da autoria de Campos Ferreira, antigo director da Academia de História de Lisboa.O poema «A Europa», de Antero de Quental, é também publicado no referido artigo, que salienta o facto de aquele poeta ter lutado pela defesa polaca, no século passado, conforme o demonstram os trabalhos de pesquisa de Campos Ferreira de Lima.

A vasta obra de Zielinsky é constituída por uma antologia de vinte e sete trabalhos portugueses, onde se torna evidente, segundo a Anop, a simpatia e o interesse dos portugueses pela Polónia.



Cruzeiro a Troia

Dias 25 de Julho
8 e 22 de Agosto
5 e 19 de Setembro

Uma iniciativa do GITUS
levada a efeito
numa das modernas embarcações
dos Caminhos de Ferro Portugueses

Preços adultos 150$00
crianças 70$00
Suplemento para almoço 50$00

Horario estação do Terreiro do Paço
embarque 08 00 horas
desembarque 20 30 horas

bilhetes a venda
nas estações de Lisboa
no GITUS
(telef. 53 98 71 - 36 25 01 - 68 11 78)
e no teu Sindicato

Caminhos de Ferro Portugueses

Setenta e quatro filmes por exibir

A Comissão Etária de Espectáculos Cinematográficos emitiu um comunicado no qual afirma que todos os filmes já por ela classificados e que ainda não foram exibidos se encontram retidos apenas por simples critério de oportunidade comercial.

Estão neste caso 66 filmes de fundo não exibidos, tendo decorrido já um ano após a classificação, e 8 outros encontram-se nas mesmas condições após dois anos.

E diz a seguir o comunicado da Comissão Etária:

«Outros filmes se poderiam referir em relação aos quais (porque se trata ainda de censura económica) se poderia pôr a questão de inexplicavelmente não terem sido apresentados para classificação.

Assim, por exemplo: «Zaboisky Point e China» (Antonioni), «Night Port» (Cavani), «Montanna Sagrada», (Iodorowsky), «La Villegiatura» (Zulawsky), «Alice's Restaurante» (Penn), etc.)

A comissão esclarece ainda que o filme «Salo ou os 120 dias de Sodoma», de Pasolini, foi visionado em 26/7/76 (fora apresentado em 21 do mesmo mês) e obteve a classificação de «interdito a menores de 18 anos» por expressar perversão, pôr a sexualidade sob formas manifestamente chocantes, e por incluir a violência, assumindo formas de sadismo».

Em razão do especial impacto de algumas das suas consequências, a publicidade do filme deve incluir o aviso «este filme contém cenas eventualmente chocantes».

Auditório e jardins para Campolide

Um auditório rodeado por alguns jardins será em breve uma realidade na freguesia de Campolide, beneficiando assim centenas de crianças daquela área, designadamente do Bairro da Serafina, a quem foram negados, nos anos negros do fascismo, os mais elementares direitos, desde habitação condigna a arrelvamentos e escolas primárias. Para que o que acima realçamos se torne realidade ainda este Verão muito se esforçou a Comissão de Moradores da zona, que junto dos utentes do baldio em que o auditório será construído e da CML logrou encontrar a plataforma que lançará os cabouços da iniciativa.

Em Campolide não há um único jardim, nem mesmo qualquer espaço verde que permita às crianças daquela área brincar em segurança ou repousar e conviver. Os plenários convocados (o último efectuou-se na sexta-feita) pela CM da zona desde Junho de 1974, colocando os moradores ao corrente das dificuldades burocráticas que se vinham multiplicando e complicando a processualização da iniciativa, tiveram há dias a justa compensação, quando a presidência da Câmara Municipal de Lisboa «avalizou» a imediata construção do auditório e dos jardins circundantes desde que os dois «donos» do baldio estivessem de acordo e uma senhora idosa que ali vive numa barraca pudesse ser realojada.

A Comissão de Moradores ultrapassou essses pequenos entraves prontificando-se a construir duas barracas para os dois utentes do baldio, ao mesmo tempo que aloja a referida ancia num lar da freguesia, onde agora tem direito a assistência médica e alimentação. E, assim, dentro de duas ou três semanas serao lançadas as primeiras pedras do auditório e as primeiras plantas dos jardins que o rodearão.

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

DOZE HORAS A VER TELEVISÃO E NEM AO MENOS A MEDALHINHA DE BRONZE!

Meia hora depois da meia-noite. O serão acaba com cavalos. Quase ponto final de penosa monotonia na maratona de duas semanas de Jogos Olímpicos.

Eis-me face à superfície branca do papel, após mais de 12 (doze!) horas de televisão. Doze horas de televisor, por mal dos meus pecados. E sem nenhuma recompensa, imaginem. Um sujeito monta o «Agamenon» ou o «Sympatico», dá saltos para a água, salta à vara, esmurra o parceiro (mui amavelmente): fica célebre, recebe medalha de ouro ou de prata ou de bronze. Outro sujeito — cá o meco — fica num soberbo domingo de Agosto 12 horas a ver televisão (ainda por cima portuguesa!) e não recebe nem a ponta de um corno.

Aguardo pacientemente que incluam a crítica de televisão na lista das disciplinas olímpicas. Pelo tempo gasto nisso prova de resistência hão-de ver como é limpinho: chapa de ouro, bandeira das quinas a subir no mastro e eu muito comovido.

Quem me recompensa destas doze horas de vida assim deitadas na corrente para nunca mais?

FÁBULA A CAVALO

O serão acabou com cavalos, já disse. No meio do programa, aquela fábula do cavalo chamado «Povo».

Era um belo animal negro, musculado, nervoso. Um poço de energia. Olhava a gente para o bicho e logo vinha a certeza de que todos os obstáculos iam ser vencidos sem qualquer dificuldade.

Isto de tratar com o «Povo» não é trabalho fácil. Exige-se muito tacto, muita humildade, muito aprender com ele, muito estar com ele. Se o reprimem, se não se coopera na ultrapassagem dos obstáculos, o «Povo» zanga-se, recusa, anda de má vontade, nada a fazer.

Assim aconteceu ontem. As faltas foram-se acumulando, faltas de todo o género, desde as negas aos derrubes. Aquele «Povo» reagiu mal ao nervosismo, à impaciência ou à inexperiência do cavaleiro.

Como todos os povos.

BOXE BOM BOXE MAU

Isto aconteceu no final. Mas lá pelo dia adiante houve futebol, judo, boxe, sei lá.

Na altura do boxe e quando os pugilistas subiam ao pódio, o comentador chamava a atenção para a quase total naturalidade dos seus rostos, não massacrados ou macerados como alguns esperariam.

Dias atrás, a propósito de um combate em que um pugilista fora duramente castigado sem que o árbitro interviesse, o mesmo comentador protestava. O árbitro andara mal. Não deveria ter consentido a continuação do jogo dado que se tratava de um encontro entre amadores e não entre profissionais.

Donde: como amador, o boxe admite-se. É uma fera enjaulada, não provoca estragos (e não provocará?); mas no boxe profissional vale tudo, é a fera à solta. Condenado, portanto, o boxe profissional.

Como defendê-lo, porém, depois de o condenar?

QUESTÃO DE TAXA?

A crítica à educação dos diversos comentadores portugueses dos jogos, fará parte doutro folhetim. Digamos que no seu conjunto foi simplesmente desastrosa, sendo certo que nem sempre por culpa deles. Basta apenas recordar as deficientes condições do seu trabalho: comentar, em Lisboa, o que se está a passar a cinco fusos de distância é tarefa onde não venceria nenhum Hércules.

Lamentavelmente, a televisão portuguesa não mandou gente sua a Montreal para fazer a cobertura do maior acontecimento desportivo ou para relatar aos telespectadores portugueses os aspectos mais salientes. Enviado para futebol ou para jogo de râguebi, a RTP diz que sim. Para os Jogos Olímpicos, a televisão recusa.

Talvez quando todos pagarem a taxa, as coisas mudem. Talvez quando todos pagarem a taxa os bons profissionais suspensos desde o ano passado regressem às suas actividades. Talvez quando todos pagarem a taxa acabe o favoritismo, o compadrio, a incompetência ou a infantilidade profissional.

Agora, parece que a panaceia é a taxa. A taxa arreganhada, claro.

JESUS — E OUTRAS COISAS

Falei de como encerrou o programa. Ainda nada se disse de como principiou.

Principiou com a missa. A oficiar, um jovem sacerdote muito nervoso, muito afectado pela presença das câmaras de televisão. Sem nenhuma naturalidade a ler pela sebenta. Uma homília desastrada, confusa, onde se falou de tudo e de nada. Onde se juntou no mesmo cabo o arcebispo de Munique que é alpinista e contra os abortos, o patriarca que vai a pé até ao Terreiro do Paço, os malefícios da vida moderna, os prejuízos dos meios de informação e o comportamento de alguns cristãos face a Jesus.

Para muitos deles, Jesus invocado como resposta par as suas dúvidas, como guia das suas lutas. Para outros até, comprometidos com os pobres, com o povo, com os necessitados, Jesus *serve-lhes de justificação*, se bem que longínqua, *de todos os atropelos de todos os seus actos ideiais e por vezes até pueris.*

Para tantos e tantos, ele é quem está no tabernáculo *perante o qual rezam horas a fio se for preciso e pedem que sejamos livres das catástrofes do mundo de hoje, que sejamos livres, que sei eu!, do «comunismo em que podemos cair» como eles dizem (...)*

Não é o padre que diz: são *eles*, os outros. O padre apenas repete. Apenas. Os outros dizem, é quanto basta, os outros aparecem motivados das nabeiras mais diversas no seu comportamento face a Jesus. Claro que acrescentaria depois o padre — *estes motivos não são maus, são até bons motivos.*

Lamentavelmente, nos tempos de hoje, ainda acontecem destas coisas. Num tempo em que a aranha negra alarga a sua teia, há quem frente a milhões de crentes portugueses, agite o espantalho anticomunista. Ninguém de bom senso irá considerar esta intervenção como de utilidade para quem quer que seja. Basta aqui relembrar o grande número de católicos que, no passado, a aranha negra prendeu na sua teia.

Esses católicos, sim, continuarão a orar e a lutar para que o passado não regresse. Esses *sabem* que Jesus está com eles, lhes dá o seu exemplo de homem vivo. Esses não apreciarão as homílias confusas, desastradas, enfatuadas.

Esses são os que seguem.

Hoje

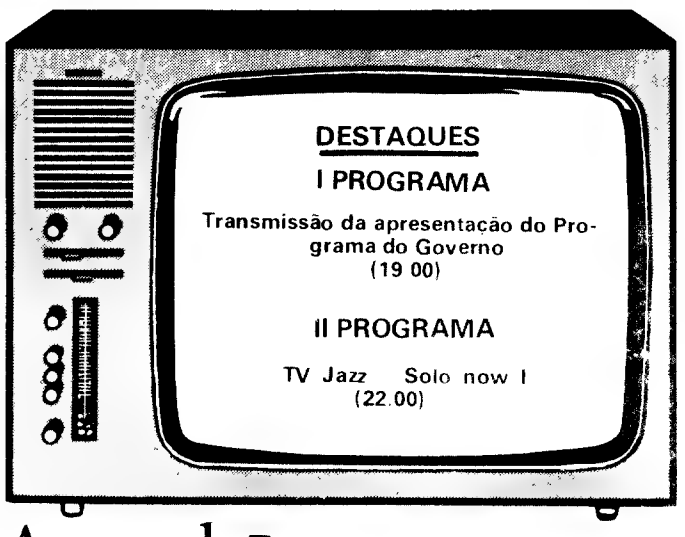
O Sobrinho da América

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **transmissão da apresentação do Programa do Governo pelo Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares à Assembleia da República.**
22.00 **Telejornal**. 1.ª edição
22.30 **Revista olímpica**
00.30 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e O Sobrinho da América. Série filmada.
20.55 **Enquanto a erva está verde.** Um documentário da série «O Homem e a Arte» a transmitir na rubrica **«Encontro com o passado»**
20.55 **S. O. S.** O mistério de Eva Szmidt.
22.00 **TV Jazz**. Solo Now I. Uma ideia de Joachim E. Berendt. Realização de Helder Mendes. Produção de Nuno Martins.
23.15 Fecho.



Amanhã

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **«A Ilha do Tesouro»**, **19.25**: **A Pedra Branca** Série filmada. Com Julio Hede e Of Hasseltorps Realização de Geran Graffman «Para dar ares de importante Hampers diz a Pia que o seu nome e o Rei do Perigo...»; **19.55**: **Ver O Símbolo** As Informações visuais Como um signo pode conter uma informação suficientemente concreta para constituir uma linguagem; **20.30**: **Telejornal** 1.ª edição; **21.05**: **O grande amor de Balzac** Esplendor e Miséria. Com Pierre Meyrand (Honoré de Balzac) e Beata Tys Briewicz (Mme Hanska) e Daniela Ajoret. Realização de Wojtek Solarz; **22.00**: **Responde o C D. S. em debate**; **23.00**: **Telejornal** 2.ª edição, **23.15**: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e **Vickie, o Vicking** Desenhos animados; **20.55**: **Os Goodies** — o «non sense» inglês uma série da BBC, **20.55**: **Passatempo** — Magazine quinzenal; **21.50**: **Telejornal**; **22.25**: **Concerto** pelo grupo de musica contemporanea de Lisboa sob a direcçao de Jorge Peixinho; **22.55**: Fecho

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE SETÚBAL

CONTENCIOSO

Por motivo de férias, informamos os nossos associados que, não haverá durante o mês de Agosto, consultas aos Advogados. Mantém-se, no entanto, o habitual serviço de «INFORMAÇÕES» nas horas normais de expediente.

Setúbal, 29 de Julho de 1976

A DIRECÇÃO

O FILME A VER E REVER

UM FILME DE STANLEY KUBRICK

LARANJA MECÂNICA

As aventuras de um jóvem cujas principais inclinaçoes sao a violência, a violaçao e Beethoven!

Stanley Kubrick A CLOCKWORK ORANGE — Malcom McDowell · Patrick Magee · Adrienne Corri · Miram Karlin · Stanley Kubrick · Anthony Burgess · Stanley Kubrick · Max · Rado and Ged

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

HOJE, ÀS 17 H., 19.30 E 22 H. quarteto

TEATRO ABERTO

P.e de ESPANHA metro PALHAVÃ telef. 77 09 69

grupo 4 apresenta

O CIRCULO DE GIZ CAUCASIANO

não acons

(11 semanas em cena)
DE 3.ª A 6.ª FEIRA, ÀS 21 e 15 H.
SÁBADO, ÀS 15.30 e 21.15
DOMINGO, só às 16 h

HOJE: às 20.30 e 22.30
4.ª FEIRA
Descanso da Companhia
(Não acos MEN. 18 anos)

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Futebol de pé no estribo

CAPTAÇÃO

A partir de amanhã (e todas as terças e quintas, depois das 19 horas) estão abertas as portas do campo «Branca Lucas» (nos Olivais) onde o Sport Lisboa e Olivais aceita futebolistas que queiram representar o clube em seniores e juniores.

COLÓQUIO

A 6 e 7 do corrente, a Federação organiza o «I Colóquio Técnico de Futebol», que vai abordar os seguintes temas: características actuais do futebol português, análise comparativa do futebol mundial, evolução necessária e linhas de orientação futura. No colóquio participaram 40 elementos: 9 treinadores, 9 preparadores físicos 9 jornalistas, 5 médicos, 4 jogadores e 4 árbitros.

O colóquio funcionárá no Hotel Penta em Lisboa.

COMPETÊNCIA

O União de Leiria venceu o Alcochetense (2-1) assegurando a permanência no núcleo de emblemas que disputam os campeonatos nacionais da 2.ª divisão.

INTERTOTO

O Belenses empatou na Polónia (2-2 com o Pogon) enquanto o Vitria vencia o Inter de Bratislava (1-0) em jogo disputado em Guimarães. As linhas dos clubes portugueses e marcadores dos golos neste último dia da Intertoto:

. Belenenses: Melo; Esmoriz, Quaresma, Horta e Cardoso; Pincho, Pietra (Isidro) e Godinho; Vasques, Artur Jorge (Sambinha) e Amaral. Tentos de Pietra e Vasques.

Guimarães: Sousa; Ramalho, Celton, Torres e Alfredo; Pedroto, Abreu e Almiro (Ferreira da Costa); Pedrinho, Tito (Mário Ventura) e Rui Lopes.

Golo de Pedrinho. Cartão amarelo mostrado a Ferreira da Costa. Expulsão de um contrário (Barnos). Lesão grave de Mário Ventura.

PORTO

Problemas para Pedroto, já no início da preparação dos *azuis-brancos*: lesionou-se Taí e foi descoberto um vírus na bexiga de Seninho.

SALGUEIROS

Vieira Nunes (Braga), Adilson (Espinho) e Mansilha (Régua) ingressaram no Salgueiros, agora a ser treinado por Francisco Andrade.

SELECÇÃO

A 30 do corrente inicia-se o trabalho de preparação da selecção portuguesa que concorre ao «mundial». Jogos programados: Portugal-Polónia (16 de Outubro), Portugal-Dinamarca (17 de Novembro), Chipre-Portugal (5 de Dezembro), Dinamarca-Portugal (9 de Outubro de 1977), Polónia-Portugal (29-10-77) e Portugal-Chipre (16-11-77).

Futebol sportinguista atira-se ao trabalho, fazendo teste de Hagan em Marselha: Fraguito, Vitor Gomes, Valter (médio). Da Costa Laranjeira e Camilo estavam no bloco que partiu para França, onde joga hoje perante o actual «team» de Yazalde. Outros futebolistas dos «leões» que fazem o passeio: Matos, Valter (guarda-redes), Amândio, Baltasar, Barão, Libânio, Manuel Fernandes, Manoel e Garcês.

FESTA NO F. C. PORTO

Iniciam-se hoje as comemorações do 70.º aniversário do F.C. Porto, que se prolongam até fins do próximo mês de Novembro.

O programa daquele clube nortenho, presentemente com a «Campanha dos 70.000 sócios» é a seguinte:

. Logo, pelas 18.30, na sede dos «azuis-brancos», será hasteada a bandeira portista, pelo sócio mais antigo. Seguidamente, organizar-se-á um cortejo automóvel (precedido de batedores da P.S.P.) que se dirigirá à Constituição e às Antas, respectivamente, locais onde se procederá a igual acto, pelos segundo e terceiro associados mais antigos. A esta cerimónia foram convidados a estar presentes os primeiros 70 sócios da colectividade.

No dia 8, (as 10.30) efectuar-se-á a tradicional missa por alma dos sócios já falecidos, na Igreja Românica de Cedofeita. Pelas 11.15, terá lugar a romagem ao Cemitério de Agramonte, nomeadamente às campas de José Monteiro da Costa, Miguel Siska, e Mausoleu do F. C. do Porto, onde proferirão breves palavras alusivas ao acto, o dr. Ponciano Serrano, eng.º Sampaio de Morais e dr. Américo de Sá.

Ainda durante este mês prevê-se a inauguração da Casa-Abrigo de Cortegaça. Para Setembro, está previsto um convívio desportivo entre várias secções, que trocarão entre si as modalidades que normalmente praticam, assim como um torneio entre o F.C. do Porto e Benfica, ao nível de quatro secções.

Do mesmo modo o clube nortenho pensa levar a efeito duas noites culturais, preenchidas com coros, teatro e a Orquestra Sinfónica do Porto.

No dia 5 de Outubro, está previsto um desafio internacional de futebol, no Estádio das Antas, antecipado de uma parada atlética, que servirá de fundo à entrega de faixas e medalhas aos campeões nacionais. Seguidamente exibir-se-ão representações de Ginástica e Campismo.

A terminar as comemorações, haverá um jantar de convívio e a habitual sessão solene, preenchida com uma palestra e entrega de rosetas aos associados com 25 a 50 anos de filiação, além da projecção de um filme desportivo.

Basquetebol: sportinguistas confirmam ser os melhores de Portugal. Depois do nacional, a «Taça» foi morar para Alvalade

LÁ FORA

BAYI

O campeao mundial dos 1 500 metros (Filbert Bayi) vai tomar parte em torneios de atletismo no Canada e possivelmente, também na Italia. Dinamarca e Inglaterra Bayi, acompanhado pelo fundista Ibrahim Juma, estará amanha em Vancouver, e participará em provas atléticas, segundo um informador da Associação Tanzaniana de Atletismo Amador, sublinhando: **Aceitámos a convite depois de nos terem garantido que nenhum representante da Nova Zelândia estará nesse torneio.**

A Tanzânia boicotou os Jogos de Montreal como protesto contra o facto de a Nova Zelândia ter enviada uma equipa de ráguebi a Republica da Africa do Sul

PORTUGAL

ATLETISMO

Os sportinguistas Luis Azevedo (15 e 86 no triplo salto) e Carlos Cabral (1.51,2 nos 800) foram os atletas melhor pontuados na «Taça Fernando Amado», disputada no Jamor. O Benfica venceu colectivamente.

BASQUETEBOL

O Sporting juntou a «Taça de Portugal» ao título de campeão nacional. A final da «Taça», desenrolada em Coimbra, deu espectacular êxito aos «leões»: 104-64, face ao F.C. Porto. Linhas e pontos logrados: SPORTING — Nélson Serra (4), Roque (4), Quim Neves(14), C. Sousa (6), Tó Mané, Sobreiro (3), Rui Pinheiro (21), M. Albuquerque (23) Zé-Carlos (27) e Ventura. F. C. PORTO — Leite (6), Cabral (2), Babo (8), Carneiro (2), Romero (9), Pinto Assunção (4), Gomes (17), M. Costa (2), e Catarino (14).

BRIDGE

Portugal está presente no Campeonato da Europa de Bridge de Juniores, que decorre em Lund (Suécia). A equipa portuguesa é constituída pelos seguintes elementos: José de Melo e Faro («capitão» não jogador), José Galvão Lucas, Carlos Galvão Lucas, Luís Matos, José Pouzada, Nuno Debonnaire e Jorge Metello.

Portugal já conquistou o 2.º lugar no «europeu» efectuado em 1968 (na Checoslováquia) e a Suécia é o actual campeão da Europa.

Além de Portugal, concorrem a Espanha, Dinamarca, Suécia, França, Holanda, Inglaterra, Alemanha Federal, Itália, Polónia, Irlanda, Islândia, Finlândia, Hungria, Áustria, Israel e Bélgica.

O campeonato termina no próximo dia 8.

CAÇA SUBMARINA

O orientalista Bessone Basto conquistou o título nacional em caça submarina.

CASTIGO

A Federação de Basquetebol agravou para 6 jogos de castigo, a penalidade (três jogos) inicialmente aplicada ao jogador Hilário (Sangalhos), no rescaldo da final do «nacional».

CICLISMO

Joaquim Andrade (Safina) triunfou na prova ciclista «Prémio Nordeste Transmonstano», que teve a última meta em Paredes. A Sadina venceu (igualmente) por equipas, seguindo-se Fafe, Coimbrões, S. Jorge e (em 5.º lugar) o F. C. Porto. Na tabela individual, a Coelima meteu dois ciclistas logo após Andrade: Luis Teixeira e José Sá.

HÓQUEI EM PATINS

Baixou o pano sobre o «nacional» hoquista da 2.ª divisão: o Estremoz (9-2 e 3-4 nos jogos das duas «mãos») levou de vencida o Riba de Abe e obteve o título.

IMPASSE

O Sporting (campeão nacional) e o F. C. Porto (finalista, com os «leões» na «Taça») foram vítimas da incúria ou do desleixo federativos: não foram inscritos, dentro do prazo regulamentar, nas competições europeias oficiais («Taça dos Campeões» e «Taça das Taças»). Protestos (bem fundamentados e justamente muito indignados) foram entregues, pelo Sporting e pelo F. C. Porto, à Secretaria de Estado da Juventude e Desportos.

TÉNIS DE MESA

Registamos com desvanecimento um ofício da Associação de Ténis de Mesa do Porto, a propósito da cobertura feita pelo «DL» ao «Grande Torneio Cidade do Porto em Ténis de Mesa».

Niki Lauda: campeão em perigo

O acidente de que foi vítima o volante austríaco Niki Lauda pode ter-lhe roubado, de forma espectacular e surpreendente, as possibilidades de que ainda sábado dispunha para ganhar, uma vez mais, o Grande Prémio do Mundo de Condutores de Fórmula 1. Niki Lauda, de 27 anos teve, assim, no circuito de Nurburgring, de desisitir ao fim de 13 voltas do percurso, após colisão que envolveu diversos participantes. James Hunt, o seu mais directo perseguidor, ficou de imediato em boa situação para poder hoje aspirar a ganhar, pela primeira vez na sua carreira, o ceptro máximo do automobilismo mundial.

Logo após o acidente, que ocorreu pouco antes das 15 horas, a prova foi suspensa. Antes da colisão ter obrigado à paralisação temporária da corrida. O alemão Jochen Mass estava à frente do conjunto de 26 carros, no seu «McLaren-Ford M23». Ganhara uma vantagem a partir do início, em pneus para tempo seco, apesar do céu estar nublado, pelo que outros volantes haviam recorrido aos pneus especiais para chuva. Esses tiveram depois de parar, para substituir os pneumáticos quando o tempo melhorou, enquanto Mass seguiu o seu caminho. Cerca de hora e meia depois do acidente a prova foi retomada, uma vez os destroços removidos do circuito.

O desastre deu razão aos que criticam o traçado deste circuito, nas montanhas de Eiffel, que ainda há dois anos foi modernizado e tornado mais seguro, com um dispêndio de seis milhões de marcos (perto de 72 mil contos). O campeão austríaco nunca escondeu o facto de ser um dos que condenam o circuito traiçoeiro onde se desenrola o Grande Prémio da Alemanha, com as suas 40 curvas à direita e 33 à esquerda.

Apesar de queimado, Lauda ainda conseguiu pôr-se a salvo pelo seu próprio pé. A colisão do seu carro foi com os do alemão Harald Hertl do italiano, Arturo Merzário e do norte-americano Lunger. Depois, colidiu também contra estes bólides o inglês Guy Edwards.

No hospital anunciaram que um helicótero transportou, posteriormente, Niki Lauda para uma clínica especial, em Ludwigshafen, a fim de ser tratado das queimaduras. «Em Ludwigshafen temos os melhores especialistas da Alemanha no tratamento de queimaduras» . indicaram no Hospital de Adenau, onde o campeão mundial dera entrada logo a seguir ao desastre.

«Niki Lauda tem queimaduras de segundo e terceio grau, no rosto, e uma fratura facial do crânio... Não está em perigo, mas demorará algum tempo a sarar as feridas» afirmou um médico que o observou interrogado pelos jornalistas, o médico acrescentou que o «volante» austríaco poderá ter de ficar muito tempo afastado das pistas. Para além das lesões no rosto, Lauda sofreu queimauras nas mãos e nos cotovelos...

No estabelecimento hospitalar de Aderian (onde se efectuou a prova), por onde o campeão passou inicialmente, anunciaram que a mulher de Lauda estava a caminho da clínica de Ludwigshafen, despois de haver chegado ao aeroporto de Colónia, vinda de Viena num avião particular.

O carro do volante austríaco, como atrás escrevemos, foi embater na vedação durante a terceira volta, a meio caminho do traçado de 22,835 quilómetros em que se corria o 38.º Grande Prémio da Alemanha de Fórmula 1.

O seu «Ferrari» vermelho incendiou-se de imediato. Logo a seguir, vinham o norte-americano Lunger, que corria o seu primeiro Grande Prémio na Europa, e o alemão Ertl, também um estreante em provas do género, os quais não conseguiram evitar o carro em chamas. Outros dois volantes conseguiram desviar-se a tempo de evitar a colisão e correram para auxiliar Niki Lauda, que, entretanto saía do seu carro no meio das chamas.

O volante austríaco encontrava-se actualmente à frente do Campeonato Mundial de Fórmual 1, com 58 pontos. O seu mais próximo adversário, o britânico James Hunt, tem 35.

TOTOBOLA
Boletim com "13"

GUIMARÃES - I. Bratislava	1
Pogon - BELENENSES	X
Admira - Malmo	X
Standard Liège - Hertha	1
Landskrona - O. Teplice	X
AIK - Eintracht B	2
Zurique - Brno	2
Holbaek Ostende	2
Naestved - Oesters	2
S. Cruz St Gallen	X
Orebro - Linz	X
Zaglebie - Vojvodina	2
Copenhagen - Kosice	1

Desporto

Portugal: não mais "orgulhosamente só"

NEVES DE SOUSA

Durante duas semanas o mundo esqueceu fome e guerra, crise e morte. Viveu-se mais uma Olimpíada, mas (paradoxalmente) deu-se novo passo para o fim dos Jogos: Formosa excluída, saem países africanos, embora a Nova Zelândia prossiga na liça, mesmo com a África do Sul irradiada. Profissionais *amadorizados* à pressão, treinos pagos a peso de diamante, um estendal de ostentação fictícia: nações paupérrimas, sem um ceitil no bolso, andam por ali, no palco da ópera bufa, esfomeadas e mal amparadas nas canelas, peitos escanzelados onde as vitaminas injectadas à última hora não deram efeito por ai além.

Negros dos E. U. A. salvam a honra do convento, acompanhando a turma masculina de natação no pouco «valeu a pena» apresentando pelos *janques* enquanto a U. R. S. S. (com obrigação disso dado o seu poderio geográfico) e a RDA (milagre de ressurreição que entra na plenitude do sereno julgamento para a História) se graduam como triunfadores da luta tantas vezes despeitada e odeinta pela conquista de uma medalha.

Veio, sempre, a lágrima cuspida pelo olho, o *doping* da bandeira e do hino, a subida um grau acima da terra. A China continuou excluída do «show»: Cuba presente e de que maneira, como se estivesse comemorando Moncada nas pernas maravilhosas de Juantorena. E há o *amadorismo* de Viren treinando no Quénia e na Colômbia, sangue, sempre novo para dar alegrias a quem lhe paga os longos estágios. E temos o *nosso* Marques, e o *nossos* Lopes (torneiro-mecânico, longa estrada percorrida até Montreal), e os nossos homens do judo (a fazer o que lhes ensinaram), mais os mosqueteiros do Atletismo (Moniz à frente, Aniceto e Jesus, Mamede e Carvalho como dignos caudatários).

Mas, os Jogos foram (sobretudo) de um sobressalto constante: fugas, deserções, asilos políticos, ameaças, promessas, fraudes, drogagens juras, mentiras, opacidade negrume aqui e além um rasgo de insólita beleza. Que nos dará Moscovo? Que sucederá na estrada até se atingir a OLIMPÍADA »»? Haverá (mesmo) confraternização em 1980?

ANACLETO

À partida para a maratona, faziam-se cálculos: e, com toda a gente ansiosa pelo duelo entre Viren e Shorter, acreditava-se que, entre os 71 que largavam para a estrada, o nosso Anacleto Pinto lograria lugar entre os melhores 20 no regresso ao estádio. Falharam por pouco os cálculos da maioria.

No tocante a vencedor, temos conversado: a surpresa veio da RDA, de um sujeito chamado Waldemar Cierpinski (26 anos) que apenas pela 4.ª vez alinhava em *esgalhas* daquele quilate. Estudante de Educação Física (em Halle), leve e baixito (68 quilos, um metro e 70) apenas correra, até 1974, provas de 3000 obstáculos e 10 000: em Montreal, à partida para a maratona, já tinha a 5.ª marca mundial nos 42,195. Porém, ninguém diria que o moço seria capaz de destruir o belo sonho de Viren e, sobretudo, ultrapassar (bem) o favoritíssimo Frank Shorter.

Choviscava em Montreal quando a corrida principiou: o inglês Barry Watson foi o primeiro maratonista a saír do estádio. Aos cinco quilómetros (15 m 18 s), um grupo de 15 atletas saía da «maralha»: Anacleto Pinto largara no bloco cimeiro. Com 10 quilómetros andados, (30 m 48 s) o norte-americano William Rogers era o «leader», logo seguido por Shorter (EUA), Viren (Finlândia), Jerome Drayton (EUA) e Anacleto. Com uma vintena de quilómetros nas pernas, Shorter, Rogers e Viren davam o tom ao andamento. Então, numa leve subida, Shorter pretendeu fugir: logo surgiram dois tenazes perseguidores, que o envolveram nas suas malhas. Era o pacato alemãozinho Cierpinsky mais um indiano (Shivnat Sinh): e os 35 quilómetros foram passados nos tempo de 1 h 47 m e 21 s: Anacleto perdera o contacto com os donos do festival e marchava já com extremo sacrifício, sob uma chuva que (providencialmente) aliviava um pouco os esforços dos maratonistas.

Irresistível, dominador, Waldemar Cierpinsky cortaria a meta em 2 h 09 m 55 s (apenas a 1 minuto 21,4 segundos do máximo mundial na distância, em poder do australiano Clayton). Pela estrada fora, ainda vinha o finlandês de asas nos pés: Viren somente atingiria o fio branco em 5.º lugar, atrás do homem da RDA, do norte-americano Shorter, do belga Lismont e de Donald Kardong (EUA). Anacleto Pinto, chegado em 22.º (2 horas 18 minutos e 53,4 segundos aquém do seu melhor: 2 h 14 m 37 s, conquistando no Algarve), esteve dentro do que se esperava: não decepcionou, bateu-se como um valente, mostrou que os relógios portugueses não andam mais depressa que os cronómetros electrónicos que funcionaram nas Olimpíadas. Esteve em Montreal por mérito próprio: naquela inesquecível equipa orientada por Mário Moniz Pereira, o benfiquista da maratona cumpriu o papel com dignidade igual à dos mais afortunados.

E, por falarmos em Mário Moniz Pereira: impõe-se, é urgente, não pode falhar a imediata atribuição da «Medalha de mérito desportivo», ao competente técnico que gisou plano eficiente e, como óptimo general, comandou sem a mais leve falha as suas hostes. Moniz Pereira, autor único de um plano meticuloso, merece um aceno oficial pelo seu trabalho consciente, pela dedicação sem limites que tem oferecido ao Atletismo nacional agora em maré de grande euforia.

ARQUIVO

Enfim: os Jogos passaram à história. Com muitos anos de trabalho desfeito em espuma: o abandono do belga Emiel Puttemans (recordista mundial da distância) nos 5000 metros; o estreito pulo de Ulrike Meyfarth (Alemanha Ocidental) que com o seu salto de 1 e 78 não passou o mínimo para acesso à final (1 e 80) de que era grande favorito; o tremendo desaire do estado-unidense White Stones, que baqueou quando a fasquia estava a 2 e 23.

Muitos insólitos: uma saia de mulher encontrada abandonada na bancada do estádio, cinco medalhas que têm de devolver os símbolos porque não passaram no controlo anti-«doping», três refugiados políticos a criarem cabelos brancos nas cebeças de autoridades canadianas.

Belos triunfos no «tartan» olímpico: John Walker (23 anos, 1 e 86, 75 quilos) perfil de «viking» com passaporte neozelandês, revalidou o triunfo do compatriota Peter Snell (1964) no quilómetro e meio (3.39,17) o polaco Wszola deslizava sobre a fasquia (2,25) e medalhava-se de ouro; os norte-americanos arrebatam o público com a vitória nas estafetas (4 x 100 em 38,4 e 4 x 400 em 2.28,65); a lançadora soviética Ivanka Christinova arremessa o peso a 21,16 metros de distância; as meninas da RDA limpam as estafetas (4 x 100 em 42,55 «record» olímpico; 4 x 400 em 3.19,24, novo «record» do Mundo) a belga Ivanka ganha o pulo em altura e fica a chorar, beijando a medalhinha que irá mostrar um dia aos netos.

CONFIRMAÇÕES

A França foi a última nação a ver a sua bandeira erguer-se no estádio como triunfadora olímpica: triunfo hípico nos saltos (por equipas) já esperado, embora se admitisse mais firme réplica dos outros blocos favoritos para o «podium» (Alemanha Federal e Bélgica), lamentando-se que Portugal tenha ficado ausente numa das raras modalidades em que podemos (afoitamente) competir em plano de igualdade com os mais credenciados. Enfim: mandou quem tinha os livros.

Enquanto o cubano Teófilo Stevenson continuava campeão de «pesados» e os seus compatriotas Jorge Hernandez e Angel Herrera levavam títulos para a Ilha, os E. U. A. prosseguiam como donos do boxe, arrebatando cinco medalhas de ouro e mostrando um sensacional esgrimista de punhos: o meio-pesado Leon Spinks.

Judo: três ouros para o Japão (Uemura no toupo de toda a gente). Luta: a U. R. S. S. pendura-se em cinco dos 10 títulos. Equipas soviéticas tomam a bússula também em canoagem. Quanto ao futebol, o esperado: R. D. A. (ouro), Polónia (prata) e U. R. S. S. (bronze) atiraram pela borda fora os incipientes brasileirinhos e outros do mesmo (fraco) poder físico para estas cavalarias. Talvez (acrescente-se) pelo modo como é definido, consoante os matizes, o estranhos conceito de amadorismo desportivo.

Enfim: tombou o pano, desarruma-se a feira, retorna-se a penates. Há um universo de desilusões: e estranhas (por inesperadas) alegrias. Por cá, tudo bem no ano que está: veremos se a lição deixa isca no anzol. Para não voltarmos a ficar, também em Desporto, orgulhosa (e vilmente) sós no caminho para o azul. O passo da ousadia, a fuga ao anonimato, foi dada em Montreal.

Moscovo fica no caminho

A *verde-branca* Conceição Alves (3859 pontos) tornou-se a recordista nacional do pentatlo, derrubando a melhor marca anterior: 3672 pontos, de Helena Relvas (ao tempo a representar o Desportivo de Lourenço Marques).

Foram as seguintes as vencedoras das Provas: 200 metros — Vera Lisa (Belen.), 26,1; 110 m barreiras — Conceição Alves (Sp.), 14,6; Peso — Nora Araújo (Bf.), 10,10 m; Altura — Conceição Alves (Sp.), 1,72 m; Comprimento — Conceição Alves (Sp.), 5,68 m. Conceição Alves, obteve os seguintes resultados: 200 m — 26,6 s (2.º); 110 m barreiras — 14,6 s (1.º); Peso — 9,61 m (2.º); Altura — 1,72 m (1.º); Comprimento — 5,68 (1.º).

Classificação final: 1.ª Conceição Alves (Sp0, 3859 pontos; 2.ª Vera Lisa (Belen.), 3397; 3.ª, Nora Araújo (Benf.), 3389; 4.ª Cristina João (Benf.), 2353; 5.ª Isabel Vieira (Sp.), 2167.

De salientar que este foi o último pentatlo regido pelas provas actuais: segundo orgânica já internacionalmente aprovada, a corrida de 200 passará para a história, dando lugar a uma competição de 800 metros.

Nas imagens: Conceição Alves vai falhar 1 e 74 em altura enquanto a belenenses Nora Araújo mostra o «cabedal» com que se apresentou para vencer o lançamento do peso.

ANÉIS OLÍMPICOS

DEDICATÓRIA

Irena Szewinska, nova campeã olímpica dos 400 metros, nova recordista do Mundo, continua a apresentar o seu sorriso doce, que ela «passeia» há anos por todos os estádios do Mundo. Numa conferência de Imprensa a «Gioconda» soviética disse, graciosamente: «**Corri para o meu filh-Andrezj, que tem seis anos e meio e que estava a ver-me na televisão**».

«Creio que disputei a corrida mais importante da minha carreira. Sei que em 1980, em Moscovo, estarei simplesmente como turista. Mas não vou parar já com o atletismo: conto correr mais um ano ou dois. O Atletismo é a minha vida. Gosto de me treinar. Gosto da competição, de encontrar pessoas: tenho muitos amigos, em todos os estádios».

PÚBLICO

Um comunicado emitido pelo Comité Olímpico Canadiano, informa-se de que 1 876 438 espectadores afluíram às provas olímpicas nos primeiros nove dias. No passado domingo, a assistência cifrou-se em 329 499.

Veja na TV

Pelas 22 e 30, a RTP exibe hoje uma «Revista Olímpica», com diversas imagens referentes a provas dos Jogos, merecendo especial destaque alguns «records» e a cerimónia de encerramento.

Fracasso-mor dos norte-americanos

A distribuição final de medalhas nos Jogos Olímpicos de Montreal foi a seguinte:

	OIRO	PRATA	BRONZE	TOTAL
URSS	47	43	35	125
RDA	40	25	25	90
EUA	34	35	25	94
RFA	10	12	17	39
Japão	9	6	10	25
Polónia	8	6	11	25
Bulgária	7	8	9	24
Cuba	6	4	3	13
Roménia	4	9	14	27
Hungria	4	5	12	21
Finlândia	4	2	—	6
Suécia	4	1	—	5
Grã-Bret.	3	5	5	13
Itália	2	7	4	13
Jugoslávia	2	3	3	8
França	2	2	5	9
Checoslováquia	2	2	4	8
Nova Zelândia	2	1	1	4
Coreia do Sul	1	1	4	6
Suiça	1	1	2	4
Jamaica	1	1	—	2
Coreia do Norte	1	1	—	2
Noruega	1	1	—	2
Dinamarca	1	—	2	3
México	1	—	1	2
Trindade	1	—	—	1
Canadá	—	5	6	11
Bélgica	—	3	3	6
Holanda	—	2	3	5
PORTUGAL	—	2	—	2
Espanha	—	2	—	2
Austrália	—	1	4	5
Irão	—	1	1	2
Mongólia	—	1	—	1
Venezuela	—	1	—	1
Brasil	—	—	2	2
Áustria	—	—	1	1
Bermuda	—	—	1	1
Paquistão	—	—	1	1
Porto Rico	—	—	1	1
Tailândia	—	—	1	1

Geral

Quadrilha detida – acabam os "esticões"?

Uma quadrilha composta por três indivíduos e especializada no furto por esticão acaba de ser detida, para posterior envio a tribunal.

A história: José Antonio Teixeira da Fonseca, de 25 anos, Orlando Jorge Duarte Semedo, de 23 e Frutuoso Lopes Moreno, de 23, todos solteiros e sem profissão associaram-se para, em conjunto, extrairem objectos de ouro (pulseiras, e fios) a transeuntes descuidados. Para isso serviam-se de dois rapazes de 15 anos que avançavam, estrategicamente pedindo lume para acender o cigarro.

Entre o procurar do isqueiro e o acender do cigarro, voava normalmente o fio ou a pulseira, arrancados por eficiente esticão. As vitimas como é normal, perseguiam os jovens mas rapidamente entravam em cena os três adultos que, à distância, vigiavam a acção dos seus colaboradores. Gritando que se estava a maltratar os garotos não raro se serviam de facas para dissuadir os perseguidores, quando não lhe passavam um «nó de gravata» ao pescoço, aproveitando a confusão.

Havia dezenas de participações contra os componentes deste grupo que, ontem mesmo, foram detidos pela PSP.

CARTEIRA PERDIDA

Na carreira 46 dos autocarros urbanos foi perdida uma carteira pertencente a José de Brito, que continha, para alem de todos os documentos de identificação do seu titular e 7300$00 em dinheiro correspondente ao mês de salário que ontem mesmo havia recebido.

O sr. José de Brito pede a quem porventura tenha encontrado o dinheiro e documentos o favor de os remeter para a sua morada, Quinta Marquês de Abrantes, 92, porta 2, Marvila. Fácil se torna calcular a falta que lhe fazem os documentos e o salário com que sustenta a família.

Assalto em Paris a um banco português

PARIS, 2 — Continuam por localizar cinco individuos, entre os quais um negro e uma mulher, que, na tarde de sábado, assaltaram nos subúrbios desta cidade, uma delegação do Banco Pinto e Sotto Mayor, apoderando-se de 400 mil francos franceses

Os assaltantes, que após a operação fugiram numa carrinha amarela mais tarde encontrada abandonada pela Polícia, penetraram no banco, instalado num depósito de camionagem, armados de duas pistolas-metralhadoras

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento soprava fraco predominando de Leste.

TEMPERATURAS EXTREMAS

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo, vento fraco soprando moderado de Nordeste durante a tarde a Sul do Cabo Carvoeiro

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	26º
COIMBRA	25º
PORTALEGRE	27º
LISBOA	26º
FARO	26º
FUNCHAL	22º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.31	3,6 m	1.53	1,2 m
20.58	3,6 m	14.17	1,3 m
Dia 3			
9.37	3,5 m	2.58	1,4 m
22.14	3,5 m	15.31	1,5 m
Dia 4			
10.56	3,5 m	4.14	1,5 m
23.36	3,5 m	16.55	1,5 m

AMANHÃ

NASCER AS 6.40
OCASO AS 20.46

DIA 2 — DIA 10 — DIA 18 — DIA 25

radio

1.º PROGRAMA

16.00, Música variada; **17.00**, A nova canção espanhola; **17.30**, Orquestras; **18.00**, Música Portuguesa; **19.00**, Música variada; **20.00**, Jornal da noite; **20.30**, Instrumentistas; **21.00**, Contraponto — Editorial: Apontamento de teatro; **00.00**, Ultimo jornal; **00.30**, Jazz; **01.00**, Música na noite.

2.º PROGRAMA

16.00, A ópera em um acto «Cavalleria Rusticana», de Mascagni; **17.15**, Música de câmara — Sonata n.º 2 em ré menor, op. 14, para piano, de Sergei Prokofieff — Sonata n.º 2 em lá maior, op. 100, para violino e piano, de Johannes Brahms; **17.55**, Música sinfónica — An Outdoor — Abertura de Aaron Copland — Concerto em lá menor, op. 129, para violoncelo e orquestra, de Robert Schumann — Poema sinfónico «O Canto do Rouxinol», de Igor Stravinsky; **18.55**, Canções de Jean Sibelius pelo baixo Kim Borg, ao piano Erik Werba; **19.10**, Música aquática — Suite p/orquestra, de Georg Friedrich Händel; **20.00**, Soles de piano — Seis peças p/crianças, de Felix Mendelssohn — Suite Bergamasque, de Claude Debussy; **20.30**, Bailado «Fancy Free», de Leonard Bernstein; **21.00**, O CANTO E OS SEUS INTERPRETES; PORM Helena de Freitas; **22.00**, Obras de Ludwig Van Beethoven; **23.00**, Intercâmbio musical — Música suéca em gravações cedidas pela Rádio Suéca; **23.45**, A orquestra sinfónica da radiodifusão Portuguesa, dirigida por Álvaro Cassuto, interpreta concerto em dó maior, de Haydn. Solista em violoncelo Maria José Falcão; **00.15**, Música de câmara — Sonatina, de Pierre Boulez — Quarteto op. 3, de Alban Berg; **01.00**, Fecho.

3.º PROGRAMA-Nacional e Regional (295 m)

16.00, Variante (continuação); **16.15**, Caso ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.40**, Mulher, agora e aqui, pela Comissão da Condição Feminina; **17.10**, Vamos ao médico, pelo Dr. José Matildes; **17.30**, Teatro em Variante, por Fernando Mildões; **18.00**, Emissão regional — «Contacto»; **21.00**, Música, só música; **21.30**, Quando o telefone toca; **23.05**, Hora Lutera-na; **23.20**, A música e as vozes.

3.º PROGRAMA-Local (187,5 m)
18.00, Entardecer — De vez em quando; **19.30**, Romance duma cidade (repetição); **20.00**, Cartas a ninguém; **21.00**, Sinal horário — Noticiário — Hino Nacional — Fecho.

4.º PROGRAMA

16.00, Musica variada; **17.00**, Canções; **18.00**, Apenas música; **19.00**, Em órbita; **20.00**, Orquestras; **21.00**, Concerto; **22.00**, Auditório; **24.00**, Prisma; **02.00**, Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00, Noticiário, **1605**, Sequencia da tarde; **18.00**, Noticiario Regional; **18.05**, Trechos seleccionados; **18.15**, Igreja em notícia — Palavra do dia; **18.30**, Transmissão do Terço; **19.00** Programa da Liga dos Amigos da rádio Renascença; **20.00**, Objectivo; **21.05** Programa da Liga dos Amigos da Rádio Renascença; **22.00**, Quando o telefone toca; **22.30**, Temas vivos; **23.05** Trifonico; **23.30**, Estante giratoria, **00.00**, Meditando; **02.00**, Encerramento da Estação.

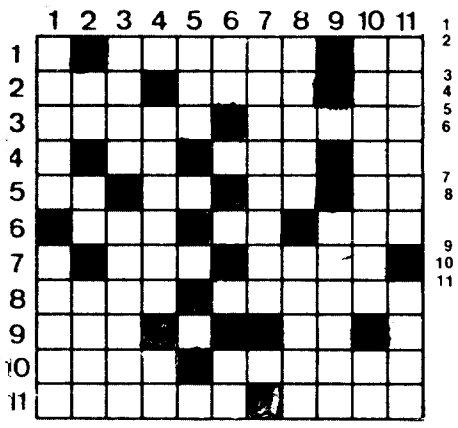
BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 2 3/4 %	–	275$	–
Cons. 3 %	–	300$	–
Cons. 3 1/2 %	–	350$	–
Centenários	–	800$	–
Tes. 5 %	500$	770$	–
Tes. 10 %	–	500$	510$
Extern. 1.ª - s.	–	450$	–
Extern. 1.ª - c.	–	450$	–
Extern. 3.ª - s.	–	460$	–
Extern. 3.ª - c.	–	475$	–
Caut. 3.ª - s.	–	140$	–
FUNDOS PÚBLICOS			
A. I.x. 6 %	–	700$	750$
C.M.L. 5 3/4 %	–	740$	–
C.P. 5 1/2 % — 67	–	–	700$
C.P. 5 1/2 % — 68	–	580$	–
C.P. 5 1/2 % — 69	–	600$	–
Corr. 5 3/4 %	–	–	–
Metr. 5 3/4 %	–	805$	–
Tur. 5 3/4 %	–	850$	–
C.P. 6 3/4 %	680$	670$	700$
ELÉCTRICAS			
G. 5 % 58	–	–	–
G. 5 % 59	–	–	–
G. 5 % 62	–	–	–
G. 5 % 63	–	–	–
G. 5 % 64	–	–	–
G. 5 % 65	–	700$	«
G. 6 % 67	–	700$	–
G. 6 % 69	–	–	900$
G. 7 %	–	540$	–
H.E.A.A. 5 %	–	540$	–
H.E.C. 5 %	–	700$	–
H.E.C. 6 %	–	540$	–
H.E.D. 5 %	–	700$	750$
H.E.D. 6 %	–	740$	–
H.E.N.P. 5 %	–	–	–
H.E.S.E. 5 %	680$	–	680$
H.E.S.E. 6 %	–	700$	–
H.E.Zêz. 5 % — 57	–	540$	–
H.E.Zêz. 6 %	–	640$	–
N. Elec. 5 %	–	540$	–
N. Elec. 6 %	–	–	–
Termoel. 5 %	–	–	–
U.E.P. 5 % — 60	–	680$	–
U.E.P. 5 % — 63	–	700$	–
U.E.P. 6 %	–	–	–
U.E.P. 7 %	–	–	–
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % — 56	–	690$	–
A.P.T. 5 % — 58	–	–	–
Lisnave 6 %	–	730$	–
Nitratos — 60	–	600$	–
Pet. 2.ª e 3.ª	–	–	–
Sacor 7 %	–	790$	800$
Sacor 5 % — 54	–	–	–
Sacor 5 % — 60	–	–	–
Sid. 5 % — 2.ª	–	630$	650$
Sid. 5 % — 3.ª	–	–	–
Sid. 5 % — 4.ª	–	710$	–
Socel 5 %	725$	720$	730$
R. Fabril — 67	–	–	–
R. Fabril — 68	–	–	–
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %	–	–	–
Rev. 5 % 57	–	–	–
Rev. 5 % 59-60	–	–	–
Mocambique 5 %	–	–	–
Sonefe 5 %	–	–	–
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	–	–	–
F.I.D.E.S.	–	–	–

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11433



HORIZONTAIS:

A1 Artigo definido. Menos doente. Oferece.
2 Pequeno poema da Idade Média narrativo ou lírico. Espécie de tambor indígena. Item.
3 A dignidade pontificia. Nome de mulher.
4 Letra grega. Eia! Tempo do verbo haver.
5 Sódio (s.q.). Pronome pessoal. Satélite de Jupiter. Érbio (s.q.).
6 Nome de letra. O sono das irianças. Esteiro.
7 Nome de mulher. Transpirar.
8 Grande rio da Roménia. Cantou.
9 Sufixo que designa pequenez. Em partes iguais.
10 Gramo. Distinguir.
11 Rogasse. Rio dos Estados Unidos.

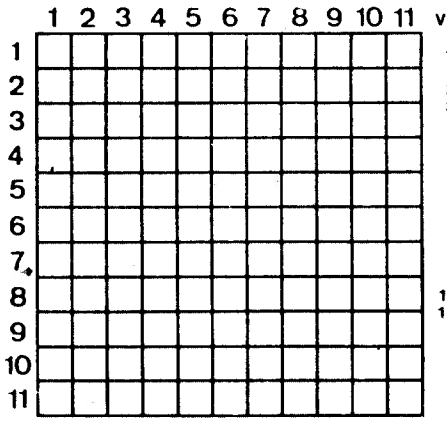
VERTICAIS:

1 Cidade da Suíça. Aliado.
2 Nesse lugar. Autores. Prender.
3 Dar mios. Petiza.
4 De Roma. Ósmio (s.q.).
5 Nome de planeta.
6 Tempo do verbo haver. Tempo do verbo ser. Artigo definido. Hélio (s.q.).
7 Opinlático.
8 Zombarão. Espécie de lanceiro nos exércitos austríacos, russo e alemão.
9 Roera.
10 Riqueza (fig.). Nesse lugar.
11 Inflamara. Freguesia do concelho de Arouxa.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7593



HORIZONTAIS:

1 Preposição. Rio de Itália. Cobrem.
2 Amante (bras.). Espécie de forragem.
3 Laço. Esmonca. Nome antigo da nota musical dó.
4 Três vogais iguais. Seguiam. Fileira.
5 Dois mil e duzentos em romano. Nome de fruto.
6 O mesmo que aromatizara.
7 Grande ribeira da Ásia Russa. Pertences. Senhor. Letra grega.
8 Monarcas. Rei de Israel, marido de Jezabel.
9 Doutora. Greda branca. Agora.
10 Irmão de Moisés. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
11 Cidade do Japão. Suporto (fig.).

VERTICAIS:

1 Proprietária. Rio da Palestina.
2 Ressoam. Simples.
3 Gosta muito de. Palmeira da Amazónia.
4 Piedosa. Acreditas. Antes de Cristo.
5 Relativos a oásis. Filtra.
6 Apelido. Érbio (s.q.).
7 Instrumentos musicais de sopro. Pronome pessoal.
8 Camareira. Vagueia.
9 Deus dos pastores. Pedra de altar. Juba.
10 Torna nulo. Estacionar.
11 Bosque. Estado costeiro do Próximo Oriente.

SOLUÇÃO DO PROBLMA N.º 11432

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Macuá. OUEM	1 MORREU. Eira.
2 Ocara. Usmar.	2 Açai. MORREU.
3 Rama. Ia. Me.	3 Cama. Ada.
4 Riana. Ni. As.	4 Urano. Mas.
5 At.	5 Aa. Calado.
6 Uma. Crepita.	6 Arredas.
7 Odiarias.	7 Quinteiro.
8 Era. Leria.	8 Usai. Pairar.
9 Ir. Madornas.	9 Em Tisanas.
10 Regada. Aa.	10 Mamia. Sa.
11 Au. Sós. Rs.	11 Restar. Sem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7592

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Lama. Omar.	1 Saga. Carmo.
2 Ser. Via.	2 Senha. Aos.
3 As. Tapar. Cr.	3 As. Maomé.
4 Gemer. Ralha.	4 Metes. Piada.
5 Anas. Rias.	5 Arar. Mascar.
6 Ho. Mia. Ag.	6 Ri.
7 Campa. Minar.	7 Ovar. Amimar.
8 Eis. Ira.	8 Mirar. Irada.
9 Ra. Acama. At.	9 Aa. Liana. Um.
10 Molda. Aduba.	10 Chaga. Aba.
11 Os. Ar. Ramas.	11 Gras. Ralas.

Provérbio: O MELHOR AMIGO É O DINHEIRO.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO D-1

Até às 22 horas

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (T. 630944)
ALTO PINA
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa 235-A (à Alameda) (T. 728277)
AMOREIRAS
Britânica, Travessa Légua da Póvoa, 5-B (T. 689250)
AREEIRO
Imperial, Avenida Guerra Junqueiro, 30-B (T. 726860)
AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 22 (T. 44995)
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Higiénica, , Rua Heliodoro Salgado, 20-A (T. 344361)
BAIXA
Oliveira, R. da Prata, 240 (T. 321415)
BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393)
LAPA
Silva, Filhos, Rua S. João da Mata, 72 (T. 661010)
LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332)
OLIVAIS SUL
TURNO D-2

Toda a noite

ALFAMA
Anunciada, Rua do Vigário, 74 (T. 866360)
ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque, 7-A (à Praça Paiva Couceiro) (T. 843571)
ALVALADE
S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A (T. 725140; **Cantaxo**, Avenida da Igreja, 21-C (T. 717958)
ANJOS
Castro, Avenida Almirante Reis, 76-A (T. 821973)
AREEIRO
Miranda, Campo Pequeno 36-B (à Avenida Sacadura Cabral) (T. 770776)
AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes, Rua de S. José, 187 (T. 326476)
AVENIDAS NOVAS
Universal, Rua Actor Taborda, 5 (T. 44158)
BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (T. 638132)
BENFICA
ALegria, Estrada de Benfica, 180-A (T. 780511)
CAMPOLIDE
Rualto L.da Alto do Carvalhão, 5-A (junto ao Aqueduto das Águas Livres) (T. 651721)
CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria 28-A (T. 688857)
MARVILA
Grijó, R. do Grilo, 25 (T. 385264)
MOURARIA
Bastos Andrade, Calçada de Santo André, 107 (T. 860450)
S. BENTO
S. Bento, Rua Poais de S. Bento 73 (T. 679673)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 2112081)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 2432839) Toda a noite
CARCAVELOS
Central, Toda a noite
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Savoioa, 29-B (Tel. 260085) Até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal, Até às 22 horas
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, R. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Tel. 2430691), Até às 22 horas
PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785). Toda a noite
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, R. 9 de Abril, 24 (Tel. 263052) Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira, Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (Tel. 260391) Toda a noite
CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); Até às 22 horas; **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214) Toda a noite.
AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)
DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)
VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530)
QUELUZ
Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)
CACÉM
Araújo e Sá, Est. de Paço de Arcos, lote 1-B (Tel. 2940781)
MEM MARTINS
Quimia, Est. Mem Martins 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Misericórdia, Vila (Tel. 2930391)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250)
ALMADA
Silva Júnior
Av. Frederico Ilrich, 9-2.º Piso-E (Tel. 2768030)
BAIXA DA BANHEIRA
Est. Nacional, 244-A (Tel. 2040141)
BARREIRO
Santa Marta, R. dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (Tel. 2072141)
COVA DA PIEDADE
Louro
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 2310035)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028)
SETÚBAL
Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Tel. 22408); **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco (Tel. 23211)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218560)

PORTO

TURNO 17

ATÉ ÀS 22 HORAS

Martino, Suc., P. Marquês de Pombal, 122 **Pombeiro**, Campo dos Mártires da Pátria, 152 **Prelada**, R. Central de Francos, 316 **S. Roque da Lameira**, R. de S. Roque da Lameira, 111 **Sá da Bandeira**, R. Sá da Bandeira, 236 **Ferreira da Silva**, R. dos Mártires da Liberdade, 150 S. Lázaro ... Rodrigues de Freitas, 297 Melo **Taveira**, R. Alcaide Faria, 77

TODA A NOITE

Ameal, R. do Ameal, 1227, **Campo Alegre**, R. do Campo Alegre, 723 **Peninsular**, R. Chã, 100

COIMBRA

Cruz e Costa — Rua António Vasconcelos, 71 (T. 22715); **Silva Soares** — Rua Mouzinho Albuquerque, 26 (T. 71454), **Vilaça** — Rua Ferreira Borges, 132 (T. 22043)

● cinemas ●

CASTIL
T. 53...15.00, 17.00, 19.00 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

PRÁ GUERRA NÃO; MEU GENERAL

Hoje às 24.00 - Ante-estreia
Intr. a men. de 18 anos

SEXUALMENTE TUA

IMPÉRIO
T. 5513475 14.30, 18.00 e 21.15

M. 10 anos

LAWRENCE DA ARÁBIA
Peter O' Toole-Alec Guiness e Omar Sherif
7 oscares-37 prémios internacionais

POLITEAMA
T. 323805 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

Interdito a menores 18 anos
A PROFESSORA DE LINGUA
com Femi Benussi. Pupo de Luca um dos seus alunos até deixou de ser ...

VOX
14.15. 16.30. 19.00 e 21.30

Para todos
QUE FIZESTE NA GUERRA PAIZINHO?
2.ª semana
UMA EXPLOSÃO DE GARGALHADAS!!!

CARLOS MANUEL SINTRA
Tel. 2930394 21.15

Não acons. a men. 18 anos

UMDETECTIVESEMIMPORTÂNCIA

D. JOÃO V DAMAIA
Tel. 717 4

Interd. a men. 18 anos
NUPCIAS DE PORCELANA

RESTELO
Tel. 610375 21.00

Hoje e amanhã 15.00 e 21.00
Não acons. men. 18 anos

CONVÉM FAZER BEM O AMOR

OXFORD
Tel. 2865027 16.00, 21.15

Não acons. men. 18 anos

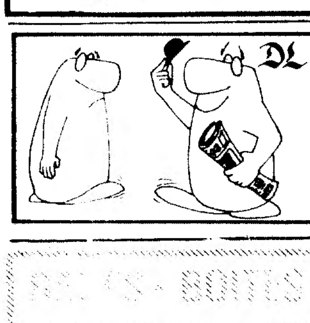
A MINHA INSACIÁVEL CUNHADINHA

CINE-TEATRO LIDO
21.15
Nao acons. a men. de 18 anos
UMA TESE ESCANDALOSA

CINESTUDIO
15.30 e 21.15

BOBBY

4.ª semana de êxito



BARES - BOITES

NINA — Dancing com atracções Rua Paiva de Andrade, 7-13, (Tel. 364859 368197) Marta Monica Strip-teaseuse
CASINO DO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais T. 264621/264946

CALEIDOSCÓPIO
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Festival Jerry Lewis

O REI DO CIRCO
de Joseph Peuney
Para todos

EDEN
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Interdito men. 18 anos

FOGO NO SANGUE
Um filme super-audacioso

Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ODEON
Te. 32... Hoje: 15.15 e 18.15

A MINHA INSACIÁVEL CUNHADINHA

Hoje às 21.15 - Estreia - e amanhã às 15.15, 18.15 e 21.15

M. 10 anos

SOMOS NOIVOS

APOLO 70
Tel. 703311 13.45, 17.15, 19.15 e 21.15

Não acons. a men. 18 anos
À QUEIMA ROUPA

Hoje às 24.00 (Grupo D/18 anos)

LADRÃO QUE ROUBA LADRÃO
com James Coburn

ROMA
Tel. 727778 17.00, 19.00, 21.15

Interdito a menores 18 anos
EMMANUELLE A ANTIVIRGEM
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

S. JORGE
Tel. 5... 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. menores 18 anos
entre o amor e a vingança
Burt Reynolds e
MCKLUSKY, O INDOMAVEL

ESTÚDIO
Tel. 555134 15.00, 17.00, 19.00 e 21.15

VICIO DE MATAR
Paul Newman e Bill «The Kidd»
2.ª Semana

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 15.30, 18.30 e 21.15

O ESTRANHO MUNDO DE DAISY CLOVER
Hoje às 24.00 (Int. a men. 18 anos)
EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM

MUNDIAL
Tel. 538743 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. menores 13 anos

AVENTURA E AVENTURA
3.ª Semana
com Lino Ventura e Aldo Maccione

AVIS
Tel. 47163 15.30, 18.30 e 21.15

Nao acons. men. 18 anos

O DEVER CONJUGAL

CASINO ESTORIL
Hoje às 18.15 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

O CURANDEIRO DE ALCOVA

Transportado pelos
Caminhos de Ferro Portugueses

UNIVERSAL
Tel. 77440 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

Hoje e amanhã ... 21.00
Hoje e amanhã
17.00 (Int. a men. 13 anos)
O PROSTITUTO
20.30 - (Int. a men. 13 anos)
O VÍCIO
14.30 e 22.30 - (Int. a men. 18 a.)
O CIO
Hoje às 00.30 (Int. a men. 18 anos)
O VÍCIO
Filmes de Andy Warhol

CONDES
Tel. 322523 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15

Nao acons. men. ... anos

CAVALGADA FANTÁSTICA
com Lee Van Cleef e Catherine Spaak

BERNA
T. 776... 14.00, 16.... e 21.15

Nao acons. men. ... anos

UM LANCE NO ESCURO
a obra prima de Arthur Penn

Com Gene Hackman e Susan Clark

LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

PATO COM LARANJA

Hoje às 24.00
Não acons. a menores de 13 anos

MARGARIDA E O MESTRE

ROXY
Te. 48... 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a men. 13 anos

O Ultimo Adeus
com Sofia Loren e Marcello Mastroianni

TIVOLI
Tel. 70...

Não acons. a menores de 13 anos

...

E TUDO O VENTO LEVOU

8.ª Semana

Com Clark Gable e Vivien Leigh

ALVALADE
Tel. 897480 15.30, 18.30 e 21.15

GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE

c. Elisabeth Taylor e Paul Newman

Para maiores de 18 anos

PATHÉ
Tel. 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Interdito a men. 18 anos
FOGO NO SANGUE

Um filme super audacioso

Contem cenas eventualmente chocantes

NIMAS
T. ... 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

... 18 anos

CHOVE EM SANTIAGO
o Chile de Allende a Pinochet

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADÓQUE
20.30 e 22.45 (18 anos)
«A Grande Cegada»
ABC
21.30 (6 anos)
«A Vida é Boa»
LAURA ALVES
20.45 e 22.45 (18 anos)
«Vamos Trocar de Mulheres»
TEATRO ABERTO
21.15 Grupo 4
«O Circulo de Giz Caucasiano»

VARIEDADES
21.15 (18 anos)
«Equus-amargura para um cavalo»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.15 (18 anos)
«Soldado Azul»
EUROPA
21.30 (13 anos)
«A história de uma freira»
CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
JARDIM
21.30 (13 anos)
«Yuppidu»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Cow-boy virgem»
PROMOTORA
21.15 (10 anos)
«Os gloriosos malucos das máquinas voadoras»
OLIMPIA
21.00 (18 anos)
«A prima»
SATÉLITE
21.15 (13 anos)
«A mulher casada»
S. LUIZ
21.30 (18 anos)
«Lola Montes»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
16.00, 21.00 (18 anos)
«O curandeiro de Alcova»

ESTORIL
Palácio
21.15 (6 anos)
«O regresso da pantera cor-de-rosa»

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«A minha insaciável cunhadinha»

LINHA DE SINTRA

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Umdetectivesemimportancia»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (13 anos)
«Jeremy, o primeiro amor»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«A minha mulher e um violonsexo»

PORTO/Cinemas

TERÇO
21.15 (18 anos)
«Lambina»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Uma tese escandalosa»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiago»

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Canção da Noruega»
SÁ DA BANDEIRA
21.15 (13 anos)
«Garganta Funda»
JÚLIO DINIZ
21.15 (13 anos)
«Os malucos vão à guerra»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Os sinos da morte»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Trinitá Cow-boy insolente»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Os Canhões de Navarone»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«The Sex Symbol»
TRINDADE
21.15 (13 anos)
«A queda do Império Romano»
ESTÚDIO
21.15 «A Vida começa aos 20 anos»
S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«Cristina e o Cardeal»
VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Os Véus de Bagdade»
OLIMPIA
21.15 (18 anos)
«A Noitada»

BATALHA-BEBÉ
22.00 (13 anos)
«Os Violinos do Diabo»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (13 anos)
«Quo Vadis»

GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Sonho de amor»

AVENIDA
21.15 (13 anos)
«O Inspector Martelada»

S. TEOTONIO
21.15 (13 anos)
«As brancas montanhas da morte»

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Judiciária lançou uma rusga ao "mercado negro" de divisas

Uma rusga surpresa realizada no café «Central da Baixa», à Rua do Ouro (uma espécie de bolsa clandestina de divisas), levou à detenção de um indivíduo e à apreensão de duas pistolas 6.35.

Na origem da rusga esteve o conhecimento, por parte da Polícia Judiciária (Secção Central), de grandes negócios à margem da lei, normalmente envolvendo divisas estrangeiras.

Em resultado da acção policial foi ainda apreendida grande quantidade de dinheiro em maços de notas, nomeadamente de cem dólares.

A rusga da P. J. foi norteada também no propósito de se detectarem notas falsas de cem dólares (os famosos «dólares algarvios»), cuja circulação vem sendo tentada por falsários ainda não capturados.

Aliás, as suspeitas da Polícia parecem agora amplamente justificadas: em todos os maços de notas de cem dólares apreendidos faltava uma nota (eram maços de nove) o que leva a crer que os «passadores» aguardavam o momento oportuno para completarem os maços com «dólares algarvios».

Acrescente-se que a intervenção da P. J. surge no prosseguimento de medidas que visam neutralizar o negócio de divisas que vem assumindo proporções de escândalo.

Entretanto, aqueles que procuram resolver os seus problemas recorrendo ao mercado clandestino de divisas, enfrentam agora um novo risco: o de comerem gato por lebre, que é como quem diz, «dólares algarvios» por dólares americanos.

Ministro Costa Brás foi ver o Adóque

O tenente-coronel Costa Brás, ministro da Administração Interna, foi um dos espectadores da revista «A Grande Cegada», na noite de sexta-feira, no teatro Adóque. Comentando o facto, aquele agrupamento de teatro diz-nos que «espera e deseja que o ministro não encontre tantos problemas no exercício das suas funções como os que às vezes se deparam a esta cooperativa». O Adóque, sem tutelas empresariais e sem subsídios, tem de fazer a sua própria «administração interna».

Um caso de sabotagem?

Fábrica de plásticos consumida pelo fogo

PORTO, 2 — Cerca das cinco e meia da madrugada de hoje, manifestou-se um violento incêndio na Fábrica de Plásticos «Linobela», sita na Rua das Pedreiras, Vilar Paraíso — concelho de Gaia. Os prejuízos, parcialmente cobertos pelo seguro, elevam-se a 12 mil contos.

Admite-se, entretanto, que o fogo tenha sido provocado por sabotagem: momentos antes da deflagração do incêndio, ouviu-se uma forte explosão, levando a suspeitar que se tratou de uma bomba.

Todo o material existente na fábrica foi pasto das chamas. Não se registaram, contudo, desastres pessoais.

No combate ao incêndio, até cerca das 7.30, trabalharam as corporações municipais de Gaia e os voluntários de Valadares e coimbrões, que montaram seis agulhetas.

UM DETIDO POR OUTRO INCÊNDIO

Acusado de ter ateado fogo a várias matas da região de Pedras Salgadas foi detido Domingos Pires da Silva, de 17 anos, natural de Melhe, em Ribeira da Pena.

A neutralização de mais este presumível incendiário ficou a dever-se ao esforço desenvolvido por militares da Força Aérea, adidos ao serviço de incêndios nas florestas, com base naquela localidade, em conjunto com o responsável local dos serviços florestais.

NA ZONA FLORESTAL DE BRAGA

Tudo leva a crer que os fogos que estão a destruir vastas áreas de florestas na região de Braga são de origem criminosa. Efectivamente, há já alguns dias que os bombeiros municipais daquela cidade e centenas de militares do R. I. B. ajudados por populares não têm um momento de descanso pois são inúmeros e dispersos os locais onde as chamas irrompem com violência, destruindo grande parte da nossa riqueza florestal. O tempo seco tem, também, contribuído para agravar ainda mais a situação.

A zona mais atingida tem sido Santa Marta, composta por uma densa floresta de pinheiros. O fogo, esta manhã, avançava assustadoramente em várias direcções, nomeadamente sobre a freguesia de Esporões. Segundo nos informaram os bombeiros as povoações não correm, de momento, qualquer risco.

Também a zona de Moreira tem sido flagelada pelas chamas.

Sismos na China

Continuação da pág. 1

tivos». Entretanto, mantém-se a classificação de «extremamente severos» para as perdas de vidas e os prejuízos materiais.

Os residentes estrangeiros em Pequim chegados a Hong Kong dizem que a população chinesa reagiu calmamente e sem confusão aos sismos.

A Grande Muralha da China tem resistido bem aos terramotos. Nenhuma das suas pedras foi, sequer, deslocada.

Por outro lado, a China tem recusado as ofertas de auxílio de vários países, inclusive dos Estados Unidos. Fontes diplomáticas disseram que o Governo chinês «apreciava» a oferta americana, mas que não era «habitual» aceitar semelhante ajuda. A oferta partiu da Casa Branca, através de uma carta, e foi recusada no sábado. Igualmente, foi recusado um oferecimento de auxílio do Governo do Japão.

C.P.P.C. recordou Acta Final do Acordo de Helsínquia

O acontecimento histórico que para o Mundo representa a acta final do Tratado de Helsínquia é salientado, um ano após a assinatura de tão importante documento, pelo C. P. P. C. (Conselho Português para a Paz e Cooperação), que em nota que nos remeteu assinala que os «acordos de Segurança e Cooperação ultimados na capital da Finlândia o ano passado foram aceites pelo consenso geral», constituindo hoje «um programa político cujo respeito e realização prática condicionam a tranquilidade e a felicidade dos povos».

Depois de referir que os aludidos acordos e actas «despoletaram a desconfiança sistemática» e a «ameaça de recurso às armas», o documento do C. P. P. C. afirma que a «Cimeira» de Helsínquia e os seus resultados introduziram um novo sistema de relações internacionais. «Portugal», observa a mesma nota, «foi um dos países que com a sua política internacional colaborou activamente, no espírito e na letra dos princípios assinados, para levar à prática as disposições da Acta Final».

«O povo português», prossegue o texto do C. P. P. C., «sabe que, tendo contribuído, com o derrube do fascismo, para o desanuviamento europeu, a sua revolução democrática só prosseguirá se se mantiver na Europa um clima de paz, de liberdade e de segurança e cooperação, de respeito pelos direitos dos povos a reger-se por si próprios, sem interferências estranhas ou abusivas. A opinião pública, por seu turno, deve reprovar todos aqueles que por ambição, por medo ou por interesse egoísta levantam obstinadamente os maiores obstáculos e resistência às aspirações das grandes massas populares que exigem o fim das guerras».

Coronado

Dirigentes sindicais avistaram-se com o ministro

Dirigentes do Sindicato de Vestuário do Norte encontraram-se, na sexta-feira, com Marcelo Curto no sentido de saberem qual a posição do Governo relativamente ao «processo Coronado».

Como é sabido, as 36 operárias compulsivamente suspensas continuam na rua apesar das medidas e contra medidas tomadas pelo Ministério do etrabalho.

Segundo o Sindicato, o despacho que ordenou a desselagem da fábrica sem que fossem reintegradas as operárias é, na opinião de Marcelo Curto, «não uma cedência ao patronato mas uma prova de boa-vontade do Governo». Os sindicalistas foram, também, informados de que vão ser intensificadas as negociações com vista à solução do conflito e que no caso do patrão se manter renitente poderá vir a ser determinada a intervenção estatal.

Perante esta situação, o Sindicato decidiu aguardar o desenrolar das negociações «que não podem conduzir a outro resultado que não seja a reintegração», lutando pela defesa intransigente do direito ao trabalho.

"Relatório das Sevícias"

A denominada «Comissão de Inquérito encarregada de averiguar a eventual prática de sevícias e torturas em presos políticos antes do 25 de Novembro», será recebida amanhã pelas 16 horas no Palácio de Belém, onde fará entrega ao presidente da República, do relatório sobre as investigações que levou a efeito.

A Comissão de Inquérito, presidida pelo brigadeiro Henrique Calado, é composta por outros militares e juristas, e foi nomeada pelo então chefe do Estado-Maior do Exército, general Ramalho Eanes. Entretanto sabe-se que o relatório — com cerca 170 páginas — cincluirá ainda casos de torturas e sevícias ocorridas depois do 25 de Novembro, nomeadamente na prisão de Custórias.

"Prato do dia" sujeito à lei

Os restaurantes de 2.ª e 3.ª categorias e sem interesse para o turismo deverão oferecer um «prato do dia» a preço fixo — estebelece uma portaria hoje publicada no «Diário da República».

O diploma teve em consideração estudos feitos pelo Ministério do Comércio Externo, que chegaram à conclusão que «na cidade de Lisboa, e por enquanto só nesta cidade, existem fenómenos de urbanismo que determinam que parte da população trabalhadora tenha de tomar as suas refeições em restaurantes».

Para «prato do dia», o diploma estabelece uma tabela que fixa para os restaurantes de 2.ª, 3.ª e Grupo E, respectivamente, os seguintes preços: sopa — 9$, 8$ e 7$50; omoleta (três ovos) 30$, 25$ e 20$; peixe — 50$, 45$, e 40$; carne — 55$, 50$, e 45$; e doce — 12$50, 11$ e 10$.

Qualquer prato só poderá ser oferecido, no mesmo estabelecimento, como «prato do dia», com intervalo mínimo de oito dias, e deve obedecer, em quantidade e qualidade, à categoria dos outros que figurem na lista.

Sousa e Castro vai propor foro civil para os "pides"

O capitão Sousa e Castro confirmou-nos, esta manhã, manter a disposição de propor no próximo Conselho da Revolução — a reunião, marcada para amanhã, foi adiada para sexta-feira — a passagem de toda a inutrução processual e toda a responsabilidade de julgamento dos «pides» para o foro civil.

O porta-voz do C.R. que revelara tal pretensão em declarações prestadas ao «JN», mostre-se agastado com os ataques dirigidos à Comissão de Extinção, nomeadamente a recente nomeação de uma comissão parlamentar que vai elaborar um inquérito sobre a sua actividade, sobretudo ao respeitante à libertação dos agentes da extinta polía política fascista.

Considerando que tal facto irá, talvez, criar «um primeiro caso político de competência entre orgãos de soberania», por haver «separação dos poderes civis e militares», Sousa e Castro justificou entretanto as libertações feitas, baseando-se na existência de «um princípio legal que é pôr os presumidos delinquentes em liberdade provisória».

Liamba para "pássaros"

Cerca de dois quilos de liamba, plantada no Bairro da Horta Nova, em Carnide, acabam de ser apreendidos pela Polícia de Segurança Pública.

O dono da plantação, Joaquim José Correia, carpinteiro, desempregado, declarou à Polícia que a liamba deve ter germinado espontaneamente. De acordo com as suas declarações, o que se passou foi que tinha comprado sementes para pássaros, num estabelecimento da Baixa lisboeta e, enfim, talvez as sementes tivessem caído da gaiola...

O «agricultor» confiou à Polícia que já suspeitava de qualquer coisa, pois um rapaz do bairro, o Carlos sempre que passava por ali pedia um raminho.

Nota de rodapé

OFENSIVA

Mário Soares recebeu no sábado as delegações dos vários partidos e, ainda, Melo Antunes em representação do Conselho da Revolução. A esse respeito escreve-se num matutino: «Admitimos (relutantes) a presença de um conselheiro em S. Bento. Não esperávamos Melo Antunes. Será que não haverá no Restelo outros interlocutores mais válidos para a democracia que o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, «sublime» e «exemplar» descolonizador?»

A ofensiva incluía ainda este ataque frontal: « major Melo Antunes representa para o futuro de Portugal a imagem da nova incerteza, do desencanto e da frustração total dos que acreditaram na viabilidade democrática».

Nunca tínhamos ouvido classificar o neofascismo como «viabilidade democrática». Estamos a ouvir agora, cada vez mais insistentemente...

«ALTOS SERVIÇOS»

Enquanto a Assembleia da República se preocupa com a excessiva benevolência com que têm sido tratados os antigos PIDES (carrascos dos portugueses que sempre lutaram pela democracia e pela liberdade), um estranho (?) cidadão enviou um pedido ao Supremo Tribunal Militar para que fosse concedido o «habeas corpus» a Silva Pais.

O pretexto: o director da ex-PIDE, pelos «altos serviços» prestados à Pátria possuia a condecoração de S. Gregório. Claro que o Supremo Tribunal indeferiu a petição. Não sabemos o que pensará S. Gregório, ao ser chamado o seu nome para assunto tão escuro.

Mas repetimos com o Povo: S. Gregório nos valha!